

Doce escolha: Cortar por completo o açúcar da dieta afeta microbioma intestinal, com riscos à saúde, sugere estudo

PÁGINA 8



Depois dos terremotos. Corpos ficam pelas ruas em La Guaira. O resgate é feito por voluntários usando pás, picaretas e as próprias mãos, com pouca ajuda de bombeiros ou policiais

ESCOMBROS E DOR

VENEZUELA CONTA SEUS MORTOS SEM RECURSOS PARA LIDAR COM A TRAGÉDIA

YAN BOECHAT

Sob um calor de 30°C, centenas de corpos estão nas ruas de La Guaira, cidade mais atingida pelos terremotos na Venezuela. Os necrotérios estão lotados, e a busca por sobreviventes só começou a usar equipamentos e tecnologia ontem, quando a ajuda internacional chegou ao país. Já são 1.450 mortos. [PÁGINA 17](#)

COPA 2026

Um ‘surfista’ para ajudar o Brasil a fluir

Matheus Cunha virou peça-chave no ataque do Brasil e pode ajudar a seleção a furar a onda da nova geração de jogadores japoneses no primeiro mata-mata do Mundial.

CARLOS EDUARDO MANSUR
Japão: um time técnico com formação ofensiva



Aos 91 minutos. Eustáquio (7) marca o único gol de Canadá, eliminando a África do Sul do Mundial

HARRY HOW/AFP

Em jogo morno, Canadá ganha da África do Sul nos acréscimos

Neymar cede protagonismo a Vini Jr., mas ainda quer fazer dueto

BRASIL X JAPÃO
Segunda fase • 14h
ALEMANHA X PARAGUAI
Segunda fase • 17h30
HOLANDA X MARROCOS
Segunda fase • 22h



CUSTODIO COIMBRA

Para ver o Rio do mar

O Rio ganhou sua primeira trilha insular, nas Cagarras. Circuito tem até 1,2km e “desembarque molhado”, com visitante nadando 30 metros até a ilha. [PÁGINA 12](#)

RISCO SOB EL NIÑO

Seguro para agricultura é o menor em 20 anos

Após bloqueio no Orçamento, o agronegócio terá R\$ 474 milhões em subvenções para o seguro rural e, com isso, apenas 2,8% da área plantada estará protegida, menor patamar em duas décadas. Para analistas, o Brasil falha ao priorizar crédito e renegociação de dívidas rurais em detrimento do seguro, crucial para lidar com eventos climáticos adversos, como o El Niño. [PÁGINA 9](#)

Europa ainda falha em medidas de adaptação para lidar com calor extremo

Apesar de avanços em cidades como Paris e Barcelona, muitos países ainda não têm planos de ação para mitigar os efeitos das altas temperaturas. Os idosos sofrem ainda mais com a onda de calor, que causou 1.300 mortes em uma semana. [PÁGINA 18](#)

CARLOS ALBERTO SARDENBERG

A lógica do não problema que se aplica a Vorcaro e à inflação [PÁGINA 2](#)

MIGUEL DE ALMEIDA

O legado do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso [PÁGINA 3](#)

IRAPUÃ SANTANA

É preciso resistir e olhar para 56,1% da nossa população [PÁGINA 3](#)

ANTÔNIO GOIS

Mais jovens concluindo ensino básico é um feito, mas não basta [PÁGINA 7](#)

STEPHANIE ITALA RIZK

Levante-se. Ficar sentado cobra uma conta alta da saúde [PÁGINA 8](#)

No Nordeste, pré-candidatos sem apoio de Lula resistem a dar palanque para Flávio

Nomes como Raquel Lyra (PE), Ciro Gomes (CE), ACM Neto (BA) e Eduardo Braide (MA) evitam nacionalizar a campanha diante da popularidade do presidente na região. [PÁGINA 4](#)

Rio das Pedras vira foco da guerra entre CV e milícia

Berço dos milicianos, favela está na mira do Comando Vermelho, que busca dominar a região da Barra e Jacarepaguá. [PÁGINA 11](#)

ENTREVISTA/ NÉLIO SPRÉA

‘As cantigas tradicionais sofrem excesso de pudor pedagógico’

Doutor em Educação que pesquisa as tradições populares da infância brasileira afirma que “Atirei o pau no gato” corre o risco de desaparecer. [PÁGINA 7](#)

SEGUNDO CADERNO

Copa muda hábitos de consumo na cultura

Com o maior número de jogos da História, Mundial leva público a deixar filmes e séries temporariamente de lado.

Opinião do GLOBO

Delações seletivas têm mesmo de ser rejeitadas

PF e PGR acertam ao recusar propostas que nada de novo trazem à investigação do caso Master

Fizeram bem a Polícia Federal (PF) e a Procuradoria-Geral da República (PGR) em rejeitar as propostas de delação premiada de Daniel Vorcaro, ex-dono do Banco Master, e de Paulo Henrique Costa, ex-presidente do Banco de Brasília (BRB). Pelo que veio a público das negociações, elas não acrescentariam nada de relevante ao que já se sabe sobre a maior fraude bancária da História do país. É preciso fechar a porta à tentativa dos acusados de aproveitar os benefícios da lei sem oferecer informações que contribuam para as investigações, já bastante avançadas a partir do material apreendido nas operações policiais.

Apesar da mudança de advogados e das promessas de colaboração, sete meses depois de preso pela primeira vez, Vorcaro ainda não conseguiu convencer os investigadores de que está realmente disposto a falar o que sabe sobre os desmandos do Master e sua atuação nos bastidores da República. Ao contrário. A cada novo episódio que as autoridades trazem a público, sua situação se torna mais constrangedora.

A proposta de delação de Vorcaro nem citava os afagos ao senador Ciro

Nogueira, com viagens internacionais, hospedagens em hotéis de luxo e outras regalias, na tentativa de aprovar no Congresso o aumento do limite do Fundo Garantidor de Créditos para favorecer os papéis podres do Master. Tampouco o pedido do senador Flávio Bolsonaro (PL), pré-candidato à Presidência, para financiar o filme “Dark Horse”, sobre o pai, Jair Bolsonaro. Nem as relações nada republicanas de seu ex-sócio Augusto Lima com o senador Jaques Wagner, forçado a deixar a liderança do governo no Senado depois da operação da PF que revelou suspeitas de ter recebido vantagens indevidas. Vorcaro não achava tudo isso relevante? Não queria comprometer amigos? Que mais omitiu?

Há também dúvidas pertinentes sobre o destino do robusto patrimônio de Vorcaro. Ao reforçar o pedido para manutenção da prisão dele, a PF revelou ao Supremo Tribunal Federal ter identificado indícios de movimentações “compatíveis com estratégias de ocultação, blindagem ou deslocamento patrimonial”. Seria o cúmulo formalizar qualquer acordo de delação enquanto o banqueiro tenta esconder o dinheiro obtido ilegalmente.

Da mesma forma, Paulo Henrique Costa precisa sair da retranca e falar o que sabe. Ele é peça fundamental no escândalo, uma vez que a tentativa de compra do Master pelo BRB só não foi adiante por ter sido barrada pelo Banco Central. Certamente teria contribuído relevante às investigações. Na avaliação da PGR, no entanto, sua proposta de delação tem “reduzida utilidade e débil eficácia potencial”. Não ajudaria na recuperação de ativos nem no ressarcimento aos cofres públicos.

A colaboração premiada é um instrumento legítimo, que pode contribuir de forma notável para investigações — não como prova em si, mas como ponto de partida para desvendar crimes complexos. Mas não pode ser usada apenas para beneficiar o réu. Se quiser obter benefícios como redução de pena ou mudança de regime, o delator precisa apontar caminhos, fatos ignorados ou não suficientemente esclarecidos. Falar o que polícia e MP já sabem é ridículo. Omitir o que também já sabem é mais ridículo ainda. A hesitação de Vorcaro e Costa parece significar a aposta em que o estardalhaço em torno da fraude bilionária acabará em nada. Se isso acontecer, será uma lástima.

Política nacional para superdotados carece de estatísticas fidedignas

Lei que estipula atenção especial na rede pública é bem-vinda, mas ainda deixa lacunas a preencher

É bem-vinda a sanção pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva da lei que institui a Política Nacional para Estudantes com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD). A lei ainda deixa lacunas em aberto, mas ao menos toma uma iniciativa em relação a um grupo de estudantes que, da mesma forma como aqueles com deficiência física ou cognitiva, precisam ser acolhidos pela rede pública escolar, onde frequentemente acabam segregados, sem desafios à altura de suas capacidades.

Durante muito tempo, subsistiu a ideia de que deveria haver “escolas especiais” para crianças fora do padrão. Com o tempo, porém, prevaleceu o conceito de educação inclusiva para todos, pois a convivência com gente de diferentes perfis contribui para uma formação mais plena. Teve especial importância um decreto de 2011 estabelecendo que a educação especial será oferecida “preferencialmente na rede regular de ensino” para “pessoas com defi-

ciência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação”.

Apenas um decreto, porém, não tem a capacidade de tornar a escola pública um ambiente inclusivo, capaz de oferecer a cada aluno um ensino correspondente a suas habilidades. Para começar, é necessário identificar com precisão as necessidade de cada um entre 47,1 milhões de matriculados nas 179,3 mil escolas no ensino básico. De acordo com dados do Censo Escolar de 2012, citados em artigo do pesquisador Lívio Luiz Soares de Oliveira na Revista Brasileira de Educação Especial, havia naquele ano 11.025 alunos com AH/SD na educação básica, num universo de 2,5 milhões, ou apenas 0,004% do total. Pelo último levantamento, 43.950 estudantes são formalmente considerados de altas habilidades ou com superdotação. São números muito distantes dos 3,5% a 5% da população estimados pela Organização Mundial da Saúde.

O Conselho Brasileiro para Su-

perdotação afirma haver vários indícios de subestimativa no cálculo da parcela de alunos superdotados que não são devidamente atendidos. Como argumento, usa a estimativa de cerca de 15% da população com QI igual ou superior a 115. Aplicada essa proporção ao total de matriculados, haveria mais de 7 milhões de alunos nessas condições. O dado sugere haver grande contingente de crianças e jovens desassistidos.

As dificuldades para a rede escolar receber bem esses alunos se estendem aos documentos oficiais do governo federal. Nem sempre eles incluem os alunos de altas habilidades entre os que precisam de atendimento educacional especial. De acordo com o Anuário Brasileiro da Educação Básica 2025, do Todos Pela Educação, somente 41% desses alunos tinham em 2024 acesso ao atendimento estipulado por lei. A execução da política nacional para superdotados passa, antes de tudo, pelo levantamento de estatísticas fidedignas.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

CARLOS ALBERTO SARDENBERG



blogs.oglobo.globo.com/opiniao
sardenberg@cbn.com.br



Problema? Que problema?

Tem cada vez mais gente achando que o caso Vorcaro vai dar em nada. Não porque os envolvidos sejam todos inocentes. É bem o contrário: há muitos suspeitos em todo o espectro político e nas mais altas esferas do poder. Assim, tal é a conversa em Brasília, melhor abafar o caso para não criar uma crise institucional em pleno ano eleitoral.

Dirá o leitor: mas não deveria ser o contrário? Se há tantos envolvidos, gente graúda, a crise já está instalada e precisa ser resolvida, com ampla apuração e punição dos culpados, tudo dentro da lei. Faz sentido, mas não pela lógica praticada nos Poderes de Brasília. Lá, funciona mais ou menos assim: um corrupto de esquerda anula um corrupto de direita, de modo que o resultado é zero. Problema resolvido.

Vorcaro foi bem esperto. Distribuiu dinheiro e favores com as duas mãos. Formou uma legião não de “amigos de vida”, mas de autoridades interessadas em abafar o caso, por puro instinto de sobrevivência. Mas o que fazer com o próprio? A mesma coisa que ele, Vorcaro, está fazendo. Vai enrolando. Oferece uma delação fajuta, depois outra, quem sabe uma terceira — e assim vai ganhando tempo à espera de que o caso esfrie. Daí pode receber uma pena pequena, quem sabe uma domiciliar, salvando uns trocados. Moral da história: se todos estão envolvidos, então ninguém está envolvido.

Esse tipo de lógica, que faz desaparecer o problema, vale para diversas situações. O leitor pode estranhar, mas considere o caso da taxa de juros e das metas de inflação. A inflação está em alta sob qualquer medida que se considere. As projeções também. Pela regra do regime de metas, o Banco Central deveria elevar a taxa de juros (a Selic) e não reduzi-la, como fez há duas semanas. Mas, sabe como é, a Selic já está muito alta, há bastante tempo. E se a gente olhar mais à frente, lá por 2028, a inflação se aproxima da meta de 3% ao ano. Ao adiar o cumprimento da meta, o BC está, de certo modo, mudando o alvo. E tem gente dizendo que essa meta de 3% é muito baixa. Elevando-a para, digamos, 5% ao ano, está tudo resolvido. Já estamos lá, os juros podem ser derrubados.

Não é mesmo uma manobra parecida, suprimir o problema? Se bem que, nesse caso, tem outra lógica. Como diz o próprio BC, uma causa básica da inflação está no frequente aumento de gastos do governo Lula, estimulando o consumo. O BC eleva juros para esfriar a economia e derrubar a inflação. Mas o governo acelera gastos e distribui créditos subsidiados, o que aquece a economia e pressiona a inflação. Além disso, os déficits seguidos do governo Lula elevam a dívida pública e, pois, os juros. Para os analistas de fora do governo, o déficit deste ano chegará a R\$ 60 bilhões. Mas, quando se olha para as projeções do Ministério da Fazenda, lá se diz que o resultado das contas públicas será um superávit em torno de R\$ 4 bilhões. E as duas aritméticas, acreditem, estão certas. Ocorre que a Fazenda tira várias despesas da contabilidade oficial, até chegar a um superávit, que é meta do arcabouço fiscal.

De novo, suprimiram o problema. Na real, tem déficit. No papel timbrado, sobra dinheiro. Vai por aí o caso dos penduricalhos. Pela Constituição, nenhum funcionário público pode receber mais de R\$ 46.336,19, valor do subsídio mensal dos magistrados do Supremo Tribunal Federal. É o teto. Milhares de funcionários ganham muito mais que isso, com base em interpretações jurídicas construídas pelos próprios interessados. Surgiram assim os penduricalhos, auxílios diversos, vantagens, indenizações, que ultrapassam o teto, mas são considerados extrateto. O STF poderia simplesmente declarar que teto é teto — e ponto final. Em vez disso, está regularizando os penduricalhos. Na prática, suprimiu o teto.

E ficamos assim: na real, tem corruptos; a inflação está fora da meta; o déficit público sobe; a dívida aumenta; funcionários recebem acima do teto. No modo à brasileira, os corruptos escapam, a meta de inflação se ajeita, o buraco nas contas públicas desaparece, e o teto salarial não existe.

No modo à brasileira, os corruptos escapam, a meta de inflação se ajeita, o buraco nas contas públicas desaparece



CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: João Roberto Marinho

VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO

é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghbi Kachar

DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp

EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Alvim, André Miranda, Flávia Barbosa, Luiza Baptista e Paulo Celso Pereira

EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero

EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz

Rua Marquês de Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ

CEP 20.230-240 • Tel.: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://glo.bo/pri_edit

EDITORES

Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br

Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br

Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br

Mundo: Leda Balbino - leda.balbino@sp.oglobo.com.br

Saúde: Adriana Dias Lopes - adriana.diaslopes@sp.oglobo.com.br

Segundo Caderno: Marcelo Balbio - balbio@oglobo.com.br

Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br

Fotografia e vídeo: André Sarmento - asamento@oglobo.com.br

Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br

Audência: Gabriela Goulart - gab@oglobo.com.br

Acervo e Qualificação: William Helal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS

Boa Viagem: Marcelo Balbio - balbio@oglobo.com.br

Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br

Ela: Marina Caruso - mcaruso@oglobo.com.br

Bairros: Milton Calmon Filho - miltonc@oglobo.com.br

SUCURSAIS

Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br

São Paulo: Luiz Rivoiro - luiz.rivoiro@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE

www.portaldoassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)

WhatsApp: 21 4002 5300

Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL

com débito automático no cartão de crédito, ou débito automático em conta-corrente (preço de segunda a domingo) para RJ, MG, SP e ES: R\$ 179,90 (O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA

Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R\$ 7,00

Domingos: RJ, SP, MG e ES: R\$ 10,00

Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobrança de multa ou renovação da assinatura. Desconsidere qualquer contato a respeito desses temas. Para ter O GLOBO em seu ponto de venda, escreva para vendasavulsas@edglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:

Geral (21) 2534-5000 **Classifone** (21) 2534-4333

Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de noticiário: (21) 2534-5595 Banco de imagens: (21) 2534-5777 Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Noticiário: (21) 2534-4310 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4355 Missas, religiosos e funéreas: (21) 2534-4333. Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5501



A marca do mundo
florestal responsável

Leta aqui a Declaração
Conjunta ao FSC



CARBON FREE

_ SEG _ Carlos Alberto Sardenberg _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Irapuã Santana (quinzenal) _ Preto Zezé (quinzenal) _ Ana Paula Araújo (quinzenal)
_ TER _ Merval Pereira _ Pedro Doria _ Fernando Gabeira _ **QUA** _ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ **QUI** _ Merval Pereira _ Malu Gaspar _ Julia Dualibi
_ SEX _ Vera Magalhães _ Pablo Ortellado _ Bernardo Mello Franco _ **SAB** _ Thaís Oyama _ Flávia Oliveira _ Eduardo Afonso _ **DOM** _ Merval Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

MIGUEL DE ALMEIDA



blogs.oglobo.globo.com/opiniaomigs@lazuili.com.br



Feliz aniversário, presidente

Fernando Henrique Cardoso completou 95 anos no último dia 18. Ele vive em seu apartamento, em Higienópolis, acometido por Alzheimer. A doença tornou-o recluso — anteriormente, era visto com frequência nas ruas do bairro e nos seus restaurantes. Personagem da cidade, às vezes caminhava sem qualquer companhia ou segurança. Até há algum tempo, eu o encontrava às quintas na Sala São Paulo, de cujo conselho foi presidente. Era aplaudido em pé pela plateia quando avistado no camarote.

O tempo obrigou os brasileiros atentos e honestos a reconhecer a importância de seu governo. Mais sua elegância e bom humor. Cometeu erros como qualquer governante, porém acertou mais do que a maioria. Com sua autoridade, poderia ter pisado mais fundo. Bem. Seus oito anos de Presidência deixaram duas heranças fundamentais: primeira, a estabilidade econômica; segunda, a desgraça da reeleição. Não esqueço sua indicação de Gilmar Mendes para o Supremo —aquele que matou a Operação Lava-Jato e agora trabalha para aliviar os Vorcáros.

O personagem FH é resultado de um Brasil pré-1964. Cidadão do mundo, como intelectual teve acesso a ideias e discussões travadas em diferentes universidades europeias e americanas. Exilado pela ditadura militar, trabalhou com sociólogos e economistas, também banidos por seus governos ditatoriais, no Chile de Allende. Ainda antes, na USP, integrou o famoso grupo de estudos sobre Marx montado pelo filósofo José Arthur Giannotti, junto a Francisco Wefort, Paul Singer e Roberto Schwarz.

Atenção: os intelectuais acima estudavam Marx não para se tornar marxistas. Buscavam conhecimento. Caso contrário, repetiriam os bolsonaristas quando falam contra Antonio Gramsci: são incapazes de citar qualquer de suas obras.

Eleito, FH governou com a esquerda e a direita civilizadas. Seu vice era Marco Maciel, prócer do PFL, dissidência da Arena dos militares. De dentro-esquerda, buscou a modernização do Estado, com intenção de superar as amarras getulistas ainda presen-



tes na máquina e na administração. Seu ministro da Saúde, José Serra, deu ao Brasil os remédios genéricos e um dos melhores programas mundiais contra a aids. Paulo Renato, na Educação, obteve a universalização do acesso ao ensino fundamental para crianças entre 7 e 14 anos. Bateu em 97%.

A qualidade do período FH demorou a ser reconhecida em virtude da campanha de Luiz Inácio Lula da Silva e do PT. Alguns dirão se tratar de estratégia política. Talvez. Mas havia ressentimento, ou mesmo inveja, que a frieza da estratégia não explica. Ao chegar à Presidência, Lula forjou a expressão “herança maldita” para qualificar os governos do tucano. Cuspiu no prato que comeria. Pôs na presidência do BC Henrique Meirelles, ex-deputado do PSDB; seu ministro da Fazenda, Antonio Palocci, seguiu o protocolo econômico de FH; e herdou o Bolsa-Escola, depois transformado em Bolsa Família, ainda a vitrine petista de governo. Economistas se referem ao Lula 1 como sequência disfarçada da gestão tucana.

Diante do time que concorre à Presidência neste 2026, a pergunta que vale ouro: onde erramos? Depois de eleger um intelectual, professor universitário, estudioso das questões de dependências econômicas e do racismo, como agora os candidatos só discutem a corrupção Master? FH tinha ideias. E hoje, vale dizer que todos têm um preço?

Debelada a inflação, extintos os bancos

estatais (sobraram BB, Caixa e BNB, além do BRB), promulgada a Lei de Responsabilidade Fiscal e estabelecido o tripé da política econômica — em resumo, o real como símbolo de estabilidade. A emenda da reeleição tornou-se uma maldição em todas as instâncias de cargos eletivos. O primeiro atingido pelo mau feitiço foi o próprio FH — ele reconheceu tardiamente o erro. Deveria ter ouvido o grande Mário Covas, para quem o Brasil não tinha maturidade — eu diria honestidade — capaz de enfrentar as tentações colocadas na mesa pela possibilidade de reeleição.

De novo, o tempo. Os sucessivos Lulas, Dilma e o maléfico Jair Bolsonaro, com seus estilos divisivos de fazer política, deram à gestão de FH um tom de passado idílico. Não havia o “nós contra eles” e reinava — digo que foi um erro — a tolerância com os adversários. O deputado Bolsonaro disse que FH mereceria ser metralhado. (Depois os bolsonaristas reclamam que ninguém se apieda dos soluços do Jair.)

Feliz aniversário, presidente.

Na minha coluna anterior, associei indevidamente a cidade de Rio das Ostras ao ex-presidente Bolsonaro. Amigos e leitores atentos se sentiram ofendidos. Peço desculpas pela menção inadequada.

IRAPUÃ SANTANA



blogs.oglobo.globo.com/opiniaoisantanax1@gmail.com



Resistência racial

Nas semanas passadas, foram divulgadas imagens da câmera corporal de um policial militar em São Paulo referentes a um fato ocorrido em novembro do ano passado numa escola pública. A escola havia proposto uma atividade educacional sobre a cultura afro-brasileira, implementando a determinação da Lei 10.639/03, e o pai de uma aluna discordou do projeto pedagógico por pensar que havia sido ministrada uma aula de religião. Com isso, foi à escola, coagiu a professora e acionou a polícia, que prontamente o atendeu, enviando policiais armados — portando até metralhadora — para averiguar o ocorrido. Entretanto, o que as imagens captaram foi mais um episódio de violência perpetrada pelo Estado.

Durante todo o vídeo, a diretora explica o que aconteceu e chega até a convidá-los para uma reunião que ocorreria com a comunidade escolar, incluindo os pais das crianças, para explicar o plano de ensino e discutir o ocorrido. Mas, ao contrário do que a lógica sugere, recebeu acusações de não ouvir e de interromper o tenente durante a conversa. Aqui vemos um caso de evidente intolerância religiosa, combinada a um problema histórico nacional: a dificuldade de colocar em prática a Lei 10.639/03.

Para ter uma ideia, entre janeiro de 2025 e 2026, o Disque 100 registrou 2.774 denúncias. Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos, as religiões de matriz africana concentram o maior número de denúncias, chegando a 476, o que corresponde a 17,15% dos registros. O volume de denúncias de intolerância religiosa é 360 vezes maior entre os praticantes de crenças de matriz africana do que entre os cristãos (católicos e evangélicos).

A situação fica ainda mais absurda quando pensamos que o caso aconteceu numa escola de educação infantil, com professoras tendo de encarar armas de grosso calibre, justamente por parte de quem deveria proteger sua integridade física. Talvez isso ajude a explicar a grande barreira que impede as escolas de adotar o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica.

Na pesquisa “Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira”, elaborada pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra e pelo Instituto Alana, algumas questões foram expostas após 20 anos de vigência da lei.

A primeira é que ainda estamos muito distantes do ideal, considerando que apenas 21% dos municípios brasileiros responderam aos organizadores do estudo. Isso expõe o grau de comprometimento das administrações com essa política pública importantíssima. Mas não é só: o trabalho concluiu que a ampla maioria dessas cidades (71%) realiza pouca ou nenhuma ação para garantir a efetividade da lei.

A resistência que temos em olhar para nossa própria origem e para 56,1% da nossa população gera a desumanização que faz com que professoras sejam ameaçadas por aplicar a lei. Mas nem tudo está perdido, porque, graças a uma política pública eficaz, podemos tomar conhecimento dos abusos que vêm ocorrendo nas periferias e nos mobilizar para mudar essa realidade. Afinal, é preciso resistir.



ARTIGO

Lições para destravar a máquina administrativa

ALEX BRAGA MUNIZ



Administração pública vive um paradoxo: quanto mais controle, mais os gestores se paralisam. O receio da responsabilização produz a “infantilização da gestão pública” — expressão de Bruno Dantas, ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), para descrever a tendência de gestores evitarem decisões inovadoras à espera de um aval prévio. Essa paralisia custa caro ao país, em recursos desperdiçados, oportunidades perdidas, ineficiência administrativa e descrédito institucional.

O caso da Agência Nacional do Cinema (Ancine) ilustra tanto o problema — comum a dezenas de instituições brasileiras — quanto uma solução possível. Na última década, o setor audiovisual conviveu com insegurança jurídica, crescimento contínuo do passivo de prestações de contas e dificuldades para agentes econômicos que dependiam de previsibilidade regulatória. A agência consumia recursos crescentes para administrar processos acumulados, enquanto a eficácia das políticas públicas era constantemente questionada. O cenário era marcado por normas complexas, burocracia excessiva e cultura institucional dominada pelo receio de decidir. Nesse ambiente, urgências eram adiadas, e a capacidade de ação do Estado diminuía.

A reversão começou com uma mudança

de método. Não com mais normas, controles ou punições, mas com o rompimento do isolamento institucional e a adoção de um paradigma ainda pouco explorado na administração pública brasileira: o consensualismo e a construção compartilhada de soluções.

Atualmente, depois da resolução de 92% do passivo histórico de prestações de contas e do reconhecimento formal pelo TCU como “boa prática de gestão pública”, o caso da Ancine oferece lições relevantes sobre como destravar a máquina administrativa brasileira.

O caso da Ancine oferece conclusões simples. Controle não é sinônimo de paralisia. Fiscalização pode coexistir com inovação

A agência estabeleceu parceria com a Controladoria-Geral da União e aprofundou sua cooperação institucional com o TCU. Em vez de instituições atuando isoladamente — ou em conflito —, optou-se pela cooperação baseada em evidências. O resultado é o Malha Fina Ancine, que o TCU caracterizou como “abordagem moderna, transparente e baseada em risco”. O modelo combina aprendizado de máquina, priorização por materialidade e trilhas automatizadas de análise financeira e de verificação do cumprimento do objeto.

Entre 2024 e 2026, foram analisadas e homologadas aproximadamente 5.700 prestações de contas, equivalentes a 92% do passivo histórico. O estoque residual deverá ser

concluído em pouco mais de três anos. Sem o novo modelo, esse mesmo volume demandaria 41 anos de trabalho. A economia estimada para os cofres públicos supera R\$ 1,4 bilhão, considerando os custos administrativos evitados e a otimização de recursos humanos. Todos os dados estão disponíveis em painel público acessível em tempo real.

Para o setor privado, os ganhos também são expressivos. Agentes econômicos que esperavam anos por definições agora têm maior previsibilidade para planejar investimentos, desenvolver novos projetos e acessar financiamento.

Com a crise superada, a Ancine pode concentrar esforços no que realmente importa: desenvolver um setor estratégico para a economia brasileira e para a projeção internacional da nossa cultura.

O caso da Ancine oferece algumas conclusões simples. Controle não é sinônimo de paralisia. Fiscalização pode coexistir com inovação. Cooperação institucional produz resultados superiores ao conflito. Transparência fortalece a legitimidade das decisões públicas.

Reformar a gestão pública brasileira exige, antes de tudo, uma mudança de método e cultura: substituir disputas por consenso, conflito por cooperação e opacidade por transparência. O custo da inércia é alto demais para continuar sendo ignorado.



Alex Braga Muniz é diretor-presidente da Agência Nacional do Cinema

SEM NACIONALIZAR

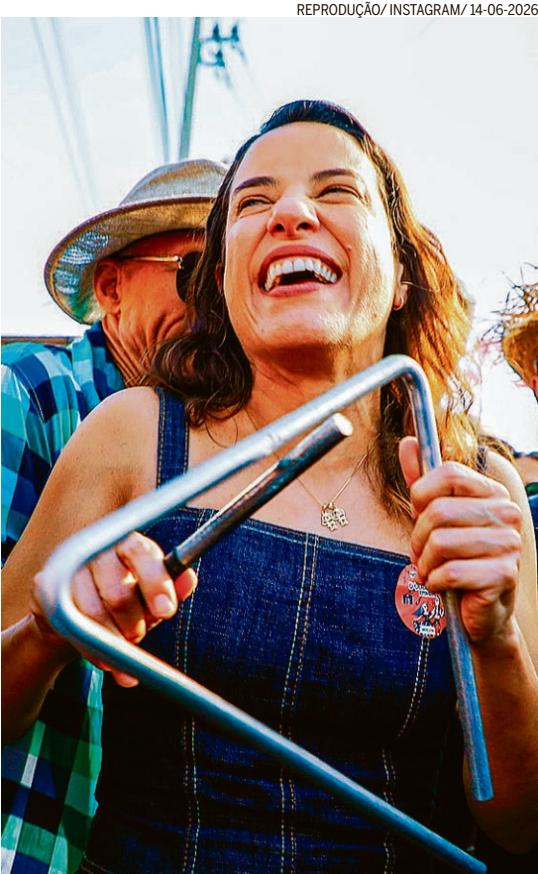
No Nordeste, candidatos ao governo que enfrentam aliados de Lula fogem de associação com Flávio



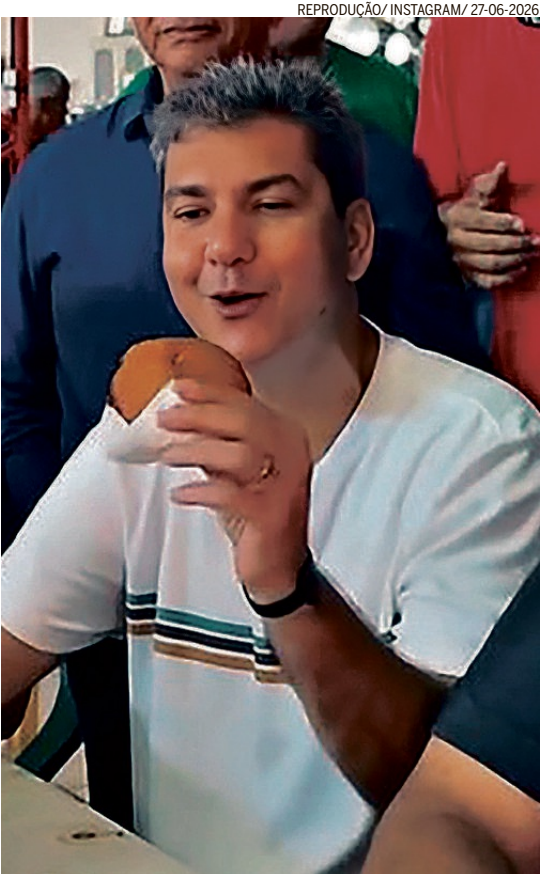
Ciro. Tucano descarta fazer campanha para Flávio



ACM Neto. Ex-prefeito resiste a ter Flávio no palanque



Lyra. Governadora tem apostado em agenda local



Braide. Ex-prefeito quer se desvincular do debate nacional

LUIS FELIPE AZEVEDO
luis.azevedo@oglobo.com.br

A fim de frear os efeitos da polarização entre o PT e o bolsonarismo, pré-candidatos a governos estaduais no Nordeste que enfrentam nomes apoiados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva têm evitado a nacionalização do pleito. A estratégia é adotada por nomes bem posicionados em pesquisas de intenção de voto, como Raquel Lyra (PSD), em Pernambuco; Ciro Gomes (PSDB), no Ceará; ACM Neto (União), na Bahia; e Eduardo Braide (PSD), no Maranhão, que rechaçam palanques conjuntos com o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), pré-candidato à Presidência. Especialistas ouvidos pelo GLOBO apontam a alta capacidade de transferência de votos de Lula na região e mudanças no comportamento do eleitorado como justificativa para que estes pré-candidatos evitem a proximidade com o presidencialiável do PL.

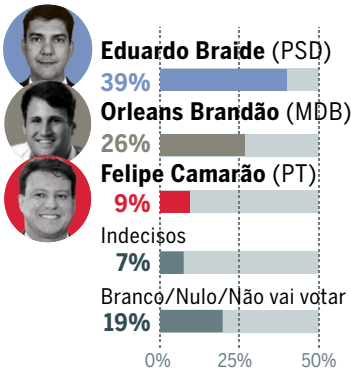
O cenário impõe um desafio para a campanha de Flávio na região, que não tem palanque, até o momento, em cinco dos nove estados do Nordeste. No Ceará e Bahia, Ciro e ACM Neto enfrentam governadores petistas que tentam a reeleição. Embora façam oposição a Lula, ambos descartam um apoio formal ao filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, pelo menos no primeiro turno.

PL SEM FLÁVIO

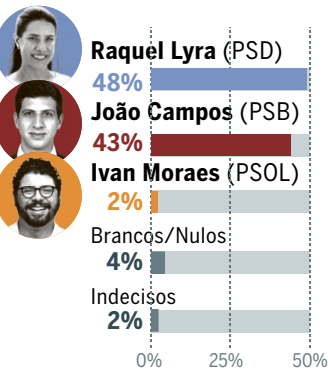
No Ceará, a aproximação do PL com Ciro Gomes esteve no epicentro da crise entre a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e Flávio. Embora o tucano descarte apoiar o senador na corrida ao Palácio do Planalto, o diretório estadual do PL negocia uma das vagas ao Senado na chapa de Ciro. Em vídeo publicado na semana passada, Michelle lembrou críticas feitas pelo tucano a Bol-

Pesquisas para Governador*

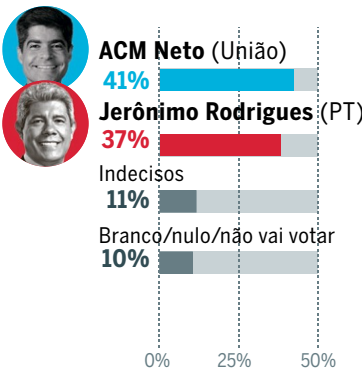
MARANHÃO
Quaest (18/3/2026)



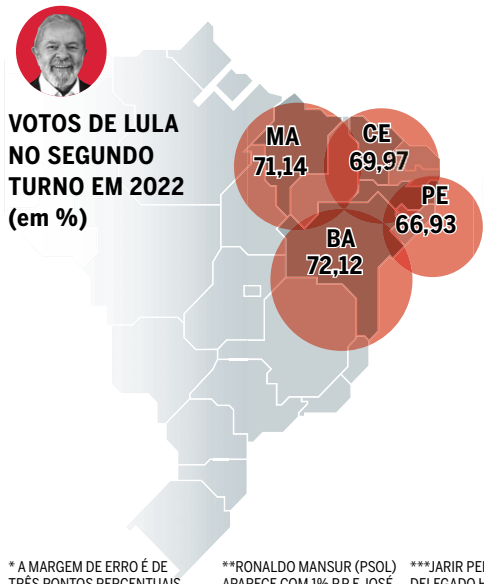
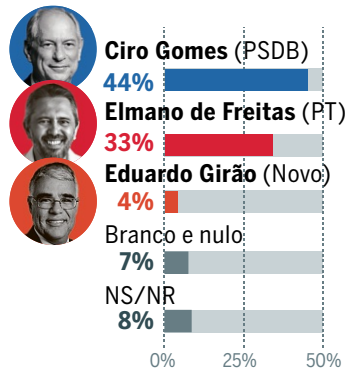
PERNAMBUCO
Datafolha (28/5/2026)



BAHIA**
Quaest (29/4/2026)



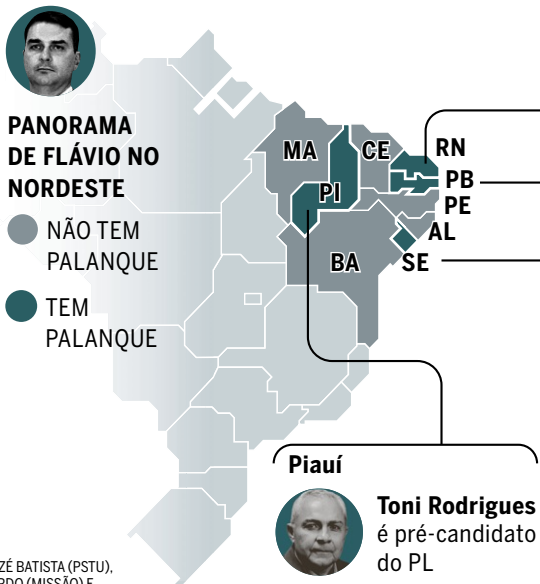
CEARÁ***
Ipsos-Ipec (3/6/2026)



* A MARGEM DE ERRO É DE TRÊS PONTOS PERCENTUAIS PARA MAIS OU PARA MENOS.

**RONALDO MANSUR (PSOL) APARECE COM 1% P.P. E JOSÉ ESTEVÃO (DC) COM 0% P.P.

***JARIR PEREIRA (PSOL), ZÉ BATISTA (PSTU), DELEGADO HUGGO LEONARDO (MISSÃO) E GIOVANNI SAMPAIO (PRO) APARECEM COM 1% P.P.



Rio Grande do Norte

Álvaro Dias é pré-candidato do PL

Paraíba

Efraim Filho é pré-candidato do PL

Sergipe

Ricardo Marques é pré-candidato do PL

Piauí
Toni Rodrigues é pré-candidato do PL

sonaro para defender que a aliança não seja selada.

Ciro tem como principal adversário o governador Elmano de Freitas (PT), que é pré-candidato à reeleição. Enquanto o petista busca colar a imagem do tucano ao bolsonarismo, Ciro aposta em temas locais na campanha, como economia, segurança pública e saúde. O ex-ministro aparece com 44% na pesquisa Ipsos-Ipec de junho, seguido por Elmano, com 33%. Em 2022, Lula teve 69,97% dos votos no segundo turno no Ceará.

Cientista política da Universidade Estadual do Ceará (Uece), Monalisa Torres aponta que, nos últimos 20 anos, os candidatos a governador eleitos no estado, todos de esquerda, usaram como ativo eleitoral a associação com Lula. Esse cenário impõe dificuldade para a oposição, que tenta tirar o grupo político consolidado

no Palácio da Abolição desde 2007.

—Ciro deseja evitar que o capital político de Lula influencie o pleito, ainda mais em um contexto no qual o governo de Elmano ainda carece de marca própria. Ao mesmo tempo, o tucano enfrenta o desafio de se desvincular do bolsonarismo no estado —afirma Torres.

Na Bahia, ACM Neto também resiste a ter Flávio no palanque mesmo com um nome do PL ao Senado confirmado em sua chapa. Como forma de evitar a nacionalização do debate estadual, o pré-candidato do União Brasil vem intensificando ataques contra o governador e pré-candidato à reeleição Jerônimo Rodrigues (PT), sobretudo nos campos da economia e do combate à criminalidade. O ex-prefeito de Salvador afirma que a gestão petista “perdeu o controle da segurança pú-

blica” na Bahia.

Para o cientista político Marcos Paulo Campos, da Universidade Estadual do Ceará, o posicionamento de ACM Neto deriva da avaliação de que a nacionalização do debate a partir do bolsonarismo não compensa eleitoralmente no Nordeste.

—Na região, o bolsonarismo não tem se mostrado como uma força política capaz de colocar um candidato com reais chances de vitória. Essa associação pode, inclusive, ser um elemento negativo por trazer um teto eleitoral prejudicial ao candidato —diz Campos.

A rodada mais recente da pesquisa Genial/Quaest na Bahia, de abril, mostrou ACM Neto e Jerônimo em patos técnicos na disputa de primeiro turno. O representante do carlismo aparece com 41% das intenções de voto, enquanto o petista alcança 37%. A mar-

gem de erro é de três pontos percentuais para mais ou para menos.

O cenário em Pernambuco é distinto. Aliada de Lula, a governadora Raquel Lyra busca alternativas após o presidente entrar na campanha do rival, o ex-prefeito de Recife João Campos (PSB). Lyra, que trocou o PSDB pelo PSD para se aproximar do Palácio do Planalto, aposta na proximidade com prefeitos e na consolidação de uma agenda local, voltada para segurança pública e saúde.

A rodada mais recente da pesquisa Datafolha, de maio, mostra uma virada, com Lyra numericamente à frente, com 48% das intenções de voto no primeiro turno, contra 43% de Campos. No mês anterior, o ex-prefeito de Recife aparecia com 12 pontos percentuais de vantagem.

Com a possibilidade de

um palanque duplo de Lula descartada pelo PT nacional, o entorno de Lyra busca neutralidade do presidente em Pernambuco e aposta que ele não fará agendas presenciais no estado no primeiro turno.

NEM ESQUERDA NEM DIREITA

O ex-prefeito de São Luís Eduardo Braide, por sua vez, não vê vantagem eleitoral em se associar a Lula ou a Flávio no pleito deste ano no Maranhão —ele aparece à frente na Genial/Quaest, de março, com 39% das intenções de voto. Aliados do ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal, tentaram uma aliança com Braide para levá-lo ao campo governista, mas o antigo gestor municipal não aceitou pedir voto para o petista.

—O que as pessoas querem saber, hoje, não é quem está do lado de qual político, mas quem está do lado delas, do povo. O Maranhão tem o pior desempenho do país em renda das famílias, no desenvolvimento humano, em adultos com nível superior, em condições das estradas, tudo isso cobrando o maior ICMS do país. Há assuntos muito mais urgentes e muito mais importantes a serem discutidos aqui do que direita e esquerda —diz Braide, que opta por destacar entregas nas áreas de infraestrutura, saúde e educação durante a campanha.

Cientista político da Universidade de Brasília (UnB), Murilo Medeiros aponta que o eleitorado “passou a separar com mais espontaneidade o voto para presidente do voto para governador”. O pesquisador avalia que essa dissociação cria oportunidades para o florescimento de lideranças independentes:

—A tendência é que vejamos campanhas cada vez mais regionalizadas no Nordeste, nas quais o eleitor será convidado a avaliar soluções para os problemas locais dos estados, e não quem está mais alinhado a um projeto presidencial.

Candidatura de Hélio Lopes em Roraima irrita direita no estado

Bancada pela família Bolsonaro, lançamento do deputado do Rio a senador pelo Norte repete Carlos em Santa Catarina

PAULO ASSAD
paulo.assad@oglobo.com.br

Confirmada após publicação de uma série de vídeos do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, e dos irmãos Flávio e Eduardo Bolsonaro ao longo da última semana, a pré-candidatura do deputado Hélio Lopes (PL-RJ) ao Senado por Roraima contrariou os planos do diretório estadual. A situação é similar à de Santa Catarina no início do ano, quando a decisão de colocar o ex-vereador do Rio Carlos Bolsonaro na disputa de uma das vagas de senador frustrou o apoio pretendido pelo governador Jorginho Mello (PL) à campanha de reeleição de Esperidião Amin (PP).

Na terça-feira, o presidente do PL, senador Flávio Bolsonaro (RJ) postou um vídeo no qual lança Lopes ao Senado por Roraima. Na gravação, destaca que o parlamentar é alguém de “total confiança e fiel escudeiro” do ex-presidente Jair Bolsonaro. Em outro vídeo, o deputado cassado Eduardo Bolsonaro

diz que o correligionário terá “conexão direta” com o irmão. Valdemar usou tom semelhante, chamando atenção para a proximidade entre Lopes e a família Bolsonaro. A escolha do deputado para a disputa partiu do próprio ex-presidente da República.

— É muito importante o presidente da República ter uma base forte na Câmara e no Senado, e o Hélio vai fazer parte dessa tropa — diz Flávio.

O plano de lançar o parlamentar à Casa era público desde março, quando Lopes mudou seu domicílio eleitoral. Assim como aconteceu com Carlos, a mudança foi mal recebida por lideranças locais. Em nota divulgada na época, o diretório estadual do PL disse ter sido surpreendido pela decisão e afirmou que o estado “exige representação” com “conhecimento de sua dinâmica política, social e

Santa Catarina.
Candidatura de Carlos provocou reações



econômica” e “vínculo efetivo” com a população.

Em maio, o deputado Nicoletti anunciou a sua pré-candidatura ao Senado pelo PL, sigla a qual se filiou em março. Ele entrou no lugar que seria do ex-prefeito de Boa Vista Arthur Henrique (PL), que foi escolhido para disputar o governo do estado na eleição suplementar, convocada após a cassação da chapa de Antônio Denarium (Republicanos) e Edilson Damiano (União). Em entrevista à rádio Folha em maio, ele disse que não havia “tempo hábil” para Hélio Lopes construir uma candidatura.

— Apesar da gente ter uma amizade e estar sempre junto lá em Brasília, fomos pegos de surpresa aqui na executiva estadual. Eu deixo isso



Novo domicílio. Flávio postou um vídeo na terça-feira no qual lançou Lopes, deputado pelo Rio, ao Senado por Roraima

para o Arthur Henrique, presidente estadual, e o Valdemar decidirem — disse Nicoletti. — Ele não é de Roraima, não tem trabalho em Roraima, não se apresentou ainda como candidato oficial pela executiva nacional. Eu não vejo tempo hábil — afirmou o parlamentar, na ocasião.

Após a publicação dos vídeos de apoio a Lopes na última semana, Nicoletti manteve a pré-candidatura ao Senado, lembrando que já havia sido endossada por Valdemar.

Outro ponto de atrito é a pré-candidatura ao Senado de Tânia Ramos (União), ex-secretária estadual do Trabalho e Bem-Estar Social, que tem o apoio do cunhado, o ex-governador Antônio Denarium. Ambos apoiaram a candidatura de Arthur Henrique na eleição suplementar do último domingo. Eleito governador

com 160.004 votos, ele teve quase a mesma quantidade obtida pelo principal apoiador, Denarium, em 2022.

QUEBRA-CABEÇA

Em entrevista à rádio Folha BV nesta semana, Arthur Henrique, filiado ao PL desde outubro de 2025, se referiu às pré-candidaturas ao Senado como um “quebra-cabeça”. Ele disse que Nicoletti foi “um grande parceiro” no pleito e que o deputado vai bem nas pesquisas para senador.

— Ele foi muito importante dentro desse processo da eleição suplementar, porque tem uma base no interior muito forte (...) A participação do Nicoletti foi fundamental na minha campanha e será novamente em outubro. A gente vai levar toda essa demanda para Brasília — disse Arthur Henrique, que descreveu Hélio Lopes como

“um grande parceiro de Bolsonaro, praticamente um irmão”, e acrescentou: — É um nome forte para vir disputar a eleição.

A situação é semelhante à ocorrida em Santa Catarina no início do ano, quando foi anunciado que Carlos Bolsonaro se mudaria para o estado para tentar uma vaga no Senado. A decisão esbarrou em um acordo prévio firmado pelo governador Jorginho Mello, que pretendia apoiar a deputada Carol de Toni (PL) e o senador Esperidião Amin. Após o anúncio da entrada de Carlos na corrida, Carol de Toni ameaçou deixar o partido. No entanto, em maio deste ano, foi confirmado que o PL teria uma chapa puro-sangue no estado. Preterido, o senador do PP passou a apoiar para o governo João Rodrigues (PSD), prefeito de Chapecó.

CAMINHOS DO BRASIL

02.07 - às 10h30

REFORMA TRIBUTÁRIA:
o que muda a partir de agora

Após décadas de debate, a reforma tributária entra em vigor este ano. Mas como será essa transição? O que muda para o consumidor e para as empresas? A nova edição do **Caminhos do Brasil** vai analisar o impacto dessa transformação no sistema fiscal brasileiro, destacando a criação do IVA e a simplificação dos impostos sobre consumo. **Não perca essa conversa e informe-se ainda mais sobre as decisões que movimentam o nosso país.**

PARTICIPANTE



Dario Durigan
Ministro da Fazenda

MEDIAÇÃO



Flávia Barbosa
Editora executiva do GLOBO



Sérgio Lamucci
Editor executivo do Valor Econômico

Transmissão
O GLOBO
f y
Valor
f y in



Acesse e
ative a
notificação

Patrocínio



Realização

O GLOBO

Valor
ECONÔMICO

CBN

Definição na esquerda consolida as estratégias da disputa ao Senado em SP

Marina Silva e Simone Tebet apostam no apelo entre as mulheres e no diálogo com empresários, enquanto Guilherme Derrite e André do Prado focam na pauta ideológica e afinidade com prefeitos

HYNDARA FREITAS E SAMUEL LIMA
politica@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Com a definição das ex-ministras Marina Silva (Rede) e Simone Tebet (PSB) como pré-candidatas por São Paulo, a esquerda tentará emplacar dois nomes no Senado, algo que nunca obteve numa mesma eleição. A estratégia inclui a nacionalização da campanha e a tentativa de ampliar alianças para o PT no estado. A confirmação da dupla ocorreu após Márcio França (PSB) ser anunciado como candidato a vice-governador na chapa de Fernando Haddad (PT).

Ex-ministra do Meio Ambiente, Marina deve tentar alavancar a candidatura ampliando sua área de atuação. Aliados mapearam três grupos nos quais ela se sai bem: jovens, mulheres de mais de 45 anos e evangélicos. Correligionários dizem que a pauta ambiental estará presente, mas não será a única, pois deve disputar a atenção com assuntos nacionais, na tentativa de convencer o eleitor de que ela é “uma figura importante para o Brasil no Senado”.

AGENDAS NO INTERIOR

Tebet tem o desafio de mostrar sua conexão com o estado de São Paulo, pois é natural de Mato Grosso do Sul, estado onde fez sua carreira política e pelo qual foi eleita senadora por dois mandatos. Essa missão vem sendo endereçada nas propagandas partidárias do PSB transmitidas na TV



Arestas. Ex-ministra de Lula, Tebet quer reduzir resistência do empresariado



Aliado. Lançamento da pré-candidatura de Derrite teve presença de Flávio

nas últimas semanas, nas quais ela afirma querer colocar sua experiência à disposição dos paulistas. Além disso, a presença de duas mulheres na chapa deve ser explorada por Haddad para antagonizar com o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), sem representante feminina no primeiro escalão eleitoral. Com o nome mais consolidado desde março, Tebet vem

acompanhando Haddad em eventos de pré-campanha. Na semana passada, os dois estiveram juntos durante agendas nas cidades de Campinas e Santa Bárbara D'Oeste, no interior do estado. Segundo aliados, a candidata tem potencial para se aproximar e dialogar com empresários paulistas a fim de reduzir a resistência a Haddad e a Lula. Com a experiência no Mi-



Acordo. Marina garantiu vaga após França ser confirmado como vice de Haddad



Municipalismo. De olho nas pautas locais, Prado rodará interior com Tarcísio

nistério do Planejamento, ela reforça o discurso de que várias obras na propaganda de Tarcísio foram bancadas com recursos federais obtidos junto ao BNDES e à Caixa. DIREITA MAIS ADIANTADA Na direita, a rota está traçada há mais tempo — já houve três eventos de lançamento das pré-candidaturas ao Senado, nos quais Tarcísio e Flávio

Bolsonaro, pré-candidato à presidência, participaram. O grupo político de Tarcísio apresenta como candidatos o deputado federal Guilherme Derrite (PP), ex-secretário estadual de Segurança Pública, e André do Prado (PL), presidente da Assembleia Legislativa do Estado (Alesp), que ganhou projeção ao garantir a aprovação de projetos de interesse do Executivo. Ricardo

Salles (Novo), deputado federal e ex-ministro no governo Jair Bolsonaro, tenta conquistar a cadeira no Congresso de modo independente. Prado pretende continuar “colando” no governador, como já tem feito ao longo do mandato, e tem a missão de rodar o interior para fazer interlocução com prefeitos. Alguns gestores municipais criticaram, nos bastidores, uma alegada falta de atenção dada pelo Palácio dos Bandeirantes, algo que poderia trazer dificuldades no momento em que o vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB), ex-governador do estado, e Márcio França entram no jogo. A ideia, segundo Prado, é focar no “municipalismo”. O deputado tem o desafio de se equilibrar na defesa das pautas locais, pela qual construiu a sua trajetória política com auxílio do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, e a necessidade de acenar a pautas ideológicas para escanteiar Salles. O adversário do Novo tem boa interlocução com Derrite e já manifestou a intenção de usar o palanque para atacar o deputado estadual. Ao ser anunciado por Eduardo Bolsonaro (PL) como pré-candidato, Prado gerou uma onda de insatisfação entre bolsonaristas, que apostavam em outros nomes, como o deputado federal Mario Frias (PL) ou o vice-prefeito da capital, Ricardo Mello Araújo (PL). Em seus discursos, ele procura acalmar os ânimos dizendo que, se for eleito, vai procurar “honrar” as pautas da direita na ausência do filho de Bolsonaro, condenado pelo Supremo Tribunal Federal. Derrite, por sua vez, vai apostar na pauta da segurança pública e cumpre a cota ideológica da chapa da direita. Ele vem explorando a parceria com Flávio, ecoando nas redes sociais e em seus discursos as ações do presidencial, desde a relação com os Estados Unidos até críticas diretas a Lula e à esquerda.

Mais de um terço não lembra de seu voto para governador

Na eleição para presidente, por sua vez, apenas 7% afirmaram não recordar sua opção, de acordo com o Datafolha

Pesquisa Datafolha divulgada ontem mostra que mais de um terço (38%) da população brasileira diz não se lembrar em quem votou para governador em 2022. Outros 9% afirmaram não ter votado em ninguém e 54% declararam que sabem o seu escolhido na eleição passada. O levantamento aponta ainda que mulheres (46%) esquecem mais em quem votaram do que os homens (28%). Em relação à faixa etária, o grupo de 20 a 24

anos (45%) se destaca. Já 63% de quem tem entre 45 a 59 anos se recorda do voto para governador. Na eleição para presidente, por sua vez, apenas 7% afirmaram que não se lembram do voto. A grande maioria (85%) se recorda, e 8% afirmaram não ter votado em ninguém. Entre os simpatizantes do PL, partido do ex-presidente Jair Bolsonaro, 97% se lembram do voto. Já entre os do PT, sigla do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, es-

se índice cai para 90%. O Datafolha ouviu 1.898 eleitores de 20 anos ou mais entre os dias 17 e 18 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos. INTENÇÃO DE VOTO O presidente Lula conta com 41% das intenções de voto no primeiro turno da eleição de outubro, contra 31% de Flávio Bolsonaro (PL), segundo levantamento do Datafolha divulgado

na semana passada. Em um eventual segundo turno Lula aparece com 47% contra 43% do filho de Bolsonaro. O petista tem vantagem entre as mulheres, com 52% a 37% em eventual segundo turno. Por conta disso, o presidencial do PL busca uma vice, na tentativa de conquistar o eleitorado feminino. A tarefa ficou mais difícil depois que a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro postou um vídeo de quase meia-hora, na sema-

na passada, acusando Flávio de tê-la maltratado. Segundo o Datafolha, Lula possui sua maior vantagem entre donas de casa, com 56% contra 38%, e estudantes, segmento em que a disparidade está entre 55% para o petista e 38% para o senador. Já Flávio lidera entre empresários com ampla vantagem. O bolsonarista registra a preferência de 69% do setor, enquanto o presidente marca 25%. Com 61% das intenções de

voto no Nordeste, o presidente Lula lidera entre os mais pobres, negros e integrantes da comunidade LGBTQIA+, enquanto Flávio tem desempenho melhor no Sul, com 54%, e lidera entre os mais ricos, brancos e evangélicos. Como mostrou o GLOBO ontem, em meio à polarização, 27% não se consideram antipetistas nem antibolsonaristas, de acordo com recortes de pesquisa Genial/Quaest. A tendência, segundo depoimentos, é que definam seu voto pela percepção sobre economia e a capacidade que presidenciais têm para apresentar soluções concretas em áreas como criação de emprego e redução de impostos.

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

ACESSE [EDITORAGLOBONEGIOS.COM.BR](https://editoraglobonegocios.com.br) E SAIBA MAIS.

ENTREVISTA

Nélio Spréa / ESPECIALISTA EM BRINCADEIRAS

Doutor em Educação que pesquisa as tradições populares da infância brasileira afirma que ‘Atirei o pau no gato’ corre o risco de desaparecer e defende que parlendas como o ‘Uni, duni, tê’ são essenciais para as crianças

BRUNO ALFANO
bruno.alfano@extra.inf.br

Uma mudança na letra de “Atirei o pau no gato”, mesmo que bem intencionada, está colocando a canção em risco, afirma Nélio Spréa, doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisador das tradições populares da infância brasileira. Ao GLOBO, ele conclui ainda que as crianças brincam menos do que outras gerações porque estão ocupadas demais com afazeres e telas. E reforça que as parlendas — típicas brincadeiras infantis, como as canções “Uni, duni, tê” ou “Um, dois, feijão com arroz” — são momentos em que se aprende do letramento até a sincronia de movimentos.

As crianças hoje brincam menos que seus pais e avós?
Sim. Brincava-se mais porque as crianças se encontravam mais e tinham mais possibilidade de, juntas, acharem soluções para o tédio. Quando não há nada para fazer, elas têm que criar, inventar. Hoje, as crianças estão sobrecarregadas de tarefas e agendas, além de estarem entretidas por tempo demais com as ofertas do mundo digital.

O senhor publicou um vídeo dizendo que a mudança na letra de “Atirei o pau no gato” pode ter prejudicado a popularidade dela entre as crianças. O que aconteceu?
Essa é uma cantiga secular. Está no Brasil e em Portugal desde o século XIX. A razão para a alteração da letra é muito legítima (a nova versão é contra os maus-tratos ao animal), mas sugiro que essa adaptação não seja tão dramática. A métrica do texto é fundamental nessa cantiga. E no final tem um fator lúdico que é o “miau”, hora em que todas as crianças, numa roda, caem no chão. É uma diversão, que foi retirada da nova versão. A letra mexida deixou mais difícil para as crianças cantarem. Sugiro apenas uma mudança sutil: mudar “pau” por “pão” e ‘morreu’ por ‘comeu’.

Quando o senhor avalia que essas cantigas tradicionais

‘AS CRIANÇAS BRINCAM MENOS POR SOBRECARGA DE TAREFAS E TELAS’



podem ser alteradas?
Há um excesso de pudor pedagógico que recai sobre a sabedoria popular. Tem outras várias cantigas que sofrem com isso. “O cravo brigou com a rosa”, por exemplo, não é cantada porque algumas crianças presenciam a briga dos pais. Há um pudor excessivo nesse caso, sendo que justamente a cantiga se abre para trazer essa questão para ser trabalhada pelos professores. Mas a tradição não é mais que tudo. ‘Escravos de Jó’, por exemplo, pode mudar para “guerreiros na-gô” que não perde nada. Tem uma brincadeira que eu aprendi no Norte de Minas e depois descobri que é conhecida no país todo que as crianças cantam assim: “Plantei um pé de alface no meu quintal/nasceu uma negrinha de avental/rebola, negrinha/rebola, negrinha”. Não se admite mais isso. De uma forma simbólica, essa cantiga revela de forma explícita violências de uma época cruel do Brasil.

Algumas escolas estão proibindo brincadeiras tipo

polícia e ladrão para supostamente proteger as crianças desses temas. Crianças precisam ser blindadas dessa forma na brincadeira?
Eu entendo que seja bem delicado em alguns contextos, como em escolas nas comunidades do Rio de Janeiro. As crianças trazem para a experiência lúdica toda uma linguagem e comportamento que é muito fiel com o que está ocorrendo no dia a dia em casa. Nesse caso, as escolas têm muita dificuldade de lidar e proíbem porque não sabem o que fazer.

Essa é a melhor estratégia?
Seria melhor que não proibisse, mas que pudesse acompanhar porque é muito rico para fazer a mediação a partir do que acontece na brincadeira. É muito dolorido para a criança lidar com a violência real. Mas quando está no contexto do polícia e ladrão ela pode conseguir conversar sobre algumas coisas que se negam quando estão falando da vida real.

Brincadeira tem gênero?
Muita gente gostaria que brin-

cadeira tivesse, faz um esforço imenso para isso. Há até professores que militam nessa causa e que impõem restrições drásticas ao desejo das crianças de brincar, dizendo o que pode ou não. Meninos querem brincar com bonecas ou de casinha porque enxergam suas próprias rotinas. Muitos deles estão vendo os pais como agentes da limpeza e dos cuidados com os bebês. O brincar é a expressão dessas realidades. É tão bonito o menino imitando um pai, mas às vezes é boicotado e fica sem



DIVULGAÇÃO

entender o motivo. As crianças devem brincar daquilo que elas sentem vontade, desde que não agridam ou ofendam umas às outras.

O que é uma parlenda?
As parlendas são vistas mais facilmente pelo texto que as representa. Ela têm um texto memorizável. O ritmo, a métrica e a rima ajudam a criança a lembrar. Mas a parlenda vai muito além do texto. O texto é um informe do que vai acontecer. Ele guia a nossa ação. O que eu

Diversão.
Acima, crianças brincam de roda; à esquerda, Nélio Spréa, pesquisador da infância: “Há um excesso de pudor pedagógico que recai sobre a sabedoria popular”

chamo de parlenda não é o texto, mas o evento que se dá a partir daquele texto.

O que elas ensinam?
É algo multidisciplinar e multilinguagem. Envolve memorização, contato com o texto e seus possíveis sentidos, tem um trabalho de letramento, fundamental, que a parlenda provoca desde bebê. Trabalha também movimentos. Noções, domínios bilaterais, cruzamento de um lado para o outro de braço. Isso é muito importante nessa fase de crianças. Exige sincronia dos movimentos, concentração e uma escuta daquilo que o outro está propondo e eu tenho que fazer junto. A parlenda nunca acontece sozinha. É uma forma de socialização, de estar com o outro, fazendo algo que não é só meu. É nosso.

Qual sua parlenda favorita?
São tantas que é difícil de escolher. Mas eu diria a do “Mindinho, seu vizinho”. Ela continua com um jogo cumulativo sempre questionando a resposta anterior. ‘Cadê o gato? Foi pro mato. Cadê o mato? Fogo queimou...’. É muito interessante isso, muito comum em outras parlendas. Cria um fluxo narrativo adequado para o bebê entender sempre com a mesma estrutura. Pergunta, resposta, pergunta, resposta. Pela importância dela, alcance no Brasil, em Portugal e em outros países de língua portuguesa, eu escolho ela.

Nesse mundo em que a tecnologia é tão atraente, como as famílias podem fazer com que seus filhos brinquem como tradicionalmente sempre se brincou?
Elas precisam delimitar o tempo de permanência na frente de telas. Há vídeos que são ótimos para as crianças, o problema é o excesso. Os pais acham que ali elas estão mais controladas, seguras, a casa fica mais silenciosa. Mas isso compromete muito a saúde física e emocional, além do desenvolvimento cognitivo da criança. Isso gera agitação, falta de paciência com o tempo real das coisas, dificuldade de interação, medo social. A dica é não troque a saúde das crianças pela calmaria ilusória que o uso das telas provoca.

ANTÔNIO GOIS

antonio.gois@jeduca.org.br



Aprovação e aprendizagem

Redução no abandono e na reprovação, combinada com aumento da aprovação, especialmente no ensino médio. Todas essas são notícias positivas, reveladas na semana passada pelo MEC. Suas causas misturam tendências gerais conhecidas, possíveis efeitos de políticas públicas, e artifícios um tanto suspeitos em algumas redes estaduais. Não é possível ainda mensurar o peso

de cada uma, mas identificá-las é importante para melhor compreender o fenômeno. A melhoria do fluxo escolar vem acontecendo desde a década de 90. Até o final do século passado, o percentual de alunos que abandonavam a escola ou repetiam de série e ficavam atrasados era absurdamente alto até para padrões de países em desenvolvimento. O avanço nesses indicadores de acesso e permanência, portanto, era o mínimo que o sistema precisava entregar, e o processo segue em curso. O governo federal bateu bumbo para suas políticas, como a expansão do tempo integral e o Pé-de-Meia. Nada de novo, sobretudo em ano eleitoral. Mas o real impacto desses programas carece de estudos mais precisos, pois a simples comparação dos indicadores antes ou depois comprova no máximo correlação, mas não necessariamente causalidade. E, mesmo que tenham alguma eficácia atestada, é preciso também avaliar se as ações são eficientes, considerando seus resultados e os recursos envolvidos. Daí vamos ao terceiro fator: movimentos atípicos de algumas redes estaduais. Reportagem de Bruno Alfano no GLOBO mos-

trou que o aumento da aprovação no ensino médio foi maior em estados que flexibilizaram regras de transição. Foi o caso do Rio de Janeiro, que passou a permitir que o aluno passasse de ano mesmo reprovado em seis disciplinas. Como esse é um dos dados que compõe o Ideb, muito provavelmente veremos um avanço no indicador dessas redes, mesmo sem melhoria na aprendizagem. O crescimento acentuado e súbito — de um ano para o outro — nas taxas de aprovação em algumas redes soa mesmo como um truque para aparecer bem no Ideb. Mas esse é um tema a ser debatido com profundidade. Apesar de causar muita controvérsia, há sólida literatura acadêmica comprovando que a reprovação é péssima estratégia pedagógica, pois, salvo casos específicos, não leva a mais aprendizagem, e ainda aumenta as chances de evasão. O Brasil abusou da repetência no passado, e isso não resultou em qualidade. Imagine um paciente com uma grave doença, sendo tratado com um medicamento comprovadamente ineficaz, com efeitos colaterais. Se deixar de tomar o remédio, esses efeitos cola-

terais tendem a desaparecer, o que é positivo, mas a doença continuará lá. O Brasil tem um grave problema de aprendizagem, que não vai desaparecer apenas com políticas de melhoria da aprovação, mesmo que elas reduzam a evasão. E nossos patamares de desempenho são tão baixos que é possível até diminuir a reprovação sem que isso tenha tanto impacto na aprendizagem, caminho já percorrido por algumas redes. Só que o problema no ensino médio brasileiro é tão grave que mesmo os estados que lideram rankings apresentam resultados insatisfatórios. Não há rede pública onde o percentual de estudantes com aprendizagem adequada supere os 50% em língua portuguesa ou 10% em matemática. Até mesmo a rede privada aqui deixa a desejar, considerando que atendem famílias de maior renda, mas têm apenas 31% dos alunos com aprendizagem adequada em matemática e 67% em língua portuguesa. Termos mais jovens permanecendo e concluindo a educação básica é um feito digno de nota, mas celebrações mais efusivas só se justificam quando avançarmos para valer também na aprendizagem.

O RENEGADO

Cortar completamente o açúcar da dieta também pode prejudicar a saúde

GUY GUPPY
Do The Conversation

Cortar todo o açúcar da alimentação parece uma atitude saudável. Mas um estudo recente sugere que isso pode fazer mais mal do que bem. Em vez de melhorar a saúde metabólica, a eliminação completa do açúcar parece piorá-la.

É importante destacar que essa pesquisa foi realizada com roedores, acompanhando uma amostra extremamente pequena, de apenas seis camundongos, que têm sistemas digestivos muito diferentes dos humanos. Ainda assim, os resultados servem como um alerta para os possíveis riscos ocultos de dietas extremas.

Essa conclusão surpreendente se encaixa na atual ob-

sessão cultural pela chamada “alimentação limpa” (clean eating). E isso não é por acaso: décadas de pesquisas relacionam o consumo excessivo de açúcar ao aumento global de doenças como obesidade e diabetes tipo 2. Por isso, as recomendações de saúde têm incentivado a redução drástica do açúcar adicionado como forma de prevenir essas doenças. Pessoas que consomem muitos alimentos ultraprocessados acabam ingerindo grandes quantidades de açúcar sem perceber, aumentando o risco de problemas de saúde.

Isso levou à crença de que, se o excesso de açúcar faz mal, eliminá-lo completamente seria a solução ideal. Mas tentar “limpar” o organismo excluindo uma classe inteira de nutrientes pode acabar preju-

dicando justamente o sistema que se pretende proteger.

A pesquisa propõe uma nova forma de olhar para a saúde, indo além do foco tradicional em calorias e perda de peso. No experimento, os camundongos submetidos à dieta totalmente livre de açúcar não ganharam peso. Pelos indicadores convencionais, pareciam saudáveis.

SAÚDE INTESTINAL

No entanto, internamente, o metabolismo deles entrou em colapso. Os hormônios indicaram que o intestino estava em crise, e os animais perderam a capacidade de remover a glicose da corrente sanguínea de forma eficiente. Isso sugere que é possível ser magro e, ainda assim, apresentar um metabolismo comprometido caso o ecossistema

intestinal seja prejudicado.

Para entender, é preciso observar os microrganismos que vivem no trato digestivo. Algumas famílias de bactérias benéficas dependem de açúcares simples para sobreviver. Ao metabolizar carboidratos, esses microrganismos produzem compostos químicos essenciais para a saúde da parede intestinal e absorção de nutrientes. Eles também estimulam a liberação de hormônios que ajudam a regular o apetite e melhoram a resposta do organismo à insulina.

Quando uma dieta sem açúcar interrompe a produção desses compostos, as células que revestem o intestino perdem sua principal fonte de energia, e a barreira intestinal começa a se deteriorar. Além disso, a dieta ri-

gorosa eliminou microrganismos benéficos que auxiliam o funcionamento do sistema imunológico.

Quando as bactérias benéficas morrem por falta de carboidratos simples, bactérias prejudiciais, mais adaptadas ao estresse, ocupam esse espaço. Essa mudança favorece o chamado intestino permeável. Nesse cenário, toxinas produzidas pelas bactérias nocivas atravessam a parede intestinal danificada, entram na circulação e desencadeiam uma resposta inflamatória do sistema imunológico.

É importante ressaltar que a dieta utilizada no experimento era também muito pobre em gorduras. Isso é bastante diferente da alimentação ocidental típica, rica em gorduras e açúcar.

Portanto, para quem tem uma dieta com excesso de gordura e calorias, reduzir o consumo de açúcar continua sendo uma escolha saudável.

No entanto, o estudo sugere que eliminar de forma radical qualquer traço de açúcar da alimentação também pode trazer riscos. Um organismo saudável depende de um intestino diverso e bem nutrido. O ideal é oferecer ao microbioma uma variedade de nutrientes para que ele funcione adequadamente.

Se teme que sua alimentação esteja prejudicando o intestino e a saúde, siga algumas estratégias:

Ofereça variedade: as bactérias intestinais precisam de diferentes fontes de alimento. Em vez de eliminar completamente os carboidratos, consuma uma ampla variedade de frutas, verduras, legumes e grãos integrais. Os açúcares naturais e as fibras desses alimentos ajudam a manter o microbioma equilibrado.

Embora o estudo mostre que a sacarose (o açúcar de mesa) auxilia no suporte às bactérias intestinais, isso não significa que o consumo de açúcar proveniente de ultraprocessados seja recomendado. O ideal é atingir a recomendação diária de frutas e hortaliças, que fornecem sacarose naturalmente, junto com outros nutrientes.

Recupere a microbiota intestinal com alimentos fermentados. Após uma dieta muito restritiva em relação ao açúcar, você pode favorecer o restabelecimento das bactérias benéficas consumindo alimentos fermentados, como kefir, chucrute ou iogurte com culturas vivas.



Ele ainda está ali. Numa dieta ocidental comum, rica em gorduras, carboidratos simples e calorias, cortar o açúcar de mesa ou os alimentos ultraprocessados ainda é uma opção tida como saudável

RECEITA DE MÉDICO

Stephanie Itala Rizk
Doutora em Cardiologia pela USP e Intensivista. Médica dos hospitais Vila Nova Star e Sírio-Libanês



A conta de viver sentado

Existe uma coisa em cada casa brasileira mais perigosa do que parece. Não é a escada, não é o tapete solto da sala. É o sofá. Ou a cadeira do escritório, a da mesa do almoço usada a tarde inteira. Passamos a maior parte da vida adulta sentados, e o corpo humano, que levou milhões de anos para aprender a caminhar atrás de comida, não foi desenhado para a imobilidade.

A conta dessa quietude é mais alta do que se imagina. Pesquisadores acompanharam, em

Taiwan, mais de 480 mil pessoas por quase 13 anos. Quem passava o expediente predominantemente sentado tinha 16% mais risco de morrer por qualquer causa e 34% mais risco de morrer do coração, em comparação com quem se movimentava mais no trabalho. Mesmo depois de considerar idade, sexo, escolaridade, tabagismo, álcool e índice de massa corporal, a associação permanecia. Ficar parado, sozinho, já cobra seu preço.

A primeira reação é a de sempre: mas eu malho. Aí mora a parte que poucos sabem. O tempo sentado é um fator de risco com vida própria, que corre por fora da academia. Um estudo da Universidade Vanderbilt, com mais de 8 mil idosos, mostrou que passar mais de dez horas por dia sentado aumentava a mortalidade mesmo depois de descontar o exercício feito no tempo livre. A boa notícia do estudo de Taiwan é que a dívida tem desconto: 15 a 30 minutos a mais de movimento por dia amortecem boa parte do estrago.

Para entender por que o corpo cobra tão caro, vale lembrar o que o movimento faz por dentro. Quando o músculo contrai, ele não está só queimando caloria. Libera substâncias que conversam com o resto do corpo, melhora a ação da insulina, mantém os vasos

flexíveis, ajuda a regular a pressão e reduz a inflamação crônica de baixo grau. O sedentarismo desliga essa farmácia interna.

E ela é poderosa a ponto de funcionar até onde agente menos espera: no tratamento de um câncer. No ano passado, o New England Journal of Medicine publicou um estudo que acompanhou 889 pacientes operados de câncer de intestino, em seis países, após a quimioterapia. Metade recebeu apenas orientação de saúde. A outra metade entrou em um programa estruturado de exercício por três anos, factível para a vida real, próximo de caminhadas rápidas ao longo da semana. Oito anos depois, a sobrevivência do grupo que se exercitou era de 90%, contra 83% no grupo que recebeu apenas orientação. O risco de morrer caiu mais de um terço. Caminhar, ali, fez o que muitas vezes esperamos só de um remédio.

Não à toa, estudos estimam que a inatividade física responda por cerca de 9% das mortes prematuras no mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) projeta quase meio bi-

lhão de novos casos de doenças crônicas evitáveis até 2030 se nada mudar. O Brasil entra nessa história com o pé errado. Pela Pesquisa Nacional de Saúde do IBGE, 40,3% dos adultos brasileiros são insuficientemente ativos. E o dado mais recente do Ministério da Saúde, no Vigitel 2024, reforça o tamanho do problema nas capitais: entre os idosos, quase seis em cada dez não alcançam o mínimo de atividade recomendado. Somos um país que se senta.

E o remédio para isso talvez seja o mais barato e democrático que a medicina já encontrou. O movimento não cuida só do corpo. Uma análise que reuniu mais de dois milhões de pessoas/ano de observação concluiu que o equivalente a duas horas e meia de caminhada acelerada por semana se associa a risco cerca de 25% menor de depressão. Quem caminha dorme melhor, pensa melhor, envelhece com mais autonomia.

Nada disso exige virar atleta. A ciência é quase ofensiva de tão simples no recado: levante. A cada meia hora sentado, fique de pé um pouco. Desça um ponto antes. Troque o elevador pela escada quando a perna deixar. O corpo não distingue a esteira cara da subida da ladeira de casa. Ele só registra que você se mexeu.



DADO GALDIERI/BLOOMBERG/5-3-2026



Sob risco. Lavoura de milho e silos de armazenamento no interior da Bahia: país tem baixa cobertura de seguro rural

MÍNIMA PROTEÇÃO

Às vésperas do El Niño, seguro rural tem o menor nível de cobertura em duas décadas

VINICIUS NEDER
vinius.neder@oglobo.com.br

Confirmada a ocorrência neste ano do fenômeno El Niño, o agronegócio brasileiro entra em um período de elevado risco climático menos protegido. O Programa de Subvenção do Prêmio do Seguro Rural (PSR) tem o menor alcance em duas décadas por causa do bloqueio de recursos do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) para cumprir as metas fiscais. Os cortes deixaram o PSR com R\$ 474 milhões para ajudar produtores a pagarem as apólices, menos da metade do quase R\$ 1 bilhão inicialmente previsto, mesmo diante da perspectiva de que o El Niño atinja o país com força no segundo semestre, provocando ondas de calor e alterações no regime de chuvas.

Com menos recursos do PSR, a área protegida pelo seguro rural deve cair para 2,8% do total plantado (2,7 milhões de hectares), ante os já muito baixos 3,4% de 2025, projeta o Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV Agro). Será o menor nível desde 2006, início do PSR. De 2021, auge da subvenção ao seguro, a 2025, a área coberta recuou 77%.

A desidratação do PSR amplia vulnerabilidades do setor porque, além do clima, coincide com um momento de altos custos (como o provocado pela escassez de fertilizantes em razão da guerra no Oriente Médio) e alto endividamento. O Mapa informou que os bloqueios se devem à dinâmica de ajuste nas contas do governo, mas especialistas e executivos do agro ouvidos pelo GLOBO apontam problemas crônicos na política pública para o setor, que privilegia o subsídio ao crédito e negligencia o do seguro rural, reforçando uma lógica em que remediar parece melhor que prevenir, na contramão do ditado popular.

O seguro dá ao produtor previsibilidade nas receitas, podendo atravessar safras ruins sem perder capacidade de investir na seguinte. Ajuda a

evitar calotes no pagamento a fornecedores — de sementes, fertilizantes, maquinário etc. — e aos bancos. É uma forma de evitar sucessivas renegociações de dívidas no setor, argumenta Daniel Nascimento, presidente da Comissão de Seguro Rural da FenSeg, que reúne seguradoras.

ALÍVIO NA APÓLICE

Luiz Fernando Doneux Jr., que produz soja, sorgo, milho, feijão e trigo em cerca de 1,5 mil hectares em Itaí e Avaré, no interior de São Paulo, próximo da divisa com o Paraná, só superou prejuízos do inverno do ano passado graças ao seguro. De suas dez áreas plantadas de trigo, quatro tiveram perdas com geadas. Como tinha seguro, o produtor fechou a safra com lucro juntando a indenização com a venda do que foi colhido nas áreas não afetadas.

— Sem o seguro, no máximo, teríamos empatado. Temos várias culturas, uma pode compensar a outra, mas, só no trigo, teríamos tido até um pequeno prejuízo. Com o seguro, o resultado ficou positivo — conta Doneux Jr., que, temendo a temporada de geadas deste ano, seguiu novamente o trigo, já totalmente plantado, como já faz sempre com o feijão, parte da soja e do gado.

O seguro rural é “uma das grandes chaves para solucionar os desafios” do agronegócio, avalia Luiz Pedro Dumoncel, diretor-executivo da TentosCap, plataforma de serviços financeiros da 3tentos, que atua na agroindústria e na co-

mercialização de grãos e insumos. O seguro também ajuda a obter melhores condições de crédito, diz o executivo:

— O seguro ou a falta dele para um produtor pode ser a salvação ou a condenação de um ano inteiro de trabalho.

Segundo Pedro Loyola, coordenador do Observatório de Crédito e Seguro Rural do FGV Agro, os baixos valores do PSR inibem tanto a demanda por seguros por parte dos produtores quanto a oferta do lado das seguradoras. Ele explica que, em todo o mundo, o seguro rural depende de subsídios, já que as intempéries tornam as indenizações mais frequentes no campo. Isso interfere no modelo de mutualidade do setor segurador. Nele, clientes contratam a apólice pelo direito à indenização em caso de eventualidade, mas a maioria paga para não usar. As taxas de todos custeiam as indenizações da minoria que precisa, com as seguradoras como intermediárias. Na modalidade rural, porém, secas, geadas e tempestades destroem plantações e ampliam essa minoria que demanda indenização.

Com isso, para a conta fechar no segmento rural, as taxas — ou “prêmio”, no jargão do setor — cobradas nos contratos são altas. A subvenção com recursos públicos deixa o preço mais acessível, atraindo a demanda e corrigindo uma “falha de mercado”, diz Loyola, o que dinamiza o sistema e resulta em apólices mais baratas.

Um estudo do FGV Agro publicado neste mês comparan-



Prevenção. Doneux Jr. usa seguros para proteger gado e produção agrícola

do o apoio estatal ao seguro rural do Brasil com sete outras nações mostrou uma relação direta entre subsídio e desenvolvimento do mercado segurador agrícola. O governo dos EUA, um dos principais concorrentes do agro brasileiro, destina o equivalente a R\$ 60 bilhões por ano, cita Loyola.

O PSR dá um desconto nas apólices que vai de 20% a 40%, dependendo da cultura, que é oferecido pela seguradora. Depois, ela cobrado governo federal. Quando a União atrasa ou cancela os pagamentos, a seguradora pode cobrar a diferença do cliente, o que ajuda a afastar produtores do seguro, conta o corretor David Elias Martin, coordenador da Comissão de Riscos Rurais do Sincor SP, o sindicato de corretores de São Paulo.

INSTABILIDADE PREJUDICA

As restrições no PSR, com o vaivém no orçamento que reduz a previsibilidade das seguradoras, somam-se ao cenário de margens apertadas no agro, com juros altos e elevado endi-

vidamento dos produtores, inibindo ainda mais a contratação dos seguros, diz Fabio Damasceno, diretor de Seguro Rural da seguradora Mapfre:

— As condições de financiamento e mais o seguro acabam fazendo parte da mesma equação para o produtor.

Paulo Hora, superintendente executivo técnico de Seguro Rural e Resseguro da Brasilseg, da BB Seguros, acrescenta que, como resultado dessa dinâmica, “o mercado de seguros agrícolas registrou retração nos primeiros meses do ano”. Mauricio Masferrer, diretor executivo de Negócios Corporativos da Allianz Seguros, observa “um ambiente de maior cautela no agronegócio” ao contratar seguro.

— Este ano, fizemos um planejamento para vender as apólices considerando R\$ 1 bilhão para a subvenção. Agora, teremos menos de R\$ 500 milhões. Como fica o planejamento das seguradoras? — diz Nascimento, da FenSeg, que estima como ideal de R\$ 2 bilhões a R\$ 3 bilhões sem so-

bressaltos ao longo do ano.

Para Martin, do Sincor SP, os problemas do PSR reforçam a percepção negativa que produtores já têm do Proagro, antigo programa de crédito combinado com seguro com foco na agricultura familiar, bancado com recursos do Tesouro e mais as taxas. A cargo do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), não tem exatamente as características de um seguro tradicional, mas quita dívidas do produtor em caso de perdas por causa do clima ou pragas.

‘PREJUÍZO FINANCIADO’

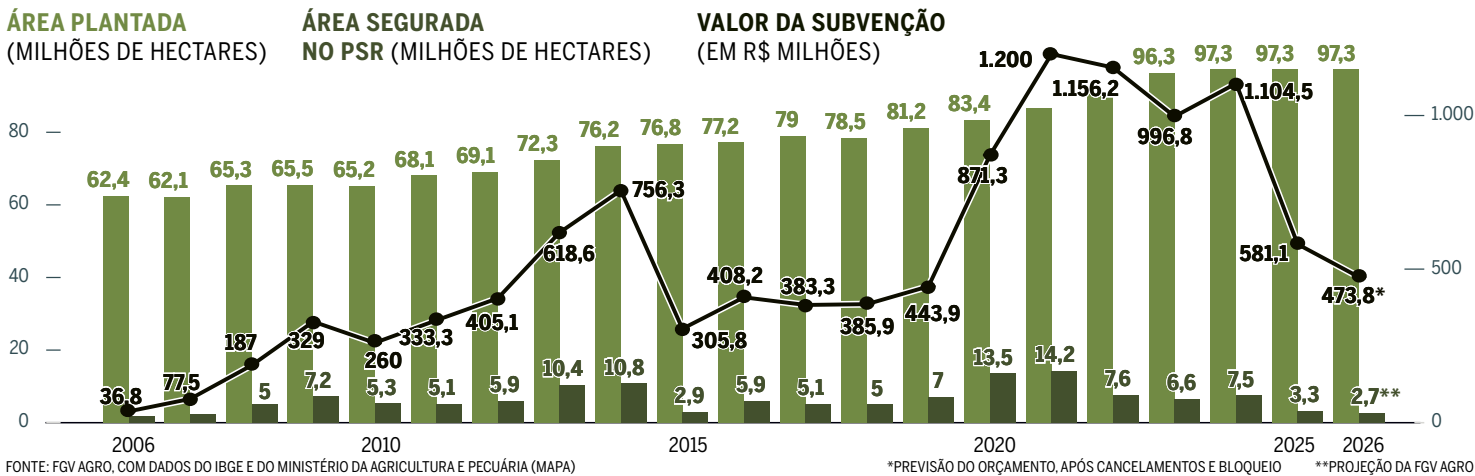
Embora venha caindo desde que o governo apertou critérios de acesso, o Proagro ainda tem um orçamento bilionário. Na safra 2024/2025, foi de R\$ 3,5 bilhões, abaixo dos R\$ 10,2 bilhões da temporada 2022/2023, diz o MDA. Loyola, do FGV Agro, defende a reformulação dos incentivos com a fusão do PSR com o Proagro, otimizando o uso dos recursos:

— O Estado brasileiro tem financiado o prejuízo, com a renegociação de dívidas rurais, em vez de financiar um instrumento preventivo, o seguro agrícola, que tem uma previsibilidade maior para todos.

Um projeto de lei (PL) de renegociação das dívidas rurais aprovado no Senado no início do mês contrariou o governo, que estimou um custo de R\$ 140 bilhões para o Tesouro em dez anos. No fim do ano passado, senadores já haviam aprovado outro PL para tornar gastos com o PSR obrigatórios, ou seja, fora do alcance de bloqueios e contingenciamentos orçamentários. FenSeg e Mapa apostam neste último como solução de curto prazo para o seguro. Ambos os projetos tramitam agora na Câmara.

Questionado pelo GLOBO sobre possível reformulação no PSR, o Mapa citou apenas o PL dos gastos obrigatórios. O MDA informou que adotou “medidas para aprimorar a gestão” do Proagro, moderando os gastos. O Ministério do Planejamento não quis comentar os cortes no PSR.

Melhor remediar do que prevenir?



Tesouro Direto ou bancos e corretoras: onde é melhor comprar títulos públicos?

Plataforma do governo muitas vezes tem rendimento mais atraente, mas cobra taxa de custódia. Já nas instituições financeiras, que negociam no mercado secundário, há mais opções com diferentes prazos

Valorinveste

NATHÁLIA LARGHI

economia@oglobo.com.br

SÃO PAULO

Quando o assunto é investimento em títulos públicos, a maioria dos brasileiros conhece o Tesouro Direto, a plataforma administrada pelo governo federal na qual é possível comprar papéis como o Tesouro Selic, o Tesouro IPCA, o Tesouro Prefixado e modalidades mais recentes, como o Renda+ e o Educa+. Mas algumas corretoras e bancos também oferecem esses papéis nos aplicativos ou por telefone, no chamado mercado secundário, fora do Tesouro Direto — quase um Tesouro Direto “Indireto”. Pode ser interessante recorrer a essas aplicações quando o prazo de vencimento do título casa melhor com o horizonte de investimento da pessoa, dado que a grade disponível na plataforma do Tesouro é limitada. Mas é preciso ficar atento: em casos extremos, a taxa oferecida no app da corretora ou banco chega a embutir um *spread*, ou desconto, de até 0,6 ponto percentual ao ano sobre o rendimento “oficial” do título. Essa diferença representa um ganho menor para o investidor pessoa física e, quanto maior o prazo do título, mais esse “detalhe” pesa no resultado final.

COM OU SEM CUSTÓDIA Segundo exemplos coletados pela reportagem, os títulos vendidos pelas corretoras custam mais e, portanto, têm rentabilidade menor do que os oferecidos no Tesouro Direto dos mesmos tipo e prazo. Em contrapartida, comprar via corretoras apresenta duas vantagens: não há a cobrança da taxa de custódia da B3 (0,20% ao ano) e existe mais

variedade de prazos. Primeiro, é preciso entender as diferenças entre os formatos. A principal delas, na prática, é a custódia (ou seja, quem está guardando aquele título para você). No Tesouro Direto, quem guarda os papéis é a B3, que cobra uma taxa anual de 0,20% sobre o valor investido. Já nas corretoras, essa custódia fica com a própria instituição, e a grande maioria delas não repassa esse custo ao cliente.

Em contrapartida, as corretoras costumam embutir um *spread* (a diferença entre a taxa de compra e a de venda, que é a margem de ganho da instituição) no preço do título, que reduz o rendimento em relação ao oferecido na plataforma oficial do governo.

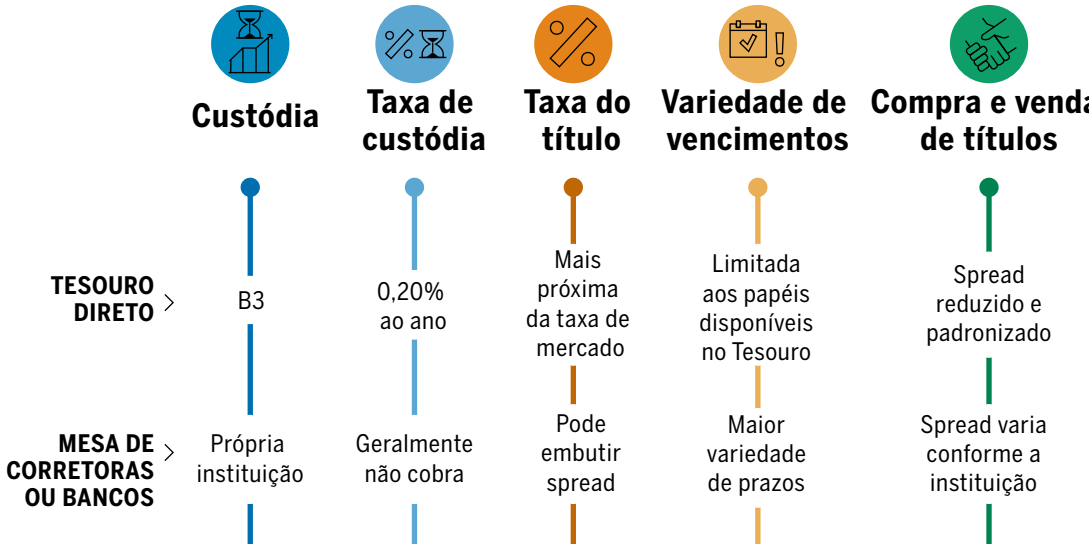
Segundo Eduardo Siqueira, assessor de investimentos do escritório B3S, a escolha entre comprar pelo Tesouro Direto ou por uma corretora depende, principalmente, do prazo em que o investidor pretende manter o título. Para ele, a regra geral é: quem pretende levar o papel até o vencimento tende a se sair melhor na corretora, já que não vai pagar a taxa de custódia anual — mas só se o *spread* cobrado ficar abaixo do 0,20% da taxa de custódia.

Já para quem pensa em vender antes do prazo, pode valer a pena o Tesouro Direto, que não tem o *spread*, mesmo que a taxa de custódia vá corroendo o rendimento ao longo da aplicação.

Por exemplo: um investidor que comprou um Tesouro Prefixado (cujo rendimento é acordado na hora da compra) pelo Tesouro Direto com vencimento em 2032 vê que os juros estão caindo. Quando os juros recuam, os títulos prefixados têm uma valorização, por causa do efeito da marcação a mercado. Assim, ele po-

Dois caminhos para investir em títulos públicos

O Tesouro Direto e a mesa das corretoras podem oferecer os mesmos papéis, mas com estruturas e custos diferentes



FONTE: B3, BANCOS E CORRETORAS

“O cliente que não demanda tempo do assessor paga mais do que aquele que demanda, e deveria ser o contrário”

Eduardo Siqueira, assessor de investimentos do escritório B3S

de achar que é um bom negócio vender seu título prefixado antes do vencimento.

Uma simulação feita em 22 de junho mostrou que um Tesouro Prefixado com vencimento em 2032 estava sendo negociado no Tesouro Direto a uma taxa de 14,74% ao ano, enquanto o mesmo papel era oferecido por uma corretora a 14,15% ao ano.

Subtraída a taxa de custódia anual de 0,20% cobrada pela B3, o rendimento para o investidor na plataforma governamental cai para algo próximo de 14,54% ao ano. Ou seja, como o *spread* cobrado na compra via corretora é maior do que o 0,20%

da taxa de custódia, a operação continua sendo vantajosa via plataforma do governo, mesmo para o investidor que pretende levar o papel até o vencimento.

RENDIMENTO VARIA

A reportagem ainda encontrou, na mesma data, outros títulos do Tesouro com diferenças significativas entre as corretoras e a plataforma oficial. Um Tesouro Prefixado com vencimento em 2029 era vendido na corretora com rentabilidade de 14,20%. No Tesouro, o rendimento era de 14,78% (0,58 ponto percentual a favor do Tesouro Direto).

Um Tesouro IPCA com vencimento em agosto de 2032 era ofertado no mercado secundário com rendimento de IPCA + 7,92% ao ano. No Tesouro Direto, o mesmo título rendia IPCA + 8,44% ao ano (0,52 ponto percentual a mais). Ou seja, o *spread* cobrado pela corretora nesses exemplos supera o 0,20% da custódia pela plataforma oficial do governo.

Há outra questão a ser considerada: no Tesouro Direto, a

diferença entre a compra e venda dos ativos é fixa, em torno de 0,12 ponto percentual, e as taxas ficam próximas das praticadas entre grandes investidores, como bancos e fundos. Já via bancos e corretoras, essa margem pode ser bem maior. E o investidor pessoa física pode acabar pagando essa “gordura” adicional, que reduz sua rentabilidade desde o início. Vale lembrar que, quanto maior o prazo do título, mais importante é ficar atento a essa margem, porque ela vai incidir sobre um período mais longo de carregamento e pesar mais no resultado final.

Também é importante frisar que os títulos negociados no mercado secundário não vêm do nada: são papéis que outros investidores adquiriram e decidiram vender antes do vencimento, e que a corretora absorveu para recolocar em circulação.

TAXA FIXA VS. COMISSÃO

Segundo um assessor de um escritório de agentes autônomos que não quis se identificar, as corretoras, de modo geral, trabalham com um

spread de até 0,4 ponto percentual anual a mais em relação à taxa de mercado do título público. No entanto, há um ponto importante que merece ser destacado: o custo para o cliente pode depender do modelo de remuneração adotado pela corretora ou escritório de assessoria.

Há basicamente dois modelos de remuneração ao assessor de investimento. No chamado *fee based*, o cliente paga taxa fixa proporcional ao valor de sua carteira. Já no *comission based* os donos dos ativos pagam comissões com base na venda deles — ou seja, um fundo paga uma remuneração ao escritório que o vendeu para um cliente.

No modelo *fee based*, explica esse assessor, não há o *spread* de 0,4 ponto. Assim, a taxa do cliente fica muito próxima daquela do Tesouro Direto. Só não é igual porque a instituição tem a remuneração dela, de 0,1 ponto percentual de *spread*.

LIGUE PARA O ASSESSOR

Há ainda um detalhe que passa despercebido pela maioria dos investidores e que pode fazer diferença no rendimento final: as taxas praticadas pelas corretoras no mercado secundário não são necessariamente fixas. Segundo Siqueira, do B3S, o assessor tem margem para abrir mão de parte de sua comissão e oferecer um preço melhor ao cliente, mas isso raramente acontece sem que o investidor peça:

— O cliente que não demanda tempo do assessor paga mais do que aquele que demanda, e deveria ser o contrário.

A recomendação é ligar diretamente para o assessor, solicitar uma melhora nas taxas e, se possível, comparar com concorrentes. Quem investir em mais de uma corretora pode usar uma como parâmetro para negociar com a outra. Afinal, o papel do assessor, diz Siqueira, é muito mais de relacionamento que de produto:

— Justamente por isso, há um espaço para negociação que o cliente frequentemente não explora.

Leia outras reportagens sobre finanças pessoais e investimentos no site www.valorinveste.com

Vale a pena pagar um plano de IA? Guia ajuda decisão

Especialista recomenda a usuário comparar para entender qual solução de inteligência artificial combina melhor com sua rotina

MARCOS FURTADO
marcos.furtado@oglobo.com.br

Resumir um PDF de centenas de páginas num piscar de olhos, montar uma planilha de fluxo de caixa ou criar imagem e texto para um post nas redes. São tarefas que damos cada vez mais à inteligência artificial (IA), que já virou ferramenta de trabalho, estudo e organização da rotina de muita gente. A popularização traz uma dúvida para o bolso: vale a pena pagar por um plano de IA? Para essa decisão, O GLOBO preparou um guia com as plataformas mais populares, a partir de comparação feita por Paulo Foster, coordenador geral da Escola Brasileira de Arte e Tecnologia (Ebat).

Como saber se vale a pena?

As principais plataformas de IA têm uma versão gratuita que resolve o básico e reservam os recursos mais potentes

para assinantes. Os planos pagos vão de cerca de R\$ 40 a mais de R\$ 700 por mês. Parte dos pacotes é cobrada em dólar, deixando a conta final mais salgada que o preço na tela.

Os planos liberam mais possibilidades de uso, como o envio de arquivos, e modelos com maior potência. Podem variar a profundidade de pesquisas e a qualidade na geração de imagem e voz, além da memória das interações e a possibilidade de integração com apps de trabalho e estudo.

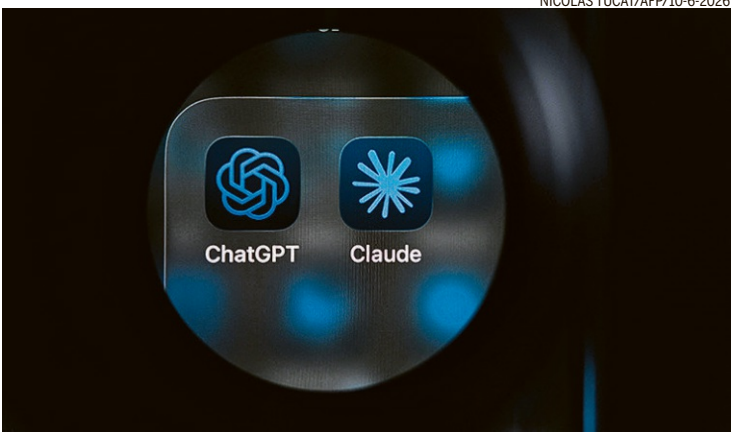
Aversão gratuita dá conta do básico para muita gente, diz Foster. A assinatura começa a valer quando há uso frequente e um ganho real de tempo ou qualidade. A melhor forma de decidir é entender as próprias necessidades e ver qual solução mais se adapta a elas, pondera o especialista. Ben-Hur Correia, jornalista e pesquisador de IA da Globo, reforça que a assinatura não garante confiança total, e “a checagem humana é necessária sempre”.

ChatGPT (OpenAI)

Plano gratuito: permite conversar, perguntas, envio de arquivos e geração de imagens com uso limitado. Passado o limite, o usuário fica limitado ao modelo de IA mais simples. **Plano GO (R\$ 39,99/mês):** destrava mais conversas por dia, perguntas seguidas e histórico guardado por mais tempo, mas ainda tem limite. **Plano Plus (R\$ 99,90/mês):** melhora o raciocínio para questões mais complexas, gera imagens de melhor qualidade e tem limite de uso mais alto. **Plano PRO (R\$ 525/mês):** modelo mais rápido e avançado, com até 20 vezes mais us.

Gemini (Google AI)

Plano gratuito: permite conversar, gerar e editar imagens, pesquisar na web e usar o NotebookLM básico, incluindo 15 GB. Não tem previsibilidade



Opções. O ChatGPT, da OpenAI, e o Claude, da Anthropic, oferecem planos

de, o acesso varia com a demanda. **Plano Google AI Plus (R\$ 49,99/mês):** oferece limites duas vezes maiores que no plano gratuito, o NotebookLM é ampliado, tem Gemini no Gmail e em outros apps e 400 GB de armazenamento. **Plano Google AI Pro (R\$ 96,99/mês):** oferece limites quatro vezes maiores que no plano gratuito, Gemini 3 Pro, busca aprofundada, automações, apps Google, YouTube Premium Lite e 5 TB. **Plano Google AI Pro Ultra (a partir**

de R\$ 779,90/mês): oferece tudo do Pro com limites cinco vezes maiores, 20 TB de armazenamento.

Claude (Anthropic)

Plano gratuito: permite conversar por texto, ajudar com escrita e código, buscar na web e criar arquivos simples, com uso limitado por sessão. A cota renova a cada 5 horas. **Plano PRO (US\$ 20/mês ou R\$ 111,65/mês):** oferece

mais uso, ferramentas e integração com Microsoft 365 e Outlook, com limite de 45 mensagens a cada 5 horas. **Plano MAX 5X (US\$ 100/mês ou R\$ 558,24/mês):** oferece tudo do PRO com cinco vezes mais uso por sessão, respostas mais longas, acesso antecipado a recursos e prioridade nos horários de pico, com limite de 225 mensagens a cada 5 horas.

DeepSeek

Plano gratuito: oferece acesso ao chat pelo site ou aplicativo, sem pagamento, mas os limites não são detalhados pela empresa; variam conforme conta e tráfego. **Plano API V4-Flash (R\$ 1,56 por 1 milhão de tokens de resposta):** versão para desenvolvedores, serve para integrar o DeepSeek em sistemas próprios, como chatbots e automações. O custo é calculado pelo volume de texto processado (medido em tokens). **Plano API V4-Pro (R\$ 4,86 por 1 milhão de tokens de resposta):** mesma lógica do Flash, com maior capacidade de resposta e raciocínio, para automações mais complexas e uso intensivo.



NOTÍCIAS DO FRONT

Em combates diários, milícia defende seu berço, Rio das Pedras, do avanço do CV

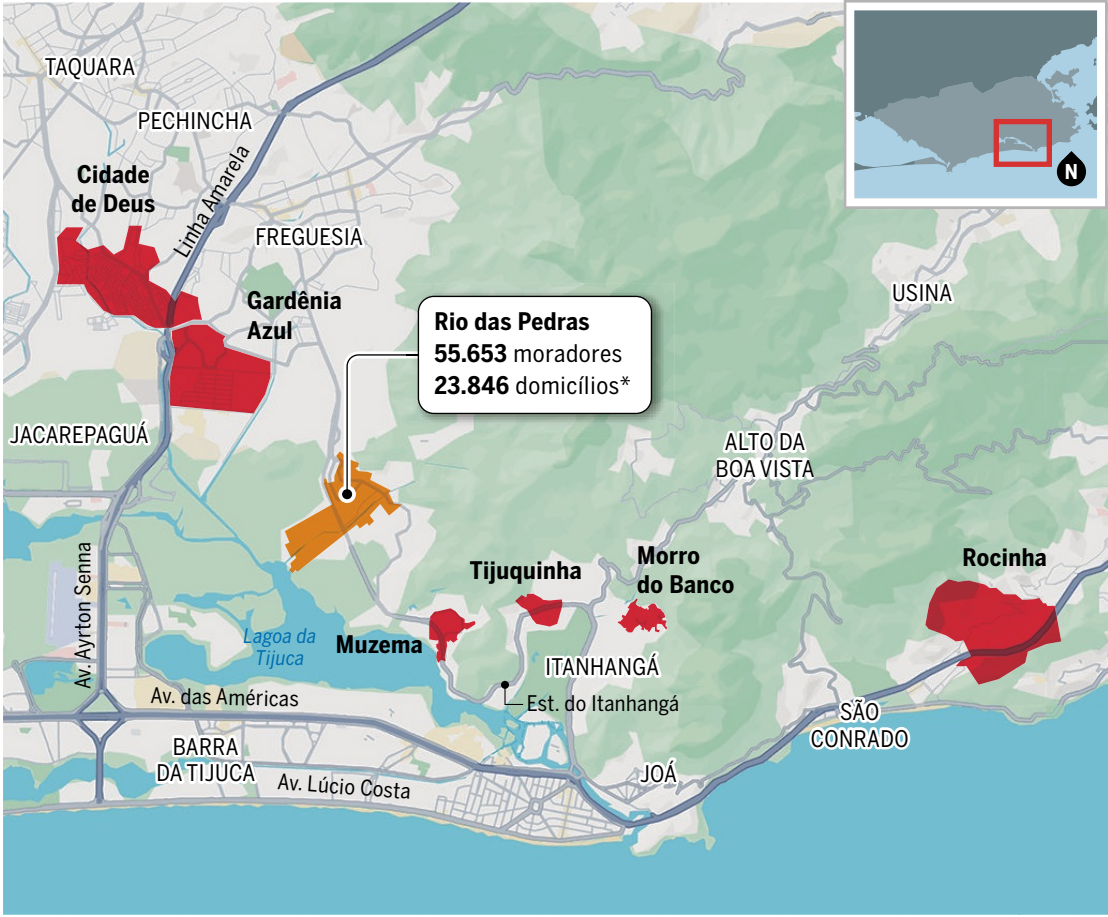


A comunidade. Rio das Pedras, historicamente dominada pela milícia, e hoje sob ataque do Comando Vermelho: de acordo com o IBGE, é a segunda maior favela do país em número de domicílios

MARCOS NUNES
E SELMA SCHMIDT
granderio@oglobo.com.br

Território em disputa

● CV ● Milícia, com o apoio do TCP



*CENSO DO IBGE 2022

Segunda maior favela do país em número de domicílios, com 23.846 residências, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Rio das Pedras, no Itanhangá, na Zona Sudoeste do Rio, tornou-se conhecida como o berço da milícia no Rio. Naquela região, na década de 1980, a atuação organizada de grupos de extermínio começou a chamar a atenção. Nos anos 2000, o movimento, criado sob a justificativa de dar segurança ao comércio e aos moradores, ganhou a forma de grupos militares que, hoje, agem como as quadrilhas criminosas que alegavam combater. Introduziram a cultura da cobrança de taxas de segurança e a exploração de negócios irregulares, como a venda de sinal de internet, ideias que inspiraram outras milícias no estado e, hoje, são adotadas até pelas facções criminosas rivais. Há quase duas semanas, o grupo miliciano luta para evitar que o território onde nasceu caia nas mãos de inimigos.

BOMBA COM DRONE

Desde 18 de junho, bandidos do Comando Vermelho (CV) vêm intensificando tentativas de invasão aos territórios dominados pela milícia em Rio das Pedras. Naquele dia, Kauan de Oliveira Teles e outros oito paramilitares deixaram a milícia e passaram para o lado da facção. O efeito foi imediato. A violência aumentou e forçou os moradores a conviverem com uma rotina de tiroteios. Uma semana depois, no último dia 24, um drone foi usado

no lançamento de um artefato explosivo sobre a comunidade. Uma casa foi atingida. “Às 3h13 da madrugada jogaram uma granada sobre a minha casa, no Areal, em Rio das Pedras. Graças a Deus ninguém se feriu. Até quando moradores inocentes vão sofrer com essa violência?”, indagou uma moradora nas redes sociais. Segundo investigações, traficantes do CV escondidos na localidade conhecida como Caranguejo, já dentro de Rio das Pedras, estariam recebendo apoio de outros bandidos vindos da Gardênia Azul e da Cidade de Deus, ambas em Jacarepaguá, e do Morro do Banco e da Muzema, no Itanhangá. A tomada dos territórios da milícia teria sido orde-

nada por integrantes da cúpula da facção, entre eles Edgar Alves de Andrade, o Doca. Dois motivos explicam o interesse do CV pela favela. O primeiro é o desejo de formar uma espécie de cinturão de domínio na região, onde hoje apenas Rio das Pedras continua nas mãos de milicianos. A comunidade fica entre a Barra da Tijuca e a Cidade de Deus, em Jacarepaguá. O segundo é relacionado ao dinheiro obtido com as extorsões. Estimativas da polícia apontam que, no berço da milícia, os paramilitares arrecadem cerca de R\$ 2 milhões por mês com negócios como venda clandestina de sinais de TV a cabo e internet, além de taxas de segurança.

No mesmo dia 24, uma operação da Delegacia de Repressão às Ações Criminosas Organizadas e de Inquéritos Especiais (Draco-IE) revelou que milicianos de Rio das Pedras, do Catinho, e da Taquara, em Jacarepaguá, além do Catiri, em Bangu, buscaram apoio de bandidos do Terceiro Comando Puro (TCP) para aumentar o poder bélico e evitar as invasões do CV. — Em algumas dessas localidades, o TCP recebeu o aval para vender drogas. E, em outras, para explorar a cobrança de taxas em conjunto com a milícia — explica o delegado Jefferson Ferreira, da Draco. Durante a operação, os policiais encontraram uma tabela de valores cobrados

semanalmente por milicianos em Jacarepaguá. Uma casa de material de construção, por exemplo, pagava R\$ 100. A polícia também encontrou provas da união entre milícia e o TCP. Uma delas é um fuzil apreendido no Catiri. A arma encontrada com um miliciano, em fevereiro, tinha na corronha a inscrição “Tropa do Montanha 5.3”. Montanha é o apelido de um paramilitar oriundo de Rio das Pedras. Já os dois números seriam, segundo a polícia, símbolo da aliança entre os dois grupos criminosos. O primeiro identifica a milícia (5.5), enquanto o “3” faz referência ao TCP.

ROTINA DE GUERRA

Instalada há mais de 20 anos em Rio das Pedras, uma testemunha conta que, por causa dos tiroteios, moradores do Areal, da Areinha e do Caranguejo estão voltando mais cedo para casa. Segundo ele, bares que ficavam abertos até a madrugada passaram a fechar por volta das 21h. — Essa área é brava. É onde acontecem os tiroteios. É uma área que quase não tem asfalto. E, agora, ainda tem essa violência toda. Se as pessoas tivessem condições de morar em outro lugar, sairiam de lá — diz ele. Ainda de acordo com o morador, devido à guerra, milicianos interromperam temporariamente a cobrança das taxas e pararam de circular ostentando fuzis. — Mas não tenho dúvida que, se a guerra acabar e a milícia vencer, vão voltar a fazer o que faziam antes. E cobrar os atrasados — desabafa. O professor e pesquisador José Cláudio Souza Alves, do Departamento de Ciências

Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, confirma que o enfraquecimento das milícias na região, como no resto do Rio, tem relação com o avanço do CV. — Primeiro, o CV acumulou dinheiro, com o objetivo de retomar territórios. A facção foi percebendo que, a partir principalmente da política das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs), as milícias estavam num processo de tomada de territórios muito avançado e muito rápido, sempre com base na estrutura de segurança pública estatal — afirma ele. Segundo Alves, o CV se valeu ainda de disputas internas: — Após a expansão, as milícias entraram numa fase de fragmentação. Mesmo as com estruturas enormes, baseadas em acordos. Esses acordos não se sustentaram a partir do assassinato de chefes — explica o pesquisador. Rio das Pedras era o nome de um córrego que cortava a região de Jacarepaguá, vizinha à Lagoa da Tijuca. A ocupação desordenada começou no final da década de 1960, com a chegada de migrantes nordestinos em busca de trabalho na Barra da Tijuca, em fase de expansão. Os próprios moradores fizeram aterros e construíram moradias. Nos anos 1980, um grupo paramilitar, conhecido como polícia mineira, passou a controlar o local, sustentado inicialmente por comerciantes, com o objetivo de impedir a ação de ladrões e o tráfico de drogas. **PODER POLÍTICO** O grupo ganhou poder territorial, bélico, financeiro e até político. Em 2007, Josinaldo Francisco da Cruz, o Nadinho, que era presidente da Associação de Moradores de Rio das Pedras, conseguiu se eleger vereador. Ligado à milícia, então chefiada pelo policial civil Félix Tostes, morto a tiros em julho de 2007, Nadinho também acabou sendo assassinado. O crime aconteceu quase dois anos depois da morte de Tostes, em junho de 2009, na Barra da Tijuca. Segundo a polícia, os dois crimes já estavam relacionados à disputa pela milícia local. Rio das Pedras é uma das três primeiras comunidades — as outras são Gardênia Azul e Muzema — incluídas no plano de reocupação territorial elaborado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, em atendimento à determinação do Supremo Tribunal Federal (STF) no âmbito da ADPF 635 (ADPF das Favelas). O plano foi entregue ao STF em dezembro e aguarda homologação. A região foi escolhida por reunir os três principais grupos criminosos do Rio — CV, milícia e TCP —, por sua localização estratégica e por concentrar áreas de expansão urbana e econômica com alta densidade populacional.

Tempo

TEMPERATURA >

> 40°37°/40°33°/36°29°/32°25°/28°20°/24°16°/19°12°/15°< 12°

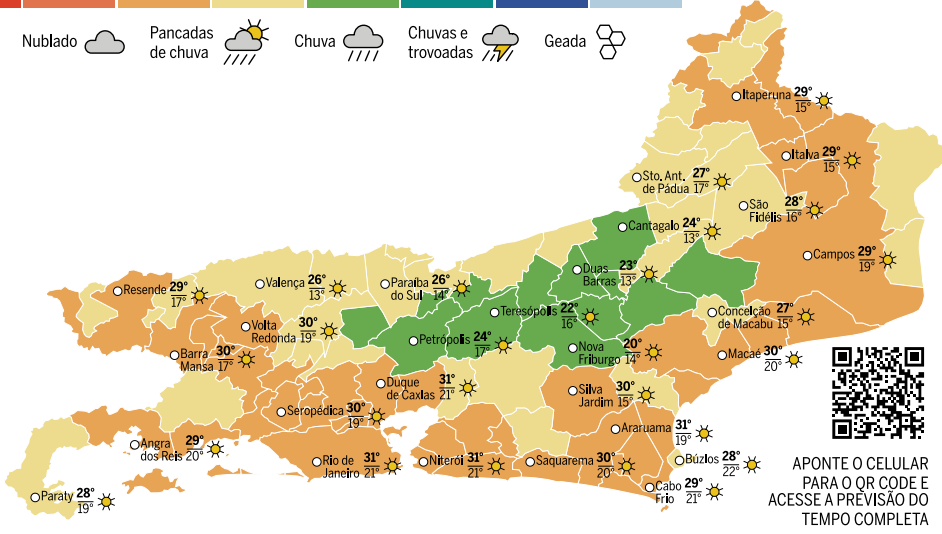
PREVISÃO >

SolNublado parcialm.NubladoPancadas de chuvaChuvaChuvas e trovoadasGeada

Rio de Janeiro

CAPITAL

HOJE	21°31° MIN. MÁX. 0.00mm PRECIPITAÇÃO 5 Km/h VENTO
AMANHÃ	20°26° MIN. MÁX. 0.00mm PRECIPITAÇÃO 5 Km/h VENTO
QUARTA	19°27° MIN. MÁX. 0.00mm PRECIPITAÇÃO 5 Km/h VENTO
QUINTA	21°27° MIN. MÁX. 0.00mm PRECIPITAÇÃO 5 Km/h VENTO



CAPITAIS	MIN.	MÁX.	CAPITAIS	MIN.	MÁX.
ARACAJU	25°/27°		MACEIÓ	26°/29°	
BELÉM	24°/31°		MANAUS	26°/31°	
BELO HORIZONTE	15°/24°		NATAL	24°/29°	
BOA VISTA	24°/28°		PALMAS	21°/34°	
BRASÍLIA	17°/26°		PORTO ALEGRE	12°/16°	
CAMPO GRANDE	21°/28°		PORTO VELHO	24°/32°	
CUIABÁ	25°/34°		RECIFE	27°/29°	
CURITIBA	14°/18°		RIO BRANCO	22°/31°	
FLORIANÓPOLIS	15°/19°		SALVADOR	26°/28°	
FORTALEZA	25°/29°		SÃO LUÍS	26°/32°	
GOIÂNIA	20°/29°		SÃO PAULO	17°/27°	
JOÃO PESSOA	22°/29°		TERESINA	23°/34°	
MACAPÁ	26°/31°		VITÓRIA	22°/28°	

FIELDPRO

Tudo pronto para o Brasil entrar em campo

Jogo da seleção contra o Japão, hoje, às 14h, inspira decreto de ponto facultativo, além de programação musical e festiva em vários endereços do Rio e de Niterói. Segundo os meteorologistas, não há previsão de chuva

LÍVIA NEDER
livia.neder@oglobo.com.br

O decreto de ponto facultativo para servidores da prefeitura e do governo estadual, anunciado na semana passada, já deu uma animada. Outra boa notícia vem do Alerta Rio: o serviço municipal de meteorologia informa que hoje, dia de jogo decisivo do Brasil contra o Japão pela Copa do Mundo, a cidade vai ter tempo entre claro e parcialmente nublado, sem previsão de chuva. A temperatura ficará estável, com máxima prevista de 31°C e mínima de 18°C. Tudo a favor, portanto, de quem planeja fazer a festa na torcida pela seleção, no primeiro jogo da fase de mata-mata. A peleja está marcada para as 14h.

O decreto de ponto facultativo não atinge órgãos considerados essenciais, como hospitais. Espaços no Rio e em Niterói divulgaram programações especiais para embalar o público quando a bola não estiver rolando. Entre as atrações confirmadas estão shows de Belo, Mumuzinho, Banda Eva e Psirico, além



Mumuzinho.
Atração na Arena Copacabana

de rodas de samba, DJs e, claro, grandes telões para a transmissão do confronto.

Na Zona Sul do Rio, a Arena Copacabana, na altura da Avenida Princesa Isabel, volta a receber o público após encher durante os três jogos da fase de grupos. A programação de hoje terá show de Mumuzinho e apresentação do grupo Samba Que Elas Querem. O acesso, gratuito, é permitido mediante retirada antecipada de ingressos pela plataforma Sympla. O espaço conta com três telões de alta definição, praça de alimentação, bares e capacidade para até dez mil pessoas.

Na Gávea, o Village Superbet, instalado no Jockey Club Brasileiro, promove uma edição especial para a partida da seleção. A festa terá shows das atrações baianas Banda Eva e Psirico, depois da transmissão do jogo, experiências gastronômicas e ativações. O evento abre ao meio-dia, e os ingressos custam a partir de R\$ 110.

Ainda na Zona Sul, o projeto Copa em Caza, realizado



Todos juntos. Multidão assiste à estreia do Brasil na Copa, contra a seleção do Marrocos, nas areias de Copacabana

pela We Make Ideas no Caza Lagoa, no Parque dos Patins, terá transmissão do jogo e atrações musicais. A proposta é oferecer uma experiência mais intimista, com roda de samba, pagode e DJs ao longo do dia. hoje, o espaço abre as portas a partir do meio-dia para a transmissão da partida e oferece chope e cerveja liberados até as 13h, além de “open churrasco” até as 14h. O jogo será exibido às 14h, se-

guido de programação musical com Pagode do Hexa, DJ Tartaruga e Ygor Maciel.

Na Tijuca, na Zona Norte, a tradicional festa de rua do Alzirão, realizada desde 1978, também está confirmada para a segunda fase da Copa do Mundo do México, dos Estados Unidos e do Canadá. A expectativa é repetir o formato adotado em grandes competições anteriores, com telão e atrações musicais. Se for transitar na

região, fique de olho, pois a prefeitura monta esquema especial de trânsito na região, com interdição de vias que se estende a trechos das ruas Alzira Brandão, Conde de Bonfim, dos Araújo e Rego Lopes.

Na Barra da Tijuca, a Cidade das Artes recebe mais uma edição do FutYANdo, projeto criado pelo cantor Yan que mistura transmissão dos jogos da seleção brasileira em telão com shows

de pagode e atrações convidadas. Hoje, o evento acontece a partir do meio-dia. Após reunir milhares de torcedores nos jogos da fase de grupos, a iniciativa se consolidou como uma das principais programações do Mundial na Zona Sudoeste. Os ingressos estão à venda pela plataforma Guichê Web.

BELO EM NITERÓI

Em Niterói, o principal destaque é a fan fest Energia Para Torcer, montada no Caminho Niemeyer, no Centro. Após receber shows de Ludmilla, Thiaguinho e Ferrugem durante a fase de grupos, o evento terá o cantor Belo como atração principal logo mais. Os portões serão abertos ao meio-dia, com apresentação da DJ Tamy. A transmissão da partida, às 14h, será seguida por show do Monobloco, às 16h, e apresentação de Belo, a partir das 17h.

Além do telão e dos shows, a estrutura do evento inclui espaço para troca de figurinhas, games, maquiagem temática para a torcida, área de fotos inspirada nos álbuns da Copa e praça de alimentação. Os ingressos custam a partir de R\$ 40. Agora é torcer!

Trilha em ilha nas Cagarras é aberta à visitação pública

Programa oferece contato com a natureza e vista única para a orla

RAFAEL TIMILEYI LOPES
rafael.lopes@edglobo.com.br

O Rio de Janeiro ganhou sua primeira trilha insular aberta à visitação dentro de uma unidade de conservação. Inaugurada ontem pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), ela fica na Ilha Comprida, integrante do Monumento Natural das Ilhas Cagarras (MONA Cagarras),

a cerca de cinco quilômetros da Praia de Ipanema.

A visitação ficará disponível diariamente, das 7h às 17h, sem possibilidade de pernoite. O percurso, sinalizado com placas de orientação e interpretação ambiental, poderá ser feito em três modalidades: um trajeto de 400 metros, em formato de bate-volta; outro de 800 metros, que percorre as faces sul e norte da ilha; e um circuito completo

de 1,2 quilômetro, que inclui também a face leste.

Um dos atrativos é a vista privilegiada da cidade a partir do mar. Ao longo da caminhada, os visitantes têm perspectiva pouco conhecida da orla carioca, voltada para o Parque Nacional da Tijuca e os morros Dois Irmãos e Pão de Açúcar, além das praias de Ipanema e Copacabana e da Pedra do Arpoador. Durante a temporada migrató-



CUSTODIO COIMBRA

No meio do mar. Acesso à Trilha da Comprida, no arquipélago das Cagarras, é feito através do chamado “desembarque molhado”

ria, entre junho e agosto, há possibilidade de avistar baleias jubarte no oceano.

Além da paisagem, a trilha permite contato com a biodiversidade preservada do ar-

quipélago. Embora não exista restrição legal de idade, o ICMBio recomenda que a atividade seja realizada por maiores de 12 anos e sem limitações de mobilidade. O acesso

à ilha exige o chamado “desembarque molhado”, quando o visitante precisa nadar cerca de 30 metros entre embarcação e o costão rochoso antes de iniciar a caminhada.

Polícia investiga denúncia de menor apreendido por estupro coletivo

O delegado Felipe Santoro, da 37ª Delegacia, na Ilha do Governador, confirmou que a Polícia Civil está investigando uma denúncia feita pelo adolescente apreendido por envolvimento no estupro coletivo

de uma jovem em Copacabana, ocorrido em janeiro.

O menor de idade relata ter sofrido agressões e humilhações praticadas por um professor de uma escola do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (Degase).

Segundo a investigação, o adolescente alegou que um professor havia exposto, durante uma aula, detalhes do caso de estupro pelo qual ele havia sido apreendido. Em abril, uma decisão da Vara da Infância e da Juventude

havia determinado sua internação no sistema socioeducativo fluminense.

De acordo com informações preliminares, a direção do Centro de Socioeducação Aeroporto Dom Bosco (Cense Dom Bosco), na Ilha do

Governador, ouviu outros internos, que confirmaram o relato. Em razão do episódio, o adolescente passou a ter vigilância e acompanhamento reforçados dentro da unidade. Em nota, o Degase informou que todas as situações

que envolvem a integridade física e emocional e a segurança dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa são tratadas com rigor e atenção pela instituição. "As ocorrências relatadas encontram-se sob apuração pelos órgãos competentes e seguem sendo acompanhadas pelo Degase", diz o texto.

Leitores

NA WEB

ACERVO

Pesquise notícias antigas do GLOBO

Site contém todas as edições digitalizadas desde a primeira, em 29 de julho de 1925

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

MENSAGENS

CARTAS@OGLOBO.COM.BR

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores. O GLOBO, Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br

Sacrificar é com ele

Bolsonaro está bem lúcido quanto a seus caminhos eleitorais. Vendo que o filho Flávio, candidato à Presidência, enrolado com mentiras sobre o caso Master, não vingará, autoriza Michelle, sua mulher, a fazer o que fez, para ter alguém na parada. Já sacrificou uma ex-mulher pondo o filho menor de idade, que emancipou, para vencer a mãe, agora sacrifica o filho com a atual mulher. É só esperar as cenas dos próximos capítulos para ver...

CECILIA CENTURION
SÃO PAULO, SP

Lugar da mulher

Vocês mulheres já ouviram deputadas federais como Júlia Zanatta (PL), Carol de Toni (PL), Bia Kicis (PL) e Rosana Valle (PL), entre tantas autodenominadas “conservadoras”, em algum momento, defenderem que o lugar da mulher é no lar, apoiando o marido, cuidando da casa e dos filhos. Curiosamente, nenhuma

delas segue o modelo que tentam vender às suas eleitoras. Todas ocupam cargos de poder, têm salários pagos pelo Estado, viajam a trabalho, participam da vida pública e exercem influência política nacional. Não há nada de errado em serem independentes. Pelo contrário. A contradição está em desfrutar das conquistas que garantiram às mulheres espaço na vida pública enquanto defendem, para as demais, papel mais limitado e subordinado.

MARCUS AURELIO DE CARVALHO
SANTOS, SP

Mais de Digimais

O caso Master/Daniel Vorcaro segue bombando na imprensa. Sobre o Banco Digimais, de Edir Macedo, nenhum outro comentário após as notícias iniciais. O que está acontecendo?

ARNALDO DOS SANTOS SILVA JR.
RIO

Coisas imperiosas

O editorial do GLOBO de 28 de junho diz que: “Rever isenções

tributárias é imperioso”. Tenho implicância com a palavra “imperioso”. Apesar de legítima, acho antiquada e dramática, mas, se for para usá-la, vamos lá: é imperioso acabar com a prostituição infantil! Igualmente imperioso que crianças não morram alvejadas por balas perdidas, não morem nas ruas, não procurem comida em lixeiras...

DIMITRI VINAGRE
RIO

Sobre o editorial que trata das isenções tributárias, podemos sintetizá-lo em uma frase: o Brasil é o país dos direitos. Ninguém tem deveres.

WILSON THADEU VIDAL
RIO

Ah, meu galeguinho

Ultimamente está tendo muito “galego” na política. O presidente Lula chama o seu amigo de longa data e agora ex-líder do governo no Senado Jaques Wagner de “galego”. No vídeo da ex-primeira-dama,

Michelle Bolsonaro, ela chama o seu marido, Jair Bolsonaro, de “galego”. Cada um com seu “galego”!

VITAL ROMANELI PENHA
JACAREÍ, SP

Lei dos tribunais fora

Interessante a coluna “Com que dinheiro”, de Bruno Dantas, ministro e ex-presidente do TCU (27 de junho). Ele escreve, muito acertadamente, sobre uma possível “súmula vinculante para exigir que toda lei de aumento de despesa indique sua fonte de custeio”. E a pergunta obrigatória seria: “com que dinheiro a promessa será cumprida?”. Mas parece que a mesma pergunta não se aplica aos tribunais Brasil afora, a começar pelo STF, todos com salários, penduricalhos e regalias descabidas. Com que dinheiro? Talvez a pergunta não se aplique, e não precise de uma possível súmula vinculante, porque, afinal, já são bancadas por nós, pagadores de impostos.

ANA BEATRIZ V. P. DE MENDONÇA
RIO

O STF formou maioria para aprovar parte dos seus penduricalhos , como venda de férias. Isso não passa de hipocrisia, já que suas excelências têm direito a dois meses de férias por ano, ou seja, vendem um benefício de um mês a mais a que moralmente não têm direito. Fora a excrecência dos malfadados quinquênios .

FLÁVIO COUTINHO
RIO

Ingrid me representa

Concordo do primeiro ao último parágrafo com tudo o que Ingrid Guimarães escreveu na sua coluna (28de junho). Fluida e verdadeira, não se esqueceu de nada a respeito do que acontece com as mulheres em relação ao tempo e à idade, que está na nossa cabeça e na nossa energia!Parabéns pelos seus 54 anos e tantos outros que vão chegar!

LYGIA DE CASTRO
RIO

Uma esticadinha

Bem oportuna a matéria do GLOBO deste domingo sobre “Como sair do lugar”, com 15 projetos para o futuro de forma a destravar o trânsito. Como usuário da Linha 1 do metrô, enfrento, diariamente, vagões cheios a qualquer hora, principalmente entre as estações General Osório e Botafogo. Por que a Linha 2 não é estendida de Botafogo para a Estação General Osório? Aliviaria muito e imediatamente.

MARCIO HENRIQUE WAJNBERG
RIO

Minuto de valor

Digna de louvor a solidariedade expressa pelos torcedores presentes ao cotejo Panamá x Inglaterra, no respeitoso minuto de silêncio em memória das vítimas dos terremotos na Venezuela.

ANTONIO FRANCISCO DA SILVA
RIO

APLICATIVO O GLOBO

O app oferece funções que facilitam a navegação, além de unir todo o conteúdo on-line e impresso. Baixe agora ou atualize o aplicativo disponível na **Apple Store** e no **Google Play**



Menu de navegação

Como navegar
A tela inicial destaca o conteúdo on-line que pode ser atualizado



Em Biblioteca, as matérias salvas do aplicativo ficam guardadas



Em Banca, o leitor pode baixar a edição impressa em duas versões: jornal e texto



Em Editorias, o leitor consegue acessar suas seções preferidas



Ao clicar no símbolo, o leitor pode salvar uma matéria para leitura posterior



O time de colunistas do GLOBO está reunido em um único lugar no app



NEWSLETTERS



Política, economia, cultura, saúde, diversão: escolha os temas de sua preferência e inscreva-se em oglobo.globo.com/newsletter para receber uma seleção de conteúdo em sua caixa de e-mail

EXCLUSIVAS
Só os assinantes têm acesso a “Dois Minutos – Tarde” (um resumo do noticiário mais quente do dia) e “Clube O Globo” (que destaca ofertas e benefícios)

Clube O GLOBO

EXCLUSIVO PARA ASSINANTES
CONSULTE CONDIÇÕES DA OFERTA NO SITE CLUBE.OGLOBO.COM.BR



DIVULGAÇÃO

Best-seller francês invade o tablado

50% desconto

A partir do dia 25 de julho, o espetáculo ‘Água Fresca para as Flores’ prepara-se para viver a sua temporada no Teatro Fasionmall. O monólogo é a primeira adaptação latino-americana autorizada do best-seller mundial da escritora francesa Valérie Perrin, obra traduzida para mais de 40

idiomas. Idealizado e protagonizado por Marcella Muniz, com adaptação e direção assinadas por Bruno Costa, o espetáculo tornou-se um verdadeiro fenômeno teatral ao projetar nos palcos a emocionante história de Violette Toussaint. Quem é assinante garante 50% de desconto em até 2 ingressos. Descubra mais em nosso site.

Férias de julho sem preocupações

30% desconto

Com mais de 40 anos de experiência em assistência integral a viajantes, a Universal Assistance é referência em oferecer proteção e suporte em qualquer lugar do mundo e a qualquer hora do dia. A empresa garante que cada viagem seja segura, ágil e sem preocupações, com inovação,

tecnologia e cuidado com cada cliente. Entre os serviços, a marca oferece: assistência médica diante de doenças ou acidentes, teleassistência por videoconferência, Vip Delay (acesso a salas VIP em casos de atraso de voo), suporte em caso de perda ou atraso de bagagem e outros. Assinantes garantem 30% OFF em todos os serviços.

SHUTTERSTOCK



DIVULGAÇÃO

Diversão ao ar livre para toda a família

10% desconto

A Cidade da Criança é o primeiro parque temático do Brasil, localizado em São Bernardo do Campo, com uma grande área arborizada, que oferece diversas opções de entretenimento para toda a família. A Cidade da Criança conta ainda com a Fazendinha “Fala Bicho”, que traz uma proposta

ao ar livre e possibilita maior proximidade dos visitantes com os animais, buscando ainda levar conhecimento sobre a conscientização quanto aos animais, além das 30 atrações, como Roda Gigante, Teleférico e um Vale dos Dinossauros. Venha se divertir com 10% de desconto na compra de ingressos online. Acesse o site e saiba mais on-line.

POR CLÁUDIA FERNANDES
claudia.fernandes@edglobo.com.br

HÁ 50 ANOS

Governo limita envio de dólares por multinacionais
29/6/1976



O governo restringiu a remessa de recursos ao exterior por subsidiárias de empresas estrangeiras, ao decidir que seus projetos só gozarão dos incentivos fiscais do Conselho de Desenvolvimento Industrial caso aceitem não remeter pagamentos ao exterior por conta de assistência técnica. Para obter incentivos fiscais, mutinacinais têm de assinar termo de responsabilidade que as obriga a transferir e absorver tecnologia externa sem ônus para o país. A inflação este ano deve atingir 39,7%. A previsão é do secretário geral do Ministério da Fazenda, José Carlos Freire.

LOTERIAS

QUINA DE SÃO JOÃO (concurso 7051): 19 . 32 . 50 . 73 . 75 . **LOTOFÁCIL** (concurso 3.721): 1 . 5 . 7 . 8 . 9 . 10 . 11 . 13 . 15 . 16 . 17 . 18 . 20 . 22 . 24 . **MEGA-SENA** (concurso 3.024): 13 . 39 . 42 . 44 . 47 . 49

O leitor deve checar os resultados também em agências oficiais e no site da CEF porque, com os horários de fechamento do jornal, os números aqui publicados, divulgados sempre no fim da noite pela CEF, podem eventualmente estar defasados.



NEGÓCIOS & LEILÕES

JOÃO EMÍLIO
Imóveis, veículos
e equipamentos

CAPRIL GENÈVE / DIVULGAÇÃO

A produção de queijos no interior do Estado do Rio vive um momento de expansão e reconhecimento, com produtos premiados e valorizados por *chefs* de restaurantes renomados. As queijarias do Vale do Café e da Região Serrana se destacam tanto por receitas tradicionais quanto autorais, reforçando a diversidade da produção artesanal.

Além da qualidade dos laticínios, as rotas do queijo também se consolidam como destino turístico, atraindo visitantes pelas paisagens naturais e fazendas históricas. A valorização dos processos artesanais impulsiona a economia local, gerando emprego e renda e fortalecendo o turismo regional.

Sabores únicos, métodos mais sustentáveis e menor uso de produtos químicos têm impulsionado a busca por queijos artesanais, mesmo com preços geralmente mais altos em relação aos produtos industriais. Segundo a Associação Brasileira de Queijos Artesanais, esse segmento já representa cerca de 20% do total consumido no país. De acordo com a Embrapa, o volume equivale a cerca de 200 mil toneladas por ano.

Esse crescimento vem sendo impulsionado pelo esforço de queijeiros que, nos últimos anos, investiram no aprimoramento das técnicas e na obtenção de certificações para ampliar o acesso ao mercado. É o caso das queijarias de Valença, como a Capril do Lago, uma das primeiras a receber o Selo Arte, que permite a comercialização em todo o país — o queijo Caprinus do Lago conquistou a medalha “Super Ouro no Mondial du Fromage”, na França, em 2023, e o Sapucaia foi eleito o melhor queijo de cabra do mundo no “Mundial do Queijo do Brasil”, neste ano, superando concorrentes de 18 países.

A qualidade dos queijos também atrai visitantes para a queijaria, que integra a Rota do Queijo do Vale do Café, hoje com mais de 20 produtores. Além de conhecer o processo de produção, os turistas podem desfrutar da área reforestada no entorno da propriedade.

— Aqui não usamos hormônio. Os filhotes são



Campeão. O ‘chèvre’ do Capril do Lago faturou o primeiro lugar no Mundial de Queijos, que aconteceu em São Paulo, em abril

criados ao pé da cabra ou da vaca e são chamados pelo nome. Estamos investindo na agrofloresta com árvores frutíferas, o que dá ainda mais sustentabilidade à nossa produção — explica o fundador do Capril do Lago, Fabrício Vieira.

REVOLUÇÃO QUEJEIRA
O pesquisador Tiago Dardeau lançou em 2025 o livro “Queijarias artesanais do Brasil”, que mapeia 213 produtores em diferentes regiões do país, informando volume de produção, tipos de receita e de leite, certificações e presença digital.

A Região Serrana também reúne produtores de destaque, como o Capril Genève, de Teresópolis, especializado em queijos de cabra maturados com fungos comestíveis. A proprietária, a médica veterinária Rose Garcia, lembra que, quando abriu a queijaria há cerca de 30 anos, o consumidor brasileiro ainda tinha resistência aos laticínios caprinos.

Com receitas de inspiração francesa, a marca conquistou espaço em restaurantes especializados e ajudou a mudar a percepção do público sobre os queijos de cabra. Um dos exemplos é o Crottin, usado na tradicional salada Chèvre Chaud servida em restaurantes do Rio.

— Promovemos uma degustação com entrada gratuita para apresentar os queijos aos visitantes, mostrar como são produzidos manualmente e falamos sobre as diferentes regiões da França e seus queijos típicos. É uma oportunidade também para saborear produtos autorais, que não são comercializados em maior escala — afirma Rose.

TRADIÇÃO ARTESANAL
Em Nova Friburgo, a atração é a Queijaria.Q — instalada na vinícola Terras Frias. Criada inicialmente para harmonizar com os vinhos da casa, a produção cresceu e ganhou vida própria, passando a abastecer também lojas da região.

Entre os destaques está o Rouge, queijo autoral de tipo montanhês maturado por 90 dias e depois imerso em vinho Cabernet Franc, que lhe confere cor e aroma característicos.

Ali a experiência vai além da degustação: os visitantes podem fazer piqueniques entre os vinhedos e receber uma garrafa de vinho e uma tábua com sete tipos de queijo, além de pão e geleia.

— A experiência está dando tão certo que estamos ampliando para a hospedagem em chalés, que serão inaugurados em breve — conta o fundador André Guedes.

O avanço do queijo artesanal também foi impulsionado por mudanças na legislação,

como a criação do Selo Arte e do Selo Queijo Artesanal, que facilitaram a formalização dos pequenos produtores. O Sebrae tem apoiado os negócios nesse processo e destaca ainda o potencial da Indicação Geográfica como ferramenta de valorização regional.

— O Selo Arte atesta o modo artesanal de produção, enquanto a Indicação Geográfica reconhece a origem territorial e características ligadas ao solo, ao clima e à cultura local, valorizando a identidade das comunidades e criando oportunidades de desenvolvimento sustentável — afirma Sergio Malta, diretor de Desenvolvimento do Sebrae RJ.

Arte e prédio em Ipanema são destaques na agenda

A programação de arte da semana tem início hoje, das 10h às 17h30, com a exposição de mais de 800 lotes de antiguidades e peças de decoração e design de um acervo particular, que a Century's leva a pregão de amanhã a sexta-feira, às 14h. O leilão se estende à próxima semana.

Amanhã, às 19h30, é a vez de Andrea Diniz bater o martelo para relógios, joias e artigos de luxo. E de quarta a sexta-feira, às 14h, ela apregeia on-line mais de 900 lotes de antiguidades, mesa posta e itens de colecionismo.

As ofertas de imóveis começam hoje, a partir das

11h, quando Aline Marques leiloa três prédios (R\$ 2 milhões cada), salas comerciais (de R\$ 31,5 mil a R\$ 90 mil) e apartamento (R\$ 425 mil) no Centro, imóvel industrial com terreno em Barrado Pirai (R\$ 91,5 milhões), fração de 50% de apartamento no Leblon (R\$ 1,42 milhão), casa em Teresópolis (R\$ 300 mil) e sala comercial na Barra (R\$ 341 mil). Na quinta-feira, às 14h, oferece quatro apartamentos no Flamengo (R\$ 1 milhão cada).

Jonas Rymer dá início aos pregões imobiliários hoje, às 12h, com a oferta de apartamento no Humaitá (R\$ 1,94

milhão), sítio em Ibiúna/SP (R\$ 1,74 milhão) e quatro casas em Maricá (R\$ 110 mil cada uma).

Mas o destaque da agenda de Rymer é o prédio onde funcionava a Universidade Candido Mendes, em Ipanema, que vai a leilão em 21 de julho e já está recebendo lances (R\$ 54 milhões). O imóvel na Rua Joana Angélica tem sete andares, somando 4,9 mil metros quadrados de área construída.

De Paula e outros leiloeiros conduzem o pregão eletrônico que será encerrado em 16 de julho para a venda de dois créditos judiciais das



Kennedy Bahia. “Baianas com jarro de flores, catedral, cacauieiros, flores, pássaros e borboletas”, do artista chileno, tem lance mínimo de R\$ 1,6 mil.

(R\$ 150 mil), em Benfica (R\$ 1,4 milhão), Macaé (R\$ 1,46 milhão) e Atibaia/SP (R\$ 3,25 milhões), e casas em Campos dos Goytacazes (R\$ 2,25 milhões) e Cachoeiras de Macacu (R\$ 200 mil).

Na quarta e na quinta-feira, às 19h, Horácio Ernani comanda pregão on-line de gibis raros e colecionáveis.

Ainda hoje, quarta e quinta-feira, às 14h, Rogério Menezes oferta on-line e presencial 310 veículos de marcas e modelos variados, de bancos e seguradoras. Amanhã, no mesmo horário, oferece on-line materiais e equipamentos diversos.

massas falidas de Varig, Rio Sul e Nordeste, relacionados a ações contra a Infraero e a Eletrobras. O lance mínimo é de R\$ 12 milhões, valor já apresentado por um interessado. O leilão é restrito a instituições financeiras e fundos

de investimento.

Amanhã, às 11h, Paulo Augusto Botelho oferta apartamentos em Campo Grande (R\$ 190 mil), na Ilha do Governador (R\$ 105 mil) e em Piúma/ES (R\$ 150 mil cada), prédios na Praça Seca



APONTE SUA CÂMERA AQUI!

JOÃO EMÍLIO

LEILOEIRO

[f /leiloeirojoaoemilio](#) [ig /joaoemilioleiloeiro](#)

40

Anos

JUCERJA 045

Força Aérea Brasileira **TERÇA, 30/06, a partir das 10h - www.joaoemilio.com.br** **ONLINE**

MOTORES DE AERONAVE PROJETO P-3

MATERIAIS e EQUIPAMENTOS AERONÁUTICOS

SUCATA DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA e ESCRITÓRIO
Consulte as condições de visitação no edital disponível em nosso site.

MATERIAIS e EQUIPAMENTOS

QUARTA, 01/07, às 11h - www.joaoemilio.com.br **ONLINE**

ESCRITÓRIO e COMERCIAL: CALCULADORAS, ENCADERNADORA, FRAGMENTADORA DE PAPEL, IMPRESSORAS, MÁQUINAS DE CARTÃO, CASA, MÓVEIS e DECORAÇÃO: ENFEITES, LUMINÁRIAS, QUADROS DECORATIVOS, SOFÁS, SUPORTE DE MALAS. **ELETRÔNICOS e SEGURANÇA:** CÂMERAS DE SEGURANÇA, REPETIDORES DE SINAIS, TELEVISORES. **AUTOMOTIVO:** GRANDE QUANTIDADE DE PNEUS, PEÇAS AUTOMOTIVAS. **INDUSTRIAL, FERRAGENS e COMPONENTES:** ADAPTADOR ROSCA, ELEVADOR DE CARGA, GRADES DE VENTILADORES, ROLAMENTOS. **ELÉTRICA e INSTRUMENTOS DE MEDIÇÃO:** AMPERÍMETROS, CONTADORES, VOLTÍMETROS. **EQUIPAMENTOS TÉRMICOS e UTILIDADES:** AQUECEDOR DE ÁGUA A GÁS, ESTUFA PARA QUENTINHA. **SAÚDE e EQUIPAMENTOS MÉDICOS:** INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS. **VISITAÇÃO:** No dia 30/06, das 9h às 12h, Rio de Janeiro/RJ. Consulte condições e agenda!

TERÇA, 01/07, a partir das 12h - www.joaoemilio.com.br **ONLINE**

SUCATA DE COMPORTAS TIPO VAGÃO

APROXIMADAMENTE 112 TONELADAS
Consulte condições e agenda.

Linneo de Paula Machado CONDOMÍNIO **TERÇA, 01/07, a partir das 13h - www.joaoemilio.com.br** **ONLINE**

GRANDE QUANTIDADE de EQUIPAMENTOS HIDRÁULICOS

BOMBAS HIDRÁULICAS DE DIVERSOS MODELOS, ATUADOR DE VÁLVULA ELÉTRICA JHONSON CONTROLS, KITS DE MANGUEIRAS FLEXÍVEIS, MINICONTADOR WEG CAV, VÁLVULA GAVETA MIPEL e OUTROS
Consulte as condições de visitação no edital disponível em nosso site.

EMGEPRON **SEXTA, 03/07, às 10h** **Est. dos Bandeirantes, 10639** **ONLINE E PRESENCIAL**

GRANDE QUANTIDADE DE RESÍDUOS OLEOSOS

CÂMARA HIPERBÁRICA, LANCHAS EM FIBRA DE VIDRO, HÉLICE DE 4 PÁS EM BONZE, GUINDASTE MADAL, EMPILHADORA AUTOPROPULSADA, MOTOR DE POPA, FORNO COMBINADO, VIATURA CHEVROLET S10, CADEIRAS, MESAS, ARMÁRIOS, CABOS, SIMULADOR DE CIC e OUTROS
VISITAÇÃO: Consulte condições e agenda!

essor **SEXTA, 03/07, às 11h30 - www.joaoemilio.com.br** **ONLINE**



VEÍCULOS ZERO KM e SINISTRO DE TRANSPORTE

CHEVROLET TRACKER 1.0 TURBO - CHEVROLET S10 PICK-UP LTZ

VISITAÇÃO: No dia 03/07, das 8h às 11h, Rio de Janeiro/RJ - Est. dos Bandeirantes, 10.639 (Pátio do Leiloeiro). Consulte condições e agenda!

LEILÕES de VEÍCULOS

VEÍCULOS, MOTOS e PICK UPS - INTEIROS e RECUPERADOS



SEXTA, 03/07, a partir das 12h
www.joaoemilio.com.br **ONLINE**



MULTIMARCAS

VEÍCULOS DE FINANÇEIRAS, SEGURADORAS e EMPRESAS.

VISITAÇÃO: No dia 03/07, das 8h às 11h30, Rio de Janeiro/RJ - Est. dos Bandeirantes, 10.639 (Pátio do Leiloeiro). Consulte condições e agenda!



FACILITY **SEXTA, 03/07 às 12h30 - www.joaoemilio.com.br** **ONLINE**

VEÍCULOS INTEIROS ou RECUPERADOS

FIESTA STREET - VOLVO XC60

VISITAÇÃO: No dia 03/07, das 8h às 11h30, Rio de Janeiro/RJ - Est. dos Bandeirantes, 10.639 (Pátio do Leiloeiro). Consulte condições e agenda!

NÃO CAIA EM GOLPE! NOSSO SITE É: WWW.JOAOEMILIO.COM.BR PREVINA-SE: VISITE O LOTE ANTES DO LEILÃO

Imagens ilustrativas*

CAMINHÕES e VEÍCULOS
Dia 03 de Julho, a partir das 12:40
www.joaoemilio.com.br **ONLINE**

CAMINHÕES COM CESTO AÉREO, MUNCK, CARROCERIA ou CABINE SUPLEMENTAR
DIVERSOS MODELOS: VOLKSWAGEN 17-190, 9-170, 17-230 - M. BENZ ACCELO 815, ATEGO 1719
VISITAÇÃO: No dia 03/07 das 8h às 11h30, Rio de Janeiro/RJ - Est. dos Bandeirantes, 10.639 (Pátio do Leiloeiro). Consulte condições e agenda!

CAMINHÕES DE RENOVAÇÃO DE FROTA
Dia 03 de Julho, a partir das 13h
www.joaoemilio.com.br **ONLINE**

M. BENZ 1719 - M. BENZ 1729 6x2 - V.W 23230 - V.W 9170
COMPACTADOR 10M³, 15M³ e 19M³ - BASCULANTE 12M³ - ROLL ON ROLL OFF - SA TELITE
VISITAÇÃO: No dia 03/07, das 8h às 11h30, Rio de Janeiro/RJ - Est. dos Bandeirantes, 10.639 (Pátio do Leiloeiro). Consulte condições e agenda!

EQUIPAMENTOS DE TV E INFORMÁTICA **QUARTA, 08/07, às 11h - www.joaoemilio.com.br** **ONLINE**

TRANSFORMADORES TRIFÁSICO e MONOFÁSICO COM DIVERSOS KVA, PATCH DE ÁUDIO, EXTENSORES DE VÍDEO, ACESSÓRIOS e PERIFÉRICOS DE VÍDEO, MATRIZ DE COMUNICAÇÃO, MICROFONES, LENTES, COMPUTADORES DE VÍDEO, DISTRIBUIDORES DE VÍDEO, CÂMERA HEAD, CÂMERA FOTOGRÁFICA, CARREGADOR DE BATERIA, LUMINÁRIA DE LED, VIEWFINDERS, ADAPTADORES DE CÂMERA, MONITORES, GRAVADORES e OUTROS.
No dia 07/07, das 9h às 12h, Rio de Janeiro/RJ - Est. Dos Bandeirantes, 10.639 - (DEPÓSITO DO LEILOEIRO).

QUINTA, 09/07, às 10h - www.joaoemilio.com.br **ONLINE**

MULTIFUNCIONAL, RACK EXPERT DE SWITCH, MONITORES, COMPUTADORES DESKTOP, NOTEBOOKS, SERVIDORES DELL, NOBREAKS, ESTABILIZADORES, TELEVISORES, APARELHOS DE TELEFONE e OUTROS.
VISITAÇÃO: Nos dias 07 e 08/07, das 9h às 16h, Rio de Janeiro/RJ. Consulte condições e agenda!

RIEL **QUINTA, 09/07, a partir das 13h - www.joaoemilio.com.br** **ONLINE**

GERADOR DIESEL STEMAC 180/168 KVA
VISITAÇÃO: No dia 08/07, das 9h às 12h, Rio de Janeiro/RJ. Consulte!

TEC **QUINTA, 09/07, às 13h05 - www.joaoemilio.com.br** **ONLINE**

TRANSFORMADORES DE DIVERSOS KVA

TRAMAX, SIEMENS, DEDINE, ASEA ELÉTRICA e FRANCE TRANSFORMADORES
30 KVA, 225 KVA, 750 KVA, 1.000 KVA e 2.000 KVA
VISITAÇÃO: Nos dias 07 e 08/07, das 13h às 16h, Higienópolis/RJ - Consulte condições e agenda.

Força Aérea Brasileira **SEXTA, 10/07, a partir das 10h - www.joaoemilio.com.br** **ONLINE**

MATERIAIS AERONÁUTICOS e EQUIPAMENTOS DIVERSOS
ITENS AERONÁUTICOS e FERRAMENTAS, UFT, UNIDADE DE PARTIDA, TRATOR REBOQUE e CONJUNTO GERADOR.
Consulte as condições de visitação no edital disponível em nosso site.

CRECI-RJ **TERÇA, 28/07, a partir das 13h - www.joaoemilio.com.br** **ONLINE**

GRANDE OPORTUNIDADE DE IMÓVEIS

FREGUESIA/RIO DE JANEIRO - CENTRO/ARARUAMA - JARDIM 25 DE AGOSTO/DUQUE DE CAXIAS
CENTRO/NOVA FRIBURGO - CENTRO/NOVA IGUAÇU - CENTRO/RIO BONITO - CENTRO/RESENDE



Consulte as condições de visitação no edital disponível em nosso site.

EMGEPRON **SEXTA, 07/08, às 10h** **Est. dos Bandeirantes, 10639** **ONLINE E PRESENCIAL**

SUCATA FERROSA
07 CARROS DE COMBATE BÁSICO - TIPO II SK 105 A2S
Credenciamento iniciando em 20/05/26 e terminando em 03/07/2026

Audiência Pública no Auditório do Leiloeiro (Presencial) para Esclarecimento de Dúvidas sobre o Edital: 26/06/2026 às 9h
Resultado do Credenciamento: 17/07/2026
Prazo para Recurso: De 17/07 a 24/07 - Canal para envio: Através do e-mail licitacao@emgepron.gov.br
Dia do leilão: 07/08/2026 (Presencial e Online)
Local para Entrega de Documentos:
Os documentos de credenciamento devem ser entregues na Sede da Emgepron:
Endereço: Ilha das Cobras, Edifício Almirante Raphael de Azevedo Branco, s/nº Centro, Rio de Janeiro/RJ — CEP: 20180-001
VISITAÇÃO: Consulte e agenda.

DE PAULA **Silas Barbosa Pereira** **LEILOEIROS PÚBLICOS** **Anderson Carneiro Pereira** **AC** **PORTELLA LEILÕES** **Rymer leilões**

LEILÃO ELETRÔNICO ABERTO P/ LANCE

www.depaulaonline.com.br

Falência de S.A (VIAÇÃO AÉREA RIO GRANDENSE) e OUTROS

1ª Vara Empresarial da Capital - RJ - Proc. nº 0260447-16.2010.8.19.0001
Encerrando dia, 16/07/2026, à partir das 14h

Unidade Produtiva Isolada, denominada "Ativos Creditórios", composta exclusivamente pela integralidade dos direitos creditórios de titularidade das Massas Falidas, representativos da cota-parte pertencente às sociedades que compõe a Massa Falida decorrentes dos processos: 0020420-23.2001.4.02.5101 (Restituição da tarifa de uso das comunicações) e dos auxílios rádio e visuais em área terminal de tráfego aéreo, Adicional de Tarifa Aeroportuária - ATAERO) e 0011772-25.1999.4.02.5101 (Direito ao recebimento dos valores exigidos à título de empréstimo compulsório a CENTRAIS ELÉTRICAS BRASILEIRAS S/A - ELETROBRÁS), observada a participação da Massa Falida nos respectivos créditos.

COM STALKING HORSE (oferta vinculante), e o DIREITO AO RIGHT TO TOP (cobrir a maior oferta).

Cientes os interessados que as decisões ainda não transitadas em julgado pelos ARESP em curso no STJ e/ou no STF podem ser potencialmente aptas a repercutir sobre o valor dos direitos creditórios objeto da alienação.

Os proponente assumem todas as condições dos Editais que encontram-se na íntegra, nos sites dos leiloeiros e www.sindicatodosleiloeirosrj.com.br

Inf.: www.depaulaonline.com.br; (21) 2524-0545, www.silasleiloeiro.lel.br (21) 2533-0307; www.portellaleiloes.com.br (21) 2533-7248; www.rymerleiloes.com.br (21) 2532-2266

ERNANI
Leiloeiros desde 1906
A mais tradicional casa de leilões do Brasil

Leilão on-line de Gibis - Dias 01 e 02/07 às 15h
CAPTAÇÃO PARA PRÓXIMOS LEILÕES
ARTE, ANTIGUIDADES, JOIAS e COLECIONISMO
CATÁLOGO COM LOTES DISPONÍVEIS
WWW.ERNANILEILOEIRO.COM.BR
WhatsApp (21) 98117-6090

LEILÃO ONLINE **www.murilochaves.com.br** **murilo**
Dia 29 de Junho de 2026 - 14 h
9 BEBEDOUROS MARCAS DIVERSAS
12 MONITORES, 11 GABINETES DELL
3 TABLET SANSUNG COM 2 CABOS USB
EQUIPAMENTO DE SOM VINTAGE / HI-FI
(21) 99272-1001 - CADASTRE-SE NO SITE

Andréa Diniz **NAIARA SANTOS**
Leilão de Antiquidades, Mesa posta e Colecionismo
EXPOSIÇÃO: Somente Online e com agendamento
Dias 01, 02 e 03 de Julho de 2026
Quarta, Quinta e Sexta-feira às 14:00h - ONLINE
www.andreadiniz.com.br
leilaonaiaarasantos@gmail.com - (21) 97435-0267
Rua Marechal Bento Manuel, 56 - Laranjeiras - RJ.

Andréa Diniz **PORTOFINO LEILÕES**
Leilão de Antiquidades, Joias e Artigos de Luxo
EXPOSIÇÃO: Somente Online e por telefone
Dia 30 de Junho de 2026
Terça-feira, às 19h30 - ONLINE
www.andreadiniz.com.br
ORGANIZAÇÃO GERAL: MARCELO BRANDÃO
(11) 99915-0183 ou e-mail: portofinoleiloes@gmail.com

BRUNO FRANCESCO
LEILÃO: 62438
BRUNO FRANCESCO
08º LEILÃO DE JOIAS
ALTO LUXO
Junho de 2026
DIA: 30
EXPOSIÇÃO: SOMENTE ONLINE
INF. WHATSAPP: (21) 97219-9381 - (ATENDIMENTO)
E-MAIL: ETERNINOSH@GMAIL.COM
LEILOEIRO: BRUNO A. FRANCESCO - JUCERJA Nº 336
LOCAL: SEDE: RIO DE JANEIRO - RJ.

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!
EDITOR GABRIEL BONEGOCIOS.COM.BR
EDITOR GABRIEL BONEGOCIOS.COM.BR

LA GEMME LUCA ROSSI
Leilão de Jóias Antigas e Relógios Vintage
01/07/2026 às 19h
www.lagemmeleiloes.com.br
Rua Visconde de Pirajá, 550/206 Ipanema - RJ
Tel.: (21) 2541-3192
Leiloeira: Miriam Siqueira da Silva (Jucerja Nº 236)

Levy **LEILÃO 4120**
ARTES DO MUNDO
LEILÃO EM JULHO DE 2026
LOTES À PARTIR DE R\$ 10,00 REAIS
EXPOSIÇÃO: SEM EXPOSIÇÃO
LEILÃO: Dia 06 de Julho de 2026, Segunda-feira às 20h
E-mail: artesdaomundoleilao@gmail.com
ORGANIZAÇÃO: JOSÉ SALES - Celular/WhatsApp: (21) 99967-6732 (VIVO)
LEILOEIRO: Franklin Levy - JUCERJA Nº 93
LOCAL: Rua Siqueira Campos, N°143 Loja 22 C Térreo, Copacabana - Rio de Janeiro (Shopping dos Antiquários)

LA GEMME LUCA ROSSI
Leilão de Jóias Antigas e Relógios Vintage
01/07/2026 às 19h
www.lagemmeleiloes.com.br
Rua Visconde de Pirajá, 550/206 Ipanema - RJ
Tel.: (21) 2541-3192
Leiloeira: Miriam Siqueira da Silva (Jucerja Nº 236)

TNT ARTE
LEILÃO DE ARTE
30/06/26 às 19h
Catálogo e Participação ONLINE com 132 Lotes
www.tntarte.com.br
Informações: (21) 99464-0374
Est. da Gávea, 899 / Loja 243 São Conrado - RJ
Leiloeira: Thaís Alexandre (Jucerja 178)

Levy **LEILÃO 4112**
LEILÃO DE JOIAS DE PRATA e BIJUTERIAS - JUNHO DE 2026
EXPOSIÇÃO: SOMENTE ON LINE
LEILÃO: Dia 03 de Julho de 2026
Sexta-Feira às 15h
LEILOEIRA: Patrícia Levy - JUCERJA Nº 268
LOCAL: Rua Paula Freitas 83 Loja B - Copacabana - RJ
Informações: (21) 2541-2080
/22351494/999531890
contato@levyleiloeiro.com.br

Anuncie agora via WhatsApp ou pelo e-mail 21.2534-4333
CLASSIFICADOS **O GLOBO EXTRA**

Levy **LEILÃO 62454**
LEILÃO RIO I ART - ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE e COLECIONISMO
EXPOSIÇÃO: A partir de 12 de Junho de 2026
Somente online
LEILÃO: Dias 03 e 04 de Julho de 2026, Sexta-feira e Sábado às 19h
Somente Online
Informações: Telefone e WhatsApp: (21) 99244-3162
E-mail: rioiartleiloes@gmail.com
LEILOEIRA: Patrícia Levy - JUCERJA Nº 268
LOCAL: Avenida Franklin Roosevelt, 71 Sala 1002 Centro Rio de Janeiro/RJ

MÉIER Sala 708, R.Silva Rabelo, nº43, c/23m2. Leilão Judicial Svc Méier 0001394-61.2018.8.19.0208. Dia 06/07 - 14h pela avaliação. Dia 08/07 - 14h, acima de R\$50.000,00. Leiloeiro Onildo Bastos- Tel. 96687-6276. onildobastos.com.br

Levy **LEILÃO 62040**
PAS CAVALCANTE
LEILÕES
LEILÃO RESIDENCIAL, ANTIGUIDADES, IMÓVEIS, VEÍCULOS ETC.
EXPOSIÇÃO: até o dia 03.07.2026 na Rua Haddock Lobo, 91 - Estácio, Rio de Janeiro/RJ. WhatsApp telephone (21) 99200-1596
LEILÃO: Dias 6 e 7 de Julho de 2026, Segunda e Terça-feira às 15h
LEILOEIRA: Patrícia Levy - JUCERJA Nº 268
LOCAL: Somente online. Telefone (21) 99200-1596.

Empréstimos e Finanças

Aviso
Antes de solicitar um empréstimo ou efetuar uma transação comercial, verifique a idoneidade de quem está negociando, pedindo documentos que identifiquem o fornecedor.

PRÓXIMOS LEILÕES

PRÉDIO C/ 4 ANDARES NO CENTRO-RJ - Comercial c/ lojão, Rua Senador Dantas nº 39. Área total 1.363 m².
2º Leilão: 30/06/2026, às 11:00 - Pela melhor oferta.

CASA NO CENTRO DE PIRAI-RJ. Casa nº 79, Travessa Alberto Gomes de Abreu.
1º Leilão: 08/07/2026, às 14:00
2º Leilão: 15/07/2026, às 14:00

ARTIGOS ESPORTIVOS e BENS MÓVEIS.
1º Leilão: 08/07/2026, às 15:00
2º Leilão: 15/07/2026, às 15:00

LOJA NO CENTRO-RJ - Rua Barão de São Félix, 128, Loja A c/ 323 m².
1º Leilão: 21/07/2026, às 13:00
2º Leilão: 23/07/2026, às 13:00

CASA COND. FECHADO EM SÃO CONRADO-RJ. Alto Padrão, na Estrada da Canoa, 1476, casa 17 c/ 178 m².
1º Leilão: 23/07/2026, às 14:00
2º Leilão: 30/07/2026, às 14:00

APTO. EM COPACABANA-RJ. Rua Raimundo Correia, nº 27, ap. 402 c/ 180m², frente c/ vaga..
1º Leilão: 04/08/2026, às 14:00
2º Leilão: 11/08/2026, às 14:00

Editais completos no site: **www.jvleiloes.lel.br**
Inf.: (21) 2548-5850 / 99896-7780 ou contato@jvleiloes.lel.br

ANDANÇAS e LEMBRANÇAS OBJETOS DE ARTE

LEILÃO NO FLAMENGO

Venda on line, pela melhor oferta, de parte dos acervos de residências da cidade do Rio de Janeiro e outras localidades, com destaque para mobiliário nacional, em especial banco MUCKI (OCA/SERGIO RODRIGUES), quadros de artistas nacionais, cristais europeus, incluindo BACCARAT, porcelanas e faianças de diversas procedências, tapetes, metais nobres, curiosidades e objetos de arte em geral.

PREGÃO: Dias 9 e 10 de Julho de 2026
Quinta e Sexta-feira, a partir das 16:00 horas

Informações e lances prévios pelos tel.: (21) 3439.1018 e 98115.4347, ou pelo e-mail arteflamengo@gmail.com
Organização: Andanças e Lembranças Objetos de Arte
Captação permanente de peças para leilão.
Leiloeiro FRANKLIN LEVY - JUCERJA matrícula 93
Catálogo no site www.levyleiloeiro.com.br

ROBERTO HADDAD

ESPECIALIZADO EM ARTE DESDE 1967

RECEBIMENTO DE PEÇAS

ESTAMOS RECEBENDO PEÇAS PARA NOSSO PRÓXIMO LEILÃO



Visita
residencial

Maior índice
de vendas

Transporte por
nossa conta

Seguro
das peças

Compradores a
níveis internacionais

Único com duas sedes
próprias para leilões

☒ Pinturas

☒ Esculturas

☒ Tapetes e Tapeçarias

☒ Mobiliário

☒ Joias

☒ Prataria

☒ Obras de Arte em Geral

☒ Relógios (Rolex, Patek Philippe, Vacheron e Outros)

Rua Pompeu Loureiro Nº 27A - Copacabana/RJ (Sede Própria)

 (21) 2548-7141 / 3841-2974

ENVIE AS FOTOS E A
DESCRITIVA DA PEÇA PARA:

 (21) 99697-9790

 www.robertohaddad.com.br

Andrea Diniz
Lelloeira Pública Oficial

BARONESSA DAS PALMEIRAS
Leilão de Arte e Antiguidades

EXPOSIÇÃO: Somente online.

Dias 6 e 7 de Julho de 2026
Segunda e Terça-feira, às 14h - ONLINE

www.andreadiniz.com.br

Organização:
Janaina Laham, Jefferson Laham e Melissa Barreto
(21) 97144-7416 - Rua das Palmeiras, nº 10, Botafogo - RJ

EDUARDO BORGERTH
Lelloeiro Oficial

Leilão de Joias Selecionadas

Terça-feira - 30 de Junho
a partir das 21h

Cadastre-se, visite o catálogo
e antecipe seus lances

(21) 96886-7062 e artierios@gmail.com
LEILÃO N. 61113



COMPRO ANTIGUIDADES



JEFFERSON
NÃO VENDA SEM ANTES NOS CONSULTAR

**ATENDEMOS TAMBÉM
NA REGIÃO SERRANA**

Prataria, Quadros, Porcelanas, Santos, Marfins, Móveis,
Tapetes Persas, Esculturas de Bronze e Mármore,
Peças de Metais, Brinquedos Antigos, Moedas Antigas,
Fotos do Rio Antigo, Bijouterias Antigas e Joias etc.

TELS.: (21) 3269-0722
2530-4979
3557-4446
99930-4265 

**COMPRAMOS
MÓVEIS DE DESIGNER**

artepalmeiras@gmail.com
Rua das Palmeiras, 10 - Botafogo

‘ACHO QUE TUDO SE FOI’

Cheiro da morte toma conta de La Guaira, onde desamparo aprofunda tragédia da Venezuela

YAN BOECHAT
Especial para O GLOBO
mundo.online@oglobo.com.br
LA GUAIRA, VENEZUELA

O cheiro da morte tomou conta de La Guaira, a cidade mais impactada pelos devastadores terremotos que atingiram a Venezuela na última quarta-feira. No balneário turístico com praias caribenhas de mar azul, localizado a 26 km de Caracas, centenas, talvez milhares, de corpos se decompõem sob os escombros dos edifícios que não suportaram abalos sísmicos de 7,2 e 7,5 de magnitude. Com a demora do governo venezuelano em responder ao desastre, morreram muitos dos que sobreviveram num primeiro momento aos desabamentos. Sem estrutura, sem equipamentos e sem coordenação, a retirada dos cadáveres é lenta e caótica. Muitas vezes, familiares e vizinhos realizam o trabalho com pás, picaretas e suas próprias mãos. Pelas ruas da cidade não é raro encontrar grupos de corpos reunidos nas calçadas à espera de destino mais digno.

Tudo ainda é mais dramático nos necrotérios. No sábado, ao menos duas centenas de cadáveres apodreciam sob o sol de mais de 30°C no estacionamento da Morgue de La Guaira. Muitos estavam desnudos, inchados, vertendo líquido sobre o asfalto quente. Familiares em busca de parentes circulavam em torno dos cadáveres tentando identificar entes queridos entre corpos já desfigurados, dilacerados pela violência de seus ferimentos. Muitos choram, outros vomitam diante da cena de horror. Mulheres, homens, crianças, quase todos em rigor mortis, traduziam uma tragédia da qual ainda não se sabe a dimensão exata.

40 MIL DESAPARECIDOS

Até ontem, o governo reconhecia oficialmente 1.450 mortos. A ONU estimava em mais de 40 mil o número de desaparecidos. Caracas confirmou que 774 edifícios foram danificados no país, dos quais 189 desmoronaram. O número de feridos ultrapassa 3.150, e 12.721 pessoas estão deslocadas de suas residências. Nas ruas de La Guaira, há a certeza de que muita gente segue presa sob as lajes de concreto que se empilham, umas sobre as outras, tal qual edifícios feitos com cartas de baralho. Três, dez, até 15 andares colapsaram em questão de segundos, esmagando amores, histórias e esperanças de quem sobreviveu ao maior terremoto no país em mais de um século.

Na última quinta-feira, Ezequiel Jimenez conseguiu retirar os corpos de três dos sete familiares que perdeu — um irmão, um cunhado, uma irmã e quatro sobrinhos. Com a ajuda de outros moradores de Playa Grande, nas proximidades do



A céu aberto. Em colapso, serviço funerário tenta lidar com os corpos das vítimas dos terremotos em La Guaira, que aumentam a cada dia, em área de órgão equivalente ao Instituto Médico Legal local



Desespero. Uma mulher chora ao acompanhar o resgate de seu filho de nove anos que não sobreviveu ao desabamento do prédio onde moravam, em La Guaira

Aeroporto Internacional Simón Bolívar, ele escavou parte dos escombros e localizou o cunhado e dois sobrinhos. Desistiu de retirar os demais por não ter os equipamentos necessários. Voltou no sábado, esperançoso de que alguma equipe de resgate tivesse tido mais sorte do que ele. Em vão. Passou a manhã encarando outros corpos deixados na esquina do edifício onde vivam.

— Não consegui encontrar meus familiares, eles não estão aqui. Nem mesmo sei se continuam lá, sob a terra — disse.

A poucos metros dali, o cadáver de um homem jazia, comprimido entre duas lajes. Parte do corpo estava exposta, como se o desabamento do concreto o pegara a poucos segundos de uma fuga que ja-

mais ocorreu. Os socorristas voluntários que vasculhavam um prédio vizinho não tiveram tempo de lhe dar atenção. Gritavam, batiam no que sobrou das paredes em busca de alguma resposta. A cada investida, silêncio. Ao fim da manhã, alguém achou por bem cobrir os restos mortais daquele homem com um pedaço de lençol branco que voou de um apartamento destruído.

Francisca Nuñez, de 59 anos, encontrou seus mortos no segundo dia de angústia. As três filhas, a mais nova delas de apenas 14 anos, foram retiradas dos restos de sua casa na sexta-feira. Sob o sol quente e o calor de mais de 30 graus, seus corpos haviam entrado em decomposição quando foram retirados com

a ajuda dos vizinhos.

— Elas já estavam inchadas, o cheiro era ruim, foram levadas para algum lugar, não sei bem, parece que vão cremá-las — disse.

Desde os terremotos, Francisca passa os dias em frente à casa destruída, abraçada a um colchão que lhe foi presenteado por uma desconhecida.

— O que mais tenho? O que sobrou da minha vida? Acho que tudo se foi — lamentou, ora entre lágrimas, ora com uma voz tristemente calma.

CRÍTICAS AO GOVERNO

Francisca, como quase todos, parecia ter energia apenas para criticar o governo venezuelano, comandado interinamente pela ex-vice-presidente Delcy Rodríguez desde a ação

militar americana, em janeiro, contra Nicolás Maduro, hoje em uma prisão em Nova York.

Nos primeiros dias após os terremotos, a atuação das forças de segurança, da defesa civil e mesmo dos bombeiros foi débil. Pouca atuação, pouca coordenação e quase nenhuma ação efetiva para mitigar os impactos da destruição.

Em muitas áreas afetadas, os serviços de resgate, o apoio aos desabrigados e mesmo o atendimento de primeiros socorros foram realizados majoritariamente por voluntários civis, vizinhos ou parentes das vítimas. Sem máquinas e equipamentos devidos, muitas vezes o trabalho era realizado com pás, picaretas, baldes e as mãos dos venezuelanos, que trataram de agir rapidamente,

do jeito que puderam.

Juan Diaz coordenava a ação no que restou de um edifício de 13 andares de frente para o mar. Enquanto sua equipe preparava a retirada do corpo de um menino de nove anos, mandou um recado aos brasileiros:

— Por favor, nos enviem serras. Temos força, mas não conseguimos cortar os vergalhões de aço, precisamos desse tipo de ajuda.

Nos edifícios destruídos, socorristas amadores imploram até nas placas que pregam em frente aos escombros. Em uma delas, lê-se: “Precisamos de máquinas, nos ajudem.”

CORRIDA CONTRA O TEMPO

Ontem, os trabalhos passaram a ser mais coordenados, em especial com a chegada de apoio externo. Juntaram-se às forças locais 2.624 profissionais e 137 cães farejadores. Helicópteros e aeronaves americanas Osprey V-22 sobrevoam a região. Com tecnologia de ponta, equipes de diferentes países iniciaram uma corrida contra o tempo para encontrar sobreviventes. Alemães usavam sonares e sensores para detectar atividade humana. Os brasileiros trouxeram técnicos da Anatel que, com antenas especiais, detectam a presença de celulares soterrados. Cães do Corpo de Bombeiros de São Paulo vasculham destroços em busca de sinal de vida.

O tempo, no entanto, parece ser um adversário. Desesperançados, nauseados pelo cheiro da morte, os venezuelanos de La Guaira parecem já mais preocupados em enterrar seus mortos, encerrar um capítulo profundamente doloroso e encontrar alguma maneira de recomeçar a vida.

Calor extremo na Europa causa 1.300 mortes adicionais em uma semana

Sem medidas de adaptação eficazes, continente aquece em ritmo superior à média global ao mesmo tempo em que passa por profunda transformação demográfica, com aumento de população vulnerável



Alívio. Ventiladores ajudam contra calor extremo em Madri, na Espanha

AMANDA SCATOLINI
amanda.scatolini@oglobo.com.br

Quando a Europa enfrentou uma histórica onda de calor em 2003, que matou mais de 70 mil pessoas, o episódio foi inicialmente tratado como um ponto fora da curva. Nos anos seguintes, porém, temperaturas extremas passaram a fazer parte da rotina dos verões europeus — como o deste ano, que mal começou e trouxe poderosa onda de calor em sua primeira semana, que já causou, informou ontem a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 1.300 mortes além do previsto.

Ontem, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, publicou no X que “neste momento, 150 milhões de pessoas vivem sob um calor extremo, escolas estão fechadas e redes elétricas em colapso”. Sublinhou que “o estresse pelo calor é frequentemente chamado de ‘assassino silencioso’, e as casas, locais de trabalho e escolas europeias não foram construídos para suportar essas temperaturas”. Na França, a agência nacional de saúde pública especificou que o surto afeta principalmente pessoas com mais de 65 anos e destacou aumento de 40% nas mortes em casa.

Enquanto sucessivos recordes de altas temperaturas são registrados em diferentes países, a Europa passa por uma transformação demográfica profunda, com população cada vez mais envelhecida e, consequentemente, mais vulnerável a extremos. A combinação dos fenômenos levanta uma questão que especialistas tentam responder há anos: até que ponto a Europa realmente se adaptou para enfrentar o problema?

Apesar de altas temperaturas não serem fenômeno exatamente novo para os europeus, a frequência, a duração e a intensidade de eventos extremos aumentaram significativamente

desde a década de 1980, aponta a Agência Europeia do Ambiente (EEA). Além disso, segundo o observatório climático Copernicus, o continente é o que aquece mais rapidamente no planeta. A temperatura média europeia aumentou cerca de 0,49°C por década desde 1979 e, considerando só os últimos 30 anos, o ritmo é de 0,56°C por década — mais que o dobro da média global.

100 MILHÕES AFETADOS

Recordes recentes, sobretudo desde os anos 2010, ilustram a tendência, com o verão de 2024 sendo o mais quente da série histórica até então. Naquele ano, a temperatura média do continente foi 1,54°C acima das registradas entre 1991 e 2020. Mais de 62,7 mil mortes relacionadas ao calor foram estimadas, o que põe o verão daquele ano como o segundo mais letal, atrás do de 2003.

Ainda que seja cedo para dizer que o verão deste ano entrará para o rol dos mais quentes registrados na Europa, seus primeiros dias (a estação começou no dia 21) já são históricos para a média de junho. Parte do continente é hoje assolada por uma nova onda — provocada por uma massa de ar extremamente quente proveniente do Norte da África e mantida sobre a Europa Ocidental por um sistema de alta pressão, formando um “domo de calor” — que já quebrou recordes em diversos países, com termômetros marcando mais de 40°C em alguns locais.

De acordo com a agência AFP, pelo menos 191 milhões de pessoas enfrentaram 35°C ou mais ontem, com temperaturas particularmente altas na Alemanha, República Tcheca, Hungria e Polônia.

Diante do quadro alarmante, que tende a se agravar, a principal estratégia recomendada pela OMS são os chamados Planos de Ação em Saúde para o Calor (HHAP, na sigla em inglês). Eles integram ser-



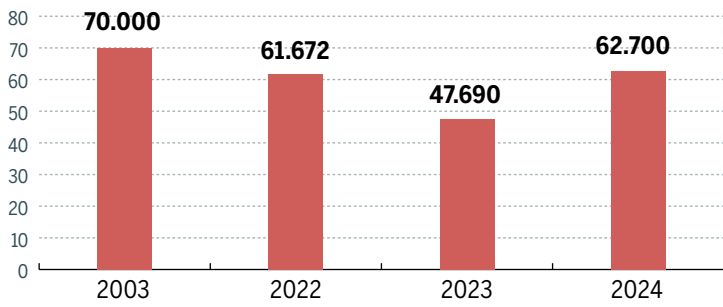
Em risco. Pessoa em situação de rua, em meio à nova onda de calor em Paris, onde os termômetros marcaram 40°C

Os efeitos do calor na Europa

IMPACTO HUMANO DAS ONDAS DE CALOR NO CONTINENTE

2003, 2022, 2023 e 2024 estão entre os episódios mais letais

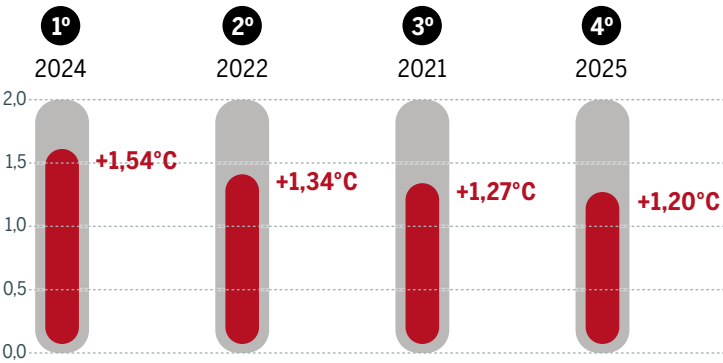
MORTES RELACIONADAS AO CALOR



OS VERÕES MAIS QUENTES JÁ REGISTRADOS NO CONTINENTE

Recordes se concentram nas últimas décadas

ANOMALIA DE TEMPERATURA (JUNHO-AGOSTO)



FONTES: COPERNICUS E NATURE MEDICINE

viços de meteorologia, saúde pública e defesa civil para reduzir impactos.

O guia, que foi atualizado

pela OMS este ano, indica a implementação de sistemas de alerta antecipado, protocolos para hospitais e serviços de

emergência, campanhas de comunicação, mecanismos de monitoramento de grupos vulneráveis e procedimentos para resposta durante episódios de calor extremo.

— As ondas de calor deixaram de ser anomalias isoladas. São uma crise recorrente que causa sofrimento, ceifa vidas e sobrecarrega sistemas e infraestrutura de saúde — afirmou o diretor da OMS Europa, Hans Kluge.

Contudo, apesar dos avanços, a cobertura desses mecanismos não é universal no continente. Segundo levantamento de 2024 da EEA e do Observatório Europeu do Clima e da Saúde, 10 dos 38 países analisados não têm HHAPs estabelecidos (Bósnia e Herzegovina, Eslováquia, Estônia, Finlândia, Islândia, Kosovo, Montenegro, Noruega, Polônia e Sérvia). Outros três ainda estão em processo de desenvolvimento (Chipre, Dinamarca e Romênia).

Noruega e Finlândia registraram onda de calor em junho de 2025, com temperaturas acima de 30°C até em áreas próximas ao Ártico. No mesmo período, Polônia e Sérvia foram atingidas pelo fenômeno, que elevou a temperatura da superfície acima de 50°C em partes da Europa Central.

Além das medidas voltadas à saúde pública, algumas cidades também passaram a investir em adaptações urbanas para tentar amenizar os efeitos do calor cada vez mais intenso. Em Paris — que sofre intensamente com a atual onda de calor —, a estratégia começou a ganhar forma em 2015, quando a prefeitura mapeou uma rede de “ilhas de frescor”, com parques, áreas verdes, piscinas, bibliotecas, museus, igrejas e espaços públicos considerados adequados para enfrentar o calor extremo. Em 2018, a capital francesa já contava com mais de 800 locais acessíveis durante o dia e cerca de 150 à noite.

Na Espanha, Barcelona lançou uma rede de abrigos climáticos em 2020, inicialmente com 70 locais, ampliada para mais de 350 espaços, entre bibliotecas, centros comunitários, parques, mercados, museus e piscinas públicas. Outras intervenções incluem a ampliação da cobertura vegetal urbana, a criação de áreas sombreadas, a adoção de materiais mais refletivos em edifícios e pavimentos e a incorporação do risco de calor ao planejamento urbano.

Porém, não parece ser suficiente. Especialistas apontam que a transformação estrutural das cidades avança em ritmo lento, uma vez que grande parte da infraestrutura urbana foi concebida para enfrentar invernos rigorosos, e não verões cada vez mais quentes como o deste ano.

— Muitos países investiram em sistemas de alerta precoce e em planos de ação após 2003. Essas medidas salvaram muitas vidas, mas não são suficientes — afirmou Carolina Pereira Marghidan, do Centro Climático da Cruz Vermelha, ao jornal britânico Guardian. — Precisamos de mais investimentos em casas, cidades e infraestrutura resistentes ao calor.

ENVELHECIMENTO RÁPIDO

O arquiteto e urbanista Luiz Florence, do Grupo de Trabalho Clima e Cidade do Instituto de Arquitetos do Brasil-SP, explica que a própria formação histórica das cidades europeias impõe desafios. Antigos núcleos medievais, marcados por ruas estreitas e edificações muito próximas, favorecem áreas de sombra, mas dificultam a circulação natural do ar.

— Quando essas cidades foram criadas, o convívio muito próximo com a natureza poderia oferecer uma exposição a vetores de doenças sanitárias. Então as cidades eram uma negação da natureza — disse ao GLOBO. — Hoje, com técnicas mais avançadas e políticas de saúde pública, é possível trazer a natureza de volta.

Em meio a esse cenário, a população europeia envelhece a passos largos. Combinados, os quadros põem em evidência um dos principais desafios associados ao calor extremo, que é a proteção de grupos mais vulneráveis, especialmente os idosos.

Hoje, pessoas com 65 anos ou mais representam cerca de 21,6% da população da União Europeia, segundo o Eurostat. Com o envelhecimento, o organismo perde parte da capacidade de regular a temperatura corporal e responder ao estresse térmico. Idosos também apresentam maior incidência de doenças cardiovasculares, respiratórias, renais e metabólicas, que podem ser agravadas por temperaturas elevadas.



MANSUR

Seleção é favorita, mas cruzamento com o Japão é indigesto

PÁGINA 2

QUE JOGO É ESSE

As equipes que ficaram no purgatório com o novo regulamento

PÁGINA 8

NA CRISTA

Matheus Cunha faz ataque do Brasil fluir e é esperança para furar a grande onda da nova geração japonesa



JOGOS DO DIA

14h

2ª FASE

HOUSTON (EUA)

BRASIL X JAPÃO

Onde assistir: TV Globo, SporTV, Ge TV, ge, CazêTV, SBT e Nsports

17h30

2ª FASE

BOSTON (EUA)

ALEMANHA X PARAGUAI

Onde assistir: TV Globo, SporTV, ge tv, ge e CazêTV

22h

2ª FASE

MONTERREY (MEX)

HOLANDA X MARROCOS

Onde assistir: CazêTV



CARLOS EDUARDO MANSUR
esporteglb@oglobo.com.br

O CRUZAMENTO INDIGESTO

O Brasil é favorito no jogo de hoje contra o Japão porque, se pesarmos a qualidade técnica dos jogadores, claramente a balança vai pender para o lado brasileiro. Mas, se por um lado a seleção de Ancelotti tem todas as possibilidades de ganhar, por outro se viu diante de um cruzamento indigesto. Não seria um acontecimento assombroso uma vitória do Japão.

Mas que time é esse? O grande desafio é

que essa seleção japonesa não é simples de decifrar, ao menos de prever o tipo de jogo que tentará fazer. É, na essência, um time técnico e habituado a jogar com uma formação muito ofensiva, capaz de executar uma pressão e uma blitz no ataque como fez na última Copa para virar jogos contra Alemanha e Espanha, ou mesmo com o Brasil num amistoso em outubro do ano passado. Mas também pode executar um plano defensivo competente como o que fez na estreia da Copa atual, contra a Holanda.

Aliás, o amistoso recente ajuda a entender uma das dificuldades brasileiras hoje. O Japão deverá repetir até nove titulares daquele jogo; o Brasil, só quatro. Porque ali, Ancelotti acabou de chegar e fazia testes, até encontrar uma formação e um sistema de jogo que existem há apenas duas partidas. Hajime Moriyasu dirige o Japão há oito anos.

E por que este Japão deve ser definido como um time ofensivo? Uma das explicações, e preocupações, está nos lados do campo. O time joga com três zagueiros, mas os alas são jogadores que, originalmente, são atacantes ou meias ofensivos. São os casos de Doan, que parte da ponta direita no Frankfurt, e de Nakamura, atacante do Reims, da França.

À frente dos zagueiros devem jogar dois volantes, um deles o ótimo Kamada, jogador técnico e dinâmico do Crystal Palace, da Premier League. E, mais adiante, outros três atacantes. Ueda, o centroavante, fez brilhante temporada no Feyenoord, da Holanda, enquanto Maeda faz ótima Copa. O terceiro homem costuma ser Kubo, que se recupera de lesão. E aí está a grande dúvida japonesa. Se ele não jogar, Doan costuma ser adiantado para o ataque, com Sugawara, este um lateral mais especialista, ocupando a ala direita. Pode ser uma alternativa mais conservado-

ra para lidar com Vinicius Júnior.

A questão é que, defensivamente, a seleção de Ancelotti ainda tenta se encontrar, especialmente quando protege as laterais. E o Japão costuma ter dinâmicas boas pelos lados. Os zagueiros têm liberdade para se projetar ao ataque, invertemdo posições constantemente com os alas e os atacantes. Os movimentos são muito sincronizados, com um atacante recuando, outros infiltrando e muitos ataques aos espaços que são gerados. Rayan, pela direita, e Paquetá, pela esquerda, deverão ter trabalho para ajudar Danilo e Douglas Santos na marcação.

Mas haverá oportunidades para o Brasil com bola. O Japão não é forte nas jogadas aéreas, por vezes se expõe na perda da bola ao atacar com muita gente e, mesmo caso se proteja mais por se tratar da seleção brasileira do outro lado, costuma gerar espaços entre alas e zagueiros, um setor que Vinicius Júnior sabe atacar como ninguém. Para um primeiro mata-mata, é um desafio mais difícil do que o desejável. Mas o Brasil é favorito para avançar.

FIM DO CICLO

VOLANTE DO URUGUAI

AUSTRÁLIA X EGITO

Técnico da Coreia do Sul pede demissão após eliminação

Ugarte rompe ligamento do joelho e desfalcará United

Contundido, Salah pode desfalcar a seleção na sexta

Muito criticado após a eliminação da Coreia do Sul na primeira fase da Copa do Mundo, o técnico Hong Myung-bo pediu demissão ontem, informou a imprensa do país. O ex-capitão da seleção sul-coreana, de 57 anos, fracassou em sua segunda passagem pelo comando da equipe, com a

eliminação no Grupo A do Mundial após somar três pontos. A Coreia do Sul venceu a Tchêquia por 2 a 1 na estreia, mas depois foi derrotada por México e África do Sul pelo placar de 1 a 0 e não conseguiu avançar para a segunda fase como uma das oito melhores colocadas.

Exames médicos apontaram que o volante Manuel Ugarte, do Uruguai, sofreu uma ruptura do ligamento cruzado do joelho esquerdo. O jogador de 25 anos, do Manchester United, se machucou na derrota para a Espanha, na sexta-feira, que decretou a eliminação uruguaia ainda na fase de

grupos da Copa do Mundo. Ugarte precisou ser retirado de campo de maca e deixou o estádio de cadeira de rodas. A expectativa de recuperação é de vários meses. Ele viajará para a Inglaterra para iniciar o processo de recuperação sob supervisão do departamento médico de seu clube.

Astro da seleção do Egito e da Copa do Mundo, Mohamed Salah tem uma contusão na coxa esquerda e pode não entrar em campo na próxima sexta-feira, quando a seleção enfrenta a Austrália pela segunda fase da Copa do Mundo, em Dallas, no Texas. O craque, que deixou o Liverpool ao fim da

temporada europeia, sentiu a lesão no segundo tempo da partida contra o Irã, pela última rodada da fase de grupos, no sábado, e foi substituído.

— Conversei com Salah, e a lesão não parece ser grave. Ele me garantiu que tudo ficaria bem — disse o técnico egípcio, Hossan Hassam.

GRUPO A									
		1º México	P	J	V	E	D	SG	
		2º África do Sul	9	3	3	0	0	6	
		3º Coreia do Sul	4	3	1	1	1	-1	
		4º Tchêquia	3	3	1	0	2	-1	
			1	3	0	1	2	-4	
Data	Local	Horário	Jogo						
11/6	Cid. do México	16h	México	2	X	0	África do Sul		
11/6	Guadalajara	23h	Coreia do Sul	2	X	1	Tchêquia		
18/6	Atlanta	13h	Tchêquia	1	X	1	África do Sul		
18/6	Guadalajara	22h	México	1	X	0	Coreia do Sul		
24/6	Cid. do México	22h	Tchêquia	0	X	3	México		
24/6	Monterrey	22h	África do Sul	1	X	0	Coreia do Sul		

GRUPO B									
		1º Suíça	P	J	V	E	D	SG	
		2º Canadá	7	3	2	1	0	4	
		3º Bósnia	4	3	1	1	1	5	
		4º Catar	4	3	1	1	1	-1	
			1	3	0	1	2	-8	
Data	Local	Horário	Jogo						
12/6	Toronto	16h	Canadá	1	X	1	Bósnia		
13/6	São Francisco	16h	Catar	1	X	1	Suíça		
18/6	Los Angeles	16h	Suíça	4	X	1	Bósnia		
18/6	Vancouver	19h	Canadá	6	X	0	Catar		
24/6	Vancouver	16h	Suíça	2	X	1	Canadá		
24/6	Seattle	16h	Bósnia	3	X	1	Catar		

GRUPO C									
		1º BRASIL	P	J	V	E	D	SG	
		2º Marrocos	7	3	2	1	0	6	
		3º Escócia	7	3	2	1	0	3	
		4º Haiti	3	3	1	0	2	-3	
			0	3	0	0	3	-6	
Data	Local	Horário	Jogo						
13/6	Nova Jersey	19h	BRASIL	1	X	1	Marrocos		
13/6	Boston	22h	Haiti	0	X	1	Escócia		
19/6	Boston	19h	Escócia	0	X	1	Marrocos		
19/6	Filadélfia	21h30	BRASIL	3	X	0	Haiti		
24/6	Miami	19h	Escócia	0	X	3	BRASIL		
24/6	Atlanta	19h	Marrocos	4	X	2	Haiti		

GRUPO D									
		1º Estados Unidos	P	J	V	E	D	SG	
		2º Austrália	6	3	2	0	1	4	
		3º Paraguai	4	3	1	1	1	0	
		4º Turquia	4	3	1	1	1	-2	
			3	3	1	0	2	-2	
Data	Local	Horário	Jogo						
12/6	Los Angeles	22h	Estados Unidos	4	X	1	Paraguai		
14/6	Vancouver	1h	Austrália	2	X	0	Turquia		
19/6	Seattle	16h	Estados Unidos	2	X	0	Austrália		
20/6	São Francisco	0h	Turquia	0	X	1	Paraguai		
25/6	Los Angeles	23h	Turquia	3	X	2	Estados Unidos		
25/6	São Francisco	23h	Paraguai	0	X	0	Austrália		

GRUPO E									
		1º Alemanha	P	J	V	E	D	SG	
		2º Costa do Marfim	6	3	2	0	1	6	
		3º Equador	6	3	2	0	1	2	
		4º Curaçao	4	3	1	1	1	0	
			1	3	0	1	2	-8	
Data	Local	Horário	Jogo						
14/6	Houston	14h	Alemanha	7	X	1	Curaçao		
14/6	Filadélfia	20h	C. do Marfim	1	X	0	Equador		
20/6	Toronto	17h	Alemanha	2	X	1	C. do Marfim		
20/6	Kansas	21h	Equador	0	X	0	Curaçao		
25/6	Filadélfia	17h	Curaçao	0	X	2	C. do Marfim		
25/6	Nova Jersey	17h	Equador	2	X	1	Alemanha		

GRUPO F									
		1º Holanda	P	J	V	E	D	SG	
		2º Japão	7	3	2	1	0	6	
		3º Suécia	5	3	1	2	0	4	
		4º Tunísia	4	3	1	1	1	0	
			0	3	0	0	3	-10	
Data	Local	Horário	Jogo						
14/6	Dallas	17h	Holanda	2	X	2	Japão		
14/6	Monterrey	23h	Suécia	5	X	1	Tunísia		
20/6	Houston	14h	Holanda	5	X	1	Suécia		
21/6	Monterrey	1h	Tunísia	0	X	4	Japão		
25/6	Dallas	20h	Japão	1	X	1	Suécia		
25/6	Kansas	20h	Tunísia	1	X	3	Holanda		

GRUPO G									
		1º Bélgica	P	J	V	E	D	SG	
		2º Egito	5	3	1	2	0	4	
		3º Irã	5	3	1	2	0	2	
		4º Nova Zelândia	3	3	0	3	0	0	
			1	3	0	1	2	-6	
Data	Local	Horário	Jogo						
15/6	Seattle	16h	Bélgica	1	X	1	Egito		
15/6	Los Angeles	22h	Irã	2	X	2	Nova Zelândia		
21/6	Los Angeles	16h	Bélgica	0	X	0	Irã		
21/6	Vancouver	22h	Nova Zelândia	1	X	3	Egito		
27/6	Seattle	0h	Egito	1	X	1	Irã		
27/6	Vancouver	0h	Nova Zelândia	1	X	5	Bélgica		

GRUPO H									
		1º Espanha	P	J	V	E	D	SG	
		2º Cabo Verde	7	3	2	1	0	5	
		3º Uruguai	3	3	0	3	0	0	
		4º Arábia Saudita	2	3	0	2	1	-1	
			2	3	0	2	1	-4	
Data	Local	Horário	Jogo						
15/6	Atlanta	13h	Espanha	0	X	0	Cabo Verde		
15/6	Miami	19h	Arábia Saudita	1	X	1	Uruguai		
21/6	Atlanta	13h	Espanha	4	X	0	Arábia Saudita		
21/6	Miami	19h	Uruguai	2	X	2	Cabo Verde		
26/6	Houston	21h	Cabo Verde	0	X	0	Arábia Saudita		
26/6	Guadalajara	21h	Uruguai	0	X	1	Espanha		

GRUPO I									
		1º França	P	J	V	E	D	SG	
		2º Noruega	9	3	3	0	0	8	
		3º Senegal	6	3	2	0	1	1	
		4º Iraque	3	3	1	0	2	2	
			0	3	0	0	3	-11	
Data	Local	Horário	Jogo						
16/6	Nova Jersey	16h	França	3	X	1	Senegal		
16/6	Boston	19h	Iraque	1	X	4	Noruega		
22/6	Filadélfia	18h	França	3	X	0	Iraque		
22/6	Nova Jersey	21h	Noruega	3	X	2	Senegal		
26/6	Boston	16h	Noruega	1	X	4	França		
26/6	Toronto	16h	Senegal	5	X	0	Iraque		

GRUPO J									
		1º Argentina	P	J	V	E	D	SG	
		2º Áustria	9	3	3	0	0	7	
		3º Argélia	4	3	1	1	1	0	
		4º Jordânia	0	3	0	0	3	-5	
Data	Local	Horário	Jogo						
16/6	Kansas	22h	Argentina	3	X	0	Argélia		
17/6	São Francisco	1h	Áustria	3	X	1	Jordânia		
22/6	Dallas	14h	Argentina	2	X	0	Iraque		
23/6	São Francisco	0h	Jordânia	1	X	2	Argélia		
27/6	Kansas	23h	Argélia	3	X	3	Áustria		
27/6	Dallas	23h	Jordânia	1	X	3	Argentina		

GRUPO K									
		1º Colômbia	P	J	V	E	D	SG	
		2º Portugal	7	3	2	1	0	3	
		3º R. D. Congo	5	3	1	2	0	5	
		4º Uzbequistão	4	3	1	1	1	1	
			0	3	0	0	3	-9	
Data	Local	Horário	Jogo						
17/6	Houston	14h	Portugal	1	X	1	R. D. Congo		
17/6	C. do México	23h	Uzbequistão	1	X	3	Colômbia		
23/6	Houston	14h	Portugal	5	X	0	Uzbequistão		
23/6	Gadalajara	23h	Colômbia	1	X	0	R. D. Congo		
27/6	Miami	20h30	Colômbia	0	X	0	Portugal		
27/6	Atlanta	20h30	R. D. Congo	3	X	1	Uzbequistão		

BRASIL ENCONTRA PONTO DE EQUILÍBRIO EM CUNHA

Peça-chave para Ancelotti achar o time ideal e esperança de gols contra o Japão, hoje, pela 2º fase da Copa, atacante foi preterido por Pedro no Mundial de 2022, mas manteve-se no radar da seleção e conquistou vaga com boas atuações e gols



Deu onda. Matheus Cunha faz a comemoração do surfe após gol sobre o Haiti

DIOGO DANTAS
E RAFAEL OLIVEIRA
esporteglb@oglobo.com.br
HOUSTON, EUA

Para Matheus Cunha, o surfe não representa apenas um hobby. É quando ele se desconecta da rotina de pressão do futebol de alto nível. Logo, faz todo o sentido de levar este momento para dentro de campo justamente na catarse do gol. E eles estão saindo nesta Copa. Já foram três. Como um bom surfista, o camisa 9 está na crista da onda com a Amarelinha. E chega ao duelo de hoje, contra o Japão, às 14h (de Brasília), em Houston, pela segunda fase, como peça-chave para a seleção seguir viva no torneio.

Mas nem sempre a maré esteve a favor. Cunha nunca atuou como profissional no seu próprio país. Deixou o Brasil ainda aos 18 anos, depois de se destacar na Copa São Paulo de Juniores pelo Coritiba. Ao todo, já atuou em quatro ligas. Por isso, para ele, saber se adaptar é uma questão de sobrevivência, o

que fica evidente no fato de falar francês, espanhol, inglês, alemão e italiano, além da língua materna.

Apesar das voltas, a brasilidade é de suas marcas registradas, principalmente suas raízes nordestinas. Nascido em João Pessoa, não perde o sotaque, escuta artistas da região (como o pernambucano João Gomes, de quem é fã), exalta o São João de Campina Grande (PB) e aproveita qualquer folga, por menor que seja, para visitar sua terra.

— Não consigo ficar sem ir para o Nordeste. Minha terra é aquilo ali. Aquele povo é o meu povo — contou, empolgado, em entrevista à CazéTV. — Sou muito Brasil, está enraizado. Quero fazer as coisas, ficar descalço, estar com os bêbados lá (risos).

Nas visitas ao Nordeste, o surfe surgiu em sua vida. Cunha aprendeu a pegar onda em Baía Formosa, no Rio Grande do Norte, onde costuma aproveitar os dias de descanso. Foi lá que conheceu o surfista Ítalo Ferreira,

filho ilustre da pequena cidade e medalha de ouro nos Jogos de Tóquio, assim como o atacante da seleção. A paixão pelo surfe é tão forte que Cunha a levou para a Inglaterra. Ele já foi flagrado nas ondas artificiais de um clube em Bristol e adotou a comemoração em cima de uma prancha imaginária como sua marca registrada também na Premier League, onde atua pelo Manchester United.

— É um jogador inteligente dentro e fora de campo, sem falar que é uma figura que está sempre feliz, agregador, sorridente. E dentre muitas virtudes, essa é uma das que fazem com que as coisas estejam fluindo e dando certo para ele — comentou o coordenador Rodrigo Caetano.

O COMEÇO NA SUÍÇA

Depois do início na base do Coritiba, viu o clube precisar negociá-lo cedo diante de dificuldades financeiras, por isso não ficou conhecido pelo público brasileiro. Na Europa, teve a carreira

conduzida pelo empresário Giuliano Bertolucci e se desenvolveu. Primeiro, com bom trabalho no Sion, da Suíça; de lá foi para o Leipzig, da Alemanha; em seguida, para o Hertha; e depois para o Atlético de Madrid, da Espanha.

— Ele foi relativamente bem, mas o Atlético precisava fazer uma venda, e apareceu o Wolvehampton. Dali, a carreira deslanchou — lembra Bertolucci sobre a ida para os Wolves, onde Cunha ficou de 2023 a 2025.

Antes, o jogador se decepcionou com a não convocação para a Copa do Mundo de 2022, sob o comando de Tite, quando foi preterido por Pedro, do Flamengo.

— O jogador que não sai de um grande time do Brasil é menos conhecido do público e um pouco mais cobrado. Na seleção, ele foiartilheiro no Pré-Olímpico, foi para a Olimpíada, esteve na última convocação antes da Copa de 2022, mas foi preterido — lamentou o agente. Na ocasião, Cunha divul-

SEGUNDA FASE



BRASIL
Alisson; Danilo, Marquinhos, Gabriel Magalhães e Douglas Santos; Casemiro, Bruno Guimarães e Paquetá; Rayan, Vini Jr. e Matheus Cunha. Técnico: Carlo Ancelotti.

331 (4º)



JAPÃO
Suzuki; Tomiyasu (Itakura), Taniguchi e Ito; Sugawara (Kubo), Tanaka, Kamada e Nakamura; Doan, Maeda e Ueda. Técnico: Hajime Moriyasu.

256 (30º)

PONTOS E POSIÇÕES DE CADA SELEÇÃO NO FAVORITOMETRO DO GLOBO (MÁX.: 390 PONTOS)

LOCAL: Houston, Estados Unidos.
HORÁRIO: 14h. **ÁRBITRO:** Maurizio Mariani (Itália).
TRANSMISSÃO: TV Globo, Sportv, GeTV, SBT, NSports e CazéTV.

gou um vídeo emocionado e deu força aos jogadores que foram convocados.

Se no surfe, o equilíbrio é a base de tudo, no futebol, ainda que não no sentido literal, também. Na seleção, Matheus lidera uma briga por posição no ataque com

um espírito de coletividade com Igor Thiago, Endrick e até Neymar. E o encaixe do setor ofensivo do time passa muito por Cunha. É ele quem sustenta o esquema encontrado por Carlo Ancelotti e que permitiu ao técnico encerrar a fase de grupos passando a impressão de estar no caminho certo.

VERSATILIDADE

Cunha joga como um falso 9, atrás da dupla de ataque, com liberdade para flutuar. Principalmente para a direita, onde reveza com Rayan e ocupa o corredor quando o ex-Vasco ataca mais centralizado. Seu posicionamento mais recuado também lhe permite fazer a ligação entre os meias e os atacantes. E, claro, aparece na área. Por sua dinâmica com os companheiros, surge como um elemento surpresa.

— A posição do Cunha no último jogo nos deu vantagem. Não é bem definida no campo. É importante mudar, ter mobilidade, para mudar a referência do rival — comentou Ancelotti.

O camisa 9 cresceu na seleção num momento curioso. Após a má atuação do time na estreia, Ancelotti precisou fazer ajustes. Um deles foi a entrada de Cunha, que havia sido reserva de Igor Thiago, exercendo uma função entre a de um camisa 10 e a de um 9. Essa posição, num primeiro momento, pareceu lapidada para Neymar, naquela época em recuperação.

Com mobilidade, fez dois gols sobre o Haiti e mais um contra a Escócia e levou a titularidade ao nível incontestável. A versatilidade em campo se reflete nos hobbies fora dele. Em casa, coleciona tênis e camisas de futebol trocadas com jogadores após os jogos. E, na seleção, já foi flagrado por Neymar jogando xadrez no celular. No tradicional jogo de tabuleiro, Cunha seria o equivalente à Rainha, peça que goza de maior liberdade — pode se movimentar para qualquer direção — e detém maior importância estratégica. O xequemate nos japoneses passa por ele.

ANCELOTTI É PURA LEVEZA NA VÉSPERA DO 1º ‘MATA’ DE COPA

Técnico descontraí ambiente, esconde time e brinca com noite de sono



Bom humor. Ancelotti lembra que mata-matas têm ida e volta: “Esse é só mata”

tem jogadores espertos neste aspecto. Equipe forte, que sabe se preparar para este tipo de jogo. Estou confiante — completou o treinador, que

tem contrato renovado até a Copa do Mundo de 2030.

Ontem, o Brasil foi a campo no Shell Energy Stadium, casa do Houston Dynamo, da

MLS, para o último treino antes do jogo, debaixo de um forte calor que deve se repetir na hora da partida. O estádio é climatizado. A seleção também fez a última atividade quase no mesmo horário em que vai a campo.

— Obviamente, jogar ao meio-dia é diferente. A estrutura desse estádio é boa. Não vamos sofrer com o calor. Temos que mudar um pouco, mas os jogadores estão acostumados. Treinamos nesse horário. Não temos problemas — disse.

A tendência é que Ancelotti mantenha a formação que venceu a Escócia, na última quarta-feira. Será a primeira vez que repete o time desde que assumiu a seleção brasileira, mas não quis

confirmar os titulares. E para isso, usou de bom humor com os jornalistas outra vez.

— Não quero dar a escallação. Não quero deixar vocês tranquilos. Se eu penso, vocês têm que pensar também — brincou Ancelotti, para em seguida dar um detalhe. — O jogador que vai jogar sabe. O que não vai jogar não sabe. É um colóquio individual. O jogador dorme bem, melhor do que o treinador.

O único atleta que não está em Houston é Raphinha, que se recupera de uma lesão na coxa direita. Em seu lugar, Rayan deve ser mantido do lado direito do ataque. A última vez que Brasil e Japão se enfrentaram foi em um amistoso, em outubro do ano passado, com vitória dos japoneses. A seleção brasileira abriu 2 a 0, mas levou a virada e perdeu por 3 a 2 em um jogo marcado por falhas do goleiro Hugo Souza e do zagueiro Fabrício Bruno — nenhum dos dois foi convocado.

— O Japão nos ganhou indo bem na segunda parte.

Levamos isso em conta. Vamos respeitá-los. Não concordo (com favoritismo). Cada jogo é muito difícil, tem muita pressão. Estou convencido de que até agora não há um favorito claro na Copa do Mundo. Pode ser que algumas equipes tenham estado melhores, mas favorito claro, não se vê — disse Ancelotti, em mais uma declaração que não só tira o peso da classificação da seleção brasileira como também minimiza a força de possíveis rivais pelo título, como França e Argentina.

“DENTRO DE CAMPO”

O zagueiro Marquinhos reforçou o discurso citando outros adversários e até o Mundial de Clubes:

— Na última Copa fomos desclassificado pela Croácia, e talvez falassem que éramos muito melhores do que eles. No último Mundial de Clubes, o meu time (PSG) perdeu para o Botafogo. Futebol você tem que mostrar dentro de campo.



ANA THAÍS MATOS
esporteglb@oglobo.com.br

MOSTRA PRA ESSE POVO QUE ÉS UM REI

Para quem ama Copa do Mundo, o tempo não passa como no calendário comum. O período entre Copas é como a areia de uma ampulheta em que cada âmbula guarda quatro anos de vida e os acontecimentos que permeiam esse intervalo. Quando a areia termina de cair, a Copa do Mundo começa. É como se o futebol tivesse criado uma forma própria de medir o tempo e nomear as consequências.

Acompanhando a passagem de tempo que transfere idolatria na mesma medida das grandes responsabilidades, olho para o meu lado na cabine de transmissão e vejo Maestro Júnior, desde 1982 atravessando essa ampulheta de Copas. Primeiro, como jogador da inesquecível seleção de Telê Santana. Depois, como observador técnico e até hoje como comentarista. São pelo menos cinco décadas vendo o futebol mudar sem perder a curiosidade por ele, e hoje, comemorando 72 anos no dia em que o Brasil enfrenta o Japão, sobe as intermináveis escadas dos imensos estádios dos Estados Unidos, troca de cidades, puxa malas, escolhe restaurantes, atravessa a Times Square tirando fotos com fãs e desviando de personagens curiosos com a mesma elegância com que desfilava pelos gramados e areias do beach soccer.

Em nenhum momento faz questão de lembrar que é o jogador que mais vezes vestiu a camisa do Flamengo. A grandeza da geração de Maestro Júnior parece morar justamente nessa simplicidade. E conviver diariamente com Leovegildo Lins Gama é a minha ligação permanente com o futebol que eu sonhei acompanhar.

Com o passar dos anos, talvez as gerações tenham ficado menos acessíveis, mais protegidas, treinadas a responder o óbvio. O sorriso espontâneo virou exceção e a resposta sincera passou a ser um risco calculado. O que me faz sempre questionar: como as atuais gerações quem ser lembradas no futuro?

O jovem Rayan, ao ser perguntado sobre o futebol do Japão, respondeu com uma simplicidade quase desarmante ao dizer que não conhecia profundamente, mas reconhecia o bom momento da seleção e o respeito que ela merece.

Bastaram alguns minutos para as redes sociais determinarem que Rayan não estava preparado, ou que deveria dar respostas clichês. Vieram os alertas de “zica”, as previsões de que a declaração seria usada no vestiário japonês. Uma bobagem! Outra questão que marca o atual momento que vivemos é até que uma história tenha tempo de amadurecer, alguém já decidiu qual será a consequência.

Hoje, Maestro Júnior acompanha mais uma Copa com a serenidade de quem já viu essa ampulheta ser virada tantas vezes. O presente de aniversário, claro, tem que ser a classificação do Brasil. Talvez pelos pés de um conterrâneo da Paraíba, Matheus Cunha, um dos grandes destaques do Brasil nesse mundial. Já as escolhas em campo passam por um colega de longa data da época de Itália, Carlo Ancelotti. Só o tempo, esse grande amigo do nosso comentarista, para unir tantas histórias de épocas distintas de uma vez só. Para nós, o presente diário é a convivência com uma lenda, um companheiro generoso e leal, desprovido de qualquer soberba. Que o tempo siga sendo generoso com Júnior e que as novas gerações saibam a grandeza de ser um Maestro.

PASSAGEM DE BASTÃO COM DIREITO A PARCERIA

Na última dança, Neymar tem em Vini Jr. seu sucessor, mas a dupla mostra que ainda pode funcionar junta em campo

DIOGO DANTAS E
RAFAEL OLIVEIRA
esporteglb@oglobo.com.br
HOUSTON, EUA

Nenhuma seleção sofreu tanto com Neymar quanto o Japão, adversário do Brasil nesta tarde pelas oitavas de final da Copa do Mundo. Em cinco jogos contra os japoneses, o camisa 10 marcou nove gols, tornando-os a principal vítima de sua trajetória pela seleção.

O reencontro, porém, acontece sob um contexto diferente. Aos 34 anos, recuperado de uma lesão na panturrilha, Neymar já não concentra sozinho o protagonismo, que passou a ser ocupado por Vinicius Júnior, autor de quatro gols, uma assistência e três prêmios de melhor em campo neste Mundial.

— O Vini hoje é o nosso principal jogador. Está numa fase incrível, nos ajudando e decidindo os jogos — afirmou Neymar após a vitória sobre a Escócia.

Se a passagem de bastão começa a acontecer, os primeiros minutos da dupla em campo mostram que ela ainda pode jogar junta. Os relatórios técnicos da Fifa indicam que Carlo Ancelotti encontrou uma forma de explorar características complementares de Vini e Neymar.

Enquanto o camisa 10 organizava a construção ofensiva, nos cerca de 15 minutos em que esteve em campo, Vinicius atacou a profundidade, transformando essa criação em gols, finalizações e pressão sobre a defesa adversária.

— Neymar pode jogar mais de 15 minutos. Está bastante bem. Vai depender muito do contexto e da evolução do jogo — avisou o técnico.

QUEBRANDO AS LINHAS

Mesmo com poucos minutos, Neymar acertou 12 dos 14 passes (86%) e rompeu linhas de marcação em cinco das seis tentativas (83%). Mais de um terço de seus passes teve caráter progressivo. Também somou quatro cruzamentos, duas progressões com bola e dois *step ins* —



Toca aqui! Neymar e Vini se cumprimentam no jogo Brasil x Escócia: um pode ser o arco, e o outro, a flecha na seleção, mostram os relatórios técnicos da Fifa

conduções em que avança com a bola para dentro dos espaços entre as linhas de marcação, desorganizando a estrutura defensiva adversária. Além disso, finalizou uma vez, obrigando o goleiro Gunn a fazer uma defesa.

Sua movimentação reforça esse papel. Dos 12 movimentos para dar opção de passe, seis aconteceram entre as linhas da defesa escocesa, evidenciando uma atuação voltada para conectar meio-campo e ataque.

A eficiência aparece ainda mais quando comparada à dos titulares. Neymar igualou Matheus Cunha em quebras de linha concluídas (cinco), embora tenha atuado cerca de 20 minutos, contra aproxima-

madamente 70 do companheiro. Também terminou com aproveitamento superior ao de Lucas Paquetá (83% contra 74%) e Bruno Guimarães (83% contra 60%). Para produzir cinco quebras de linha, precisou de apenas 14 passes. Cunha deu 25; Bruno, 45 para produzir nove; e Paquetá, 56 para chegar a 14.

METADE DAS FINALIZAÇÕES

Se Neymar organizou, Vinicius atacou os espaços. O camisa 7 realizou 52 movimentos para receber a bola, o segundo maior número da equipe, sendo 26 nas costas da defesa (*in behind*), líder da seleção no fundamento. Neymar, por sua vez, encontrou Vinicius cinco vezes, mais do que

qualquer outro companheiro.

Vinicius terminou a partida com oito finalizações — metade das 16 do Brasil —, marcou dois gols, exigiu quatro defesas do goleiro e liderou a equipe em progressões com bola, com oito conduções. Sem a posse, as funções também foram distintas. Vini participou de 28 ações de pressão indireta, 22 aproximações ao portador da bola, 14 pressões efetivas e recuperou duas bolas. Sem ritmo, Neymar registrou apenas uma pressão direta, nove indiretas, um desarme e duas recuperações.

Os dados físicos confirmam a diferença de patamar ao menos neste quesito: Neymar percorreu 2.431

metros, fez oito sprints e atingiu 26,4 km/h em cerca de 20 minutos. Vinicius correu 10.096 metros, somou 57 sprints, 106 ações em alta velocidade e alcançou 33,4 km/h. O camisa 10 organiza, rompe linhas e acelera a construção; o 7 dá profundidade, intensidade e transforma essa criação em gols e oportunidades. Neymar já não precisa carregar sozinho o peso ofensivo da equipe. O bastão começa a ser passado para Vinicius Júnior, mas os primeiros sinais indicam que essa transição não exige uma substituição imediata. Pior para o Japão, que vai se deparar com um velho carrasco e pode ganhar um novo.

JAPÃO TENTA FAZER HISTÓRIA NO JOGO CONTRA O BRASIL

Seleção asiática, que nunca passou pela primeira fase eliminatória da Copa do Mundo, segue sem a presença de Kubo

LUCAS ALTINO
lucas.altino@oglobo.com.br

Em boa fase, o Japão terá hoje a oportunidade de vencer, pela primeira vez na sua História, um jogo eliminatório de Copa do Mundo. Para esse desafio, o time seguirá sem Takefusa Kubo, atacante da Real Sociedad que ainda se recupera de uma lesão no joelho. Em coletiva de imprensa ontem, o técnico Hajime Moriyasu destacou que a seleção brasileira não é a mesma que a sua equipe derrotou em

amistoso no ano passado, mas pregou confiança.

Na última sexta-feira, Kubo treinou com bola pela primeira vez desde a sua lesão, na estreia da Copa, animando a torcida japonesa. Mas Moriyasu afirmou, ontem, que ele não será relacionado, pois não teve tempo suficiente de treino.

Uma dúvida é a presença do zagueiro e capitão Ko Itakura, do Ajax, que sentiu um desconforto na coxa e foi substituído contra a Suécia. Não houve lesão grave, mas ele foi poupado dos tre-



Em campo. Jogadores do Japão correm em Houston, na preparação para hoje

nos e pode ser desfalque.

Moriyasu disse que sua equipe vai jogar com “respeito” ao Brasil, mas com a convicção de que a vitória é possível. Apesar de lembrar o amistoso do ano passado, quando o Japão bateu a seleção brasileira pela primeira vez, ele frisou que as escalafões de hoje são diferentes.

— Vamos jogar com respeito ao adversário, mas com convicção de que podemos vencer, como aconteceu no ano passado. É importante que as pessoas também nos vejam como

uma equipe com essa capacidade de vencer.

O Japão passou da fase de grupos pela quinta vez, mas sempre foi eliminado na primeira partida eliminatória. Para Moriyasu, a Copa “começa agora”.

— Temos um adversário duro e precisamos jogar o nosso melhor futebol para conseguir essa vitória. A gente também espera demonstrar o crescimento da nossa equipe em campo. O Brasil é pentacampeão, mas queremos desafiá-lo. Não vamos mudar a nossa identidade, porque é algo que nos dá muito orgulho. Muitas pessoas acham que estamos apenas fazendo um bom trabalho, mas temos convicção de que podemos vencer essa Copa do Mundo.

GUSTAVO POLI
esporteglb@oglobo.com.br

PERSONAGEM DA SEMANA

O árbitro nosso de cada dia



Fratura. Ismail Koné deixa o campo: entrada do catari Madibo, mesmo sem maldade, rendeu-lhe um cartão vermelho

Toda Copa traz uma lente de aumento que nos ajuda a examinar nossos pequenos e grandes problemas. Por isso o personagem dessa semana é o árbitro. Não o árbitro menor e apitador — que entra em campo de preto ou uniforme furta-cor e neste evento ganhou nome nas costas. Mas nosso árbitro maior de cada dia, esse juiz de futebol que carregamos dentro de nós e, convenhamos, não é só de futebol. Esse árbitro que se indigna com a ponta do pé iraniano que evitou o que seria uma vitória de Davi na casa de Golias. Se há algo que foi esportivamente injusto foi o tratamento do Irã neste Mundial. Depois de inventar um prêmio da paz para Donald Trump e assobiar olhando pra cima dois meses depois, quando ele bombardeou o Irã, a Fifa entubou mais. A delegação iraniana foi obrigada a se hospedar no México e sair corrida dos EUA após suas partidas. Com desvantagem, arrumou três empates e ficou a uma unha da classificação. Mas, sejamos francos, a unha estava ali. O jogador estava impedido. Não devemos fechar os olhos pra isso ou acreditar que o Irã é um

coitado internacional. Ninguém razoável compra o argumento de que os EUA atacaram para salvar o povo iraniano — mas o regime dos aiatolás é uma teocracia brutal que massacra quem discorda e outro dia estava fornecendo drones pra Rússia atacar a Ucrânia. Queremos torcer pelo mocinho contra o bandido — mas o filme do presente anda carente de John Wayne. Sem

pre queremos acreditar que quem manda no esporte — e no mundo — tem as melhores intenções. Que todo juiz entra em campo querendo acertar. Mas juízes erram, mesmo com VAR. E o futebol tem subjetividades amplas. Exemplo: sempre soubemos que faltinha não é pênalti. Falta, pra ser pênalti, precisa ser muito mais falta. Não é a regra escrita, mas a praticada. O VAR

brasileiro andou autorizando o minipênalti, o micro-pênalti e até o nanopênalti. Na Copa, rumamos em outra direção. É um Mundial de critérios maximalistas. No Fifão 2026 falta, para ser marcada, requer tentativa de assassinato. Pênalti, só em caso de homicídio doloso triplamente qualificado. Segurar, agarrar e puxar camisa tá liberado — desde que não tenha impacto grotesco.

Os juízes ignoram pontapés e bandas... e seeeegue o jogo. Mas se for esse o critério estabelecido — ou se existir um critério —, temos um avanço. Porque o que esperamos de um juiz é clareza, e não casuísmo. Dos juízes e das entidades. Por isso vale encerrar com uma história menor. Em Catar x Canadá tivemos o lance mais feio da Copa. O catari Madibo deu

uma entrada dura no canadense Ismail Koné, que quebrou a perna. A FIFA omitiu o replay na transmissão — editorialmente decidindo que o público não merecia entender o que aconteceu — ou escolhendo protegê-lo de uma imagem impactante. Então só tivemos um ângulo em que é difícil entender o que aconteceu. O juiz inicialmente deu cartão amarelo, e só depois mudou para vermelho. Ou seja: puniu a consequência, não o ato. A FIFA foi além: suspendeu Madibo por cinco partidas. Madibo não foi na maldade, não quis quebrar a perna de Koné e pareceu devastado quando viu o acontecido. Essa Copa teve outras entradas parecidas ou piores — mas só essa gerou a fratura brutal. O martelo que puniu Madibo parece dizer: “Olha, pode bater! Mas se acontecer alguma coisa... o risco é seu”. Ninguém vai chorar por Madibo, o catari anônimo. Quase ninguém vai se lembrar de Madibo. Mas quando o tribunal opta pela demagogia... devemos entender onde estamos pisando. É sinal de que quem manda prefere jogar para a galera do que fazer justiça.



VITOR SETA
vitor.seta@extra.inf.br

GOL NOS ACRÉSCIMOS COLOCA O CANADÁ NAS OITAVAS DE FINAL

No duelo entre equipes que nunca haviam chegado ao mata-mata, anfitriões eliminam a África do Sul e agora aguardam Holanda ou Marrocos, que jogam hoje

SEGUNDA FASE



ÁFRICA DO SUL

0



CANADÁ

1

GOLS: 2T: Eustáquio, aos 49 minutos.
ÁRBITRO: João Pinheiro (Portugal).
CARTÕES AMARELOS: Saliba e Sigur (Canadá).
PÚBLICO: 69.237 presentes.
LOCAL: Los Angeles, Estados Unidos.



Stephen Eustáquio. Jogador do LA FC (7) festeja o gol da classificação canadense, em Los Angeles, cidade onde joga

tinham a bola no ataque, acionavam a bola aérea, sem muito sucesso. A melhor chance foi num lance confuso dentro da área. Eustáquio cobrou escanteio para o Canadá, Bombito cabeceou para o gol aberto e Modiba tirou em cima da linha. No rebote Buchanan teve oportunidade, com menos ângulo, mas o goleiros Williams cresceu e rebateu.

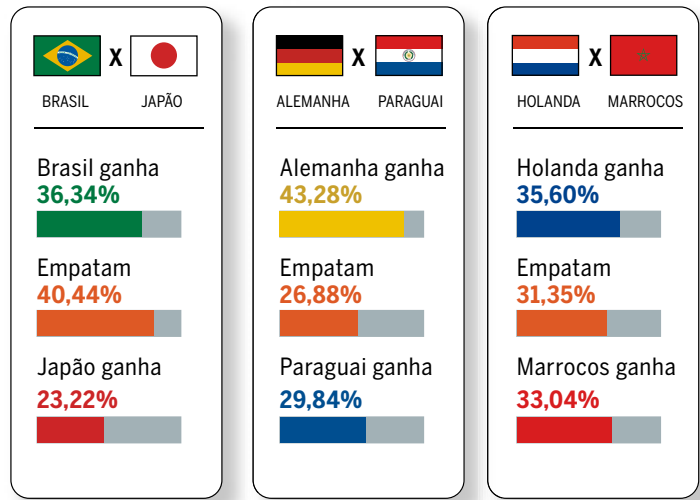
TROCAÇÃO NO FIM
O segundo só ganhou movimento depois dos 15 minutos. Os canadenses voltaram a ficar muito perto de abrir o placar. Oluwaseyi foi lançado em profundidade, ficou na cara de Williams, mas parou no goleiro. No rebote, Mokoena se antecipou a Jonathan David e afastou para escanteio. O mesmo David levou perigo em contra-ataque canadense: arriscou da entrada da área e viu a bola passar à direita de Williams. A África do Sul também colocou o goleiro Crepéau para trabalhar, em chute perigoso de Appollis. Mas a definição ficou mesmo para os acréscimos.

HENRIQUE BARBI
henrique.barbi@oglobo.com.br

BOLA DE CRISTAL DO GLOBO PREVÊ EQUILÍBRIO PARA JOGOS DE HOJE

Ferramenta indica 40,5% de chance de empate entre Brasil e Japão

Confrontos apertados na 2ª fase



BRASIL X JAPÃO
Dos jogos de hoje, os cálculos apontam equilíbrio em pelo menos dois deles, incluindo

Brasil x Japão, às 14h (de Brasília) em Houston. A ferramenta aponta como resultado mais provável no tempo normal o empate, com 40,5%. A vitória brasileira aparece com 36,3%, contra 23,2% para os japoneses. Na conta que considera prorrogação e pênaltis, a seleção brasileira desponta como favorita para avançar, com 56,6% de chance, contra 43,4% dos japoneses.

HOLANDA X MARROCOS
O duelo entre Marrocos e Holanda, às 22h (de Brasília), no Estádio Monterrey, no México — considerado um dos mais fortes desta fase —, é outra promessa de jogo disputado. O Bola de Cristal aponta os holandeses com 35,60% de chance de vitória no tempo regulamentar, contra 33,04% dos marroquinos. O empate reúne 31,35% das projeções. Nos cálculos levando em conta também prorrogação e pênaltis, a Holanda tem leve vantagem e aparece com 51,30% de probabilidade de classificação.

ALEMANHA X PARAGUAI
Já o outro confronto do dia, entre Alemanha e Paraguai, às 17h30 (de Brasília), em Boston, é o primeiro a apresentar um favorito claro de acordo com a ferramenta. Os cálculos apontam a tetracampeã com 43,28% de

chance de vitória, contra 29,84% do Paraguai, enquanto o empate soma 26,88%. Considerando os cenários com prorrogação e pênaltis, os alemães aparecem com 56,7% de probabilidade de seguir adiante.

COMO FUNCIONA
O Bola de Cristal aponta as chances das principais seleções da Copa do Mundo por jogo e por fase. Os cálculos são do Departamento de Matemática da UFMG e levam em consideração o desempenho das seleções no último ano, com pesos diferentes de acordo com as posições dos adversários enfrentados no ranking da Fifa. Os resultados das partidas do Mundial entram nas contas com peso maior, e os cálculos são atualizados após o apito final de cada partida.



VITOR SETA
vitor.seta@extra.inf.br

Iniciada ontem à tarde, com a vitória do Canadá sobre a África do Sul, a fase mata-mata da Copa do Mundo reservou um único duelo entre seleções sul-americanas e europeias no lado esquerdo da chave. Acontece já hoje, quando Alemanha e Paraguai se enfrentam no Gillette Stadium, em Boston, às 17h30. Ainda que eventualmente eliminem os tetra-campeões, os paraguaio

PARAGUAI É O ÚNICO SUL-AMERICANO NA CHAVE MAIS PESADA

Gustavo Gómez e companhia enfrentam a Alemanha hoje, no único duelo de vizinhos com europeias de seu lado da tabela

tas, e a Espanha, detentora do título europeu, ainda que vinda de uma primeira fase pouco inspirada, marcada por dificuldades físicas. As duas enfrentarão adversárias organizadas, mas de nível inferior — Suécia e Áustria, respectivamente —,

mas dificilmente não carimbarão suas vagas nas oitavas. A boa notícia para quem está daquele lado, especialmente o Canadá, próximo adversário, é que duas equipes perigosas já se enfrentam nesta primeira eliminatória:

a Holanda, um dos melhores ataques do torneio e três vezes finalista da competição, e o campeão continental (ainda em disputa jurídica com o Senegal) Marrocos, o melhor time africano do torneio, que fez boa campanha e

SEGUNDA FASE

ALEMANHA
314 (8°)

PARAGUAI
259 (23°)

PONTOS E POSIÇÕES DE CADA SELEÇÃO NO FAVORITÔMETRO DO GLOBO (MÁX: 390 PONTOS)

LOCAL: Boston, Estados Unidos.
HORÁRIO: 17h30. ÁRBITRO: Jalal Jayed (Marrocos). TRANSMISSÃO: TV Globo, Sportv, ge tv, ge e CazéTV.

primeiro Mundial pós-campanha histórica de semifinal na edição anterior. À esquerda da chave ainda tem os Estados Unidos favoritos contra uma pobre Bósnia; a irregular seleção de Portugal contra a experiente e perigosa Croácia; e o teste

definitivo para a incógnita Bélgica, que pega o Senegal, uma seleção forte, com volume de jogo e que só passou em terceiro por ter caído no Grupo da Morte. Campeã mundial, a Argentina, na chave da direita, sai de um grupo acessível para um caminho tranquilo, no papel, tanto nesta fase quanto em eventuais oitavas. Jogando o futebol mais competitivo do torneio ao lado da França, enfrenta a sensação Cabo Verde, que segurou empates com Espanha e Uruguai. Se passar, pega Austrália ou Egito, que também não prometem ir longe no torneio. O primeiro grande desafio pode ocorrer em eventuais quartas de final, com a Colômbia (que enfrenta a limitada Gana) como favorita a chegar lá. Suíça x Argélia é o outro confronto daquela “região” da chave.

CAMINHO PARA O BI
Em caso de sucesso dos comandados de Scaloni, estaria aberto o caminho para a semifinal entre Brasil e Argentina que não aconteceu em 2022, com a traumática eliminação para a Croácia. No caso da seleção brasileira, a boa notícia é que Colômbia e Argentina se enfrentariam antes de entrar em seu caminho. A má é que o traçado para os comandados de Carlo Ancelotti é muito mais complexo do que o dos rivais até lá. Se passar do já complicado Japão hoje, enfrentará Noruega ou Costa do Marfim, que fazem parte de um grupo de seleções não favoritas, mas que têm tudo para surpreender. Ainda têm num possível caminho um bloco com Inglaterra x RD Congo e México x Equador: favoritas contra surpresa e anfitriões em boa fase contra uma equipe que escapou de ser uma das expectativas frustradas do torneio. Grandes chances de encontrar uma pedreira pela frente. A magia do futebol porém, já ensinou que nenhuma dessas projeções preverá de fato as emoções do mata-mata, que bota o pé no acelerador hoje, com três jogos.

BOLA PARADA É ARMA DA HOLANDA CONTRA MARROCOS

Com três gols neste tipo de jogada, seleção holandesa mede forças com time africano pelo mata-mata da Copa do Mundo

LEONARDO SIQUEIRA
E LUCAS RIBEIRO
esporteglb@oglobo.com.br

A Copa de 2026 já registra mais gols (216) e goleadas (13) do que qualquer outra edição da história. Diante de tamanha produção ofensiva, a bola parada também chama a atenção e já deu origem a 42 gols na competição até aqui. Uma das seleções que mais se destacam nesse fundamento é a Holanda, que enfrenta o Marrocos hoje, às 22h (de Brasília), em Monterrey, no México, pela segunda fase. Dos dez gols marcados pelos holandeses nesta Copa, três saíram de bola parada: um deles, na vitória por 3 a 1 sobre a Tunísia, após escanteio cobrado para o cabeceio do zagueiro Jan Paul van Hecke (1,89 m). Outro gigante da defesa é Virgil van Dijk (1,95 m), que também já balançou as redes, mas com a bola rolando. — Em jogos eliminatórios, dependendo do momento em que se sofre um gol de bola parada, o impacto pode ser grande. Se não estiver em vantagem, a equipe,



Após escanteio. Zagueiro Jan-Paul van Hecke marca o terceiro gol da Holanda sobre a Tunísia na fase de grupos

muitas vezes, não tem tempo de reação. Mudanças na partida, pouco tempo restante, arbitragem e o aspecto mental podem fazer o jogo perder o controle e a fluidez após esse lance — destaca Rodrigo Coutinho, comentarista do Grupo Globo. O Brasil, por exemplo, sabe bem o perigo da bola pa-

rada no mata-mata da Copa do Mundo. Antes de ser eliminada nos pênaltis pela Croácia, em 2022, a seleção foi vítima dessa arma diante de Alemanha, Holanda e França nas edições anteriores do Mundial. Mas isso está longe de ser um problema exclusivo da Amarelinha. Em confrontos elimi-

natórios, que costumam mexer ainda mais com o lado emocional dos jogadores, um escanteio (ou “late-reio”) bem cobrado e uma jogada ensaiada podem ser decisivos para destravar uma partida, definir uma classificação e até a conquista de um título. Quem reconhece a impor-

SEGUNDA FASE

HOLANDA
327 (5°)

MARROCOS
276 (17°)

PONTOS DE CADA SELEÇÃO NO FAVORITÔMETRO DO GLOBO (MÁXIMO DE 390 PONTOS)

LOCAL: Monterrey, México.
HORÁRIO: 22h. ÁRBITRO: Wilton Pereira de Sampaio (Brasil).
TRANSMISSÃO: CazéTV.

tância da bola parada no mata-mata da Copa é o técnico do Brasil, Carlo Ancelotti, que valorizou justamente esse fator antes de comandar pela primeira vez uma seleção no Mundial. — Há uma estatística de que 30% dos gols saem de bola parada. Este é um aspecto importante no futebol moderno. Temos bons cobradores de escanteios e bons cabeceadores. Podemos aproveitar (na Copa do Mundo) — disse o técnico. Ciente do diferencial da bola parada, Portugal é uma seleção que tem mostrado um amplo repertório de jo-

gadas ensaiadas. A comissão técnica do espanhol Roberto Martínez ganhou, no ano passado, o reforço do especialista escocês Austin MacPhee, que foi fundamental no Aston Villa.

EM BUSCA DAS OITAVAS
Com a força da bola parada a seu favor, a Holanda terminou a fase de grupos como o melhor ataque da Copa, ao lado de França e Alemanha, todas com dez gols. Além dos grandalhões na zaga, o elenco tem média de 1,85m de altura, e pode explorar as bolas pelo alto hoje. Já Marrocos, com elenco com média de 1,83m, marcou somente um gol de bola parada. As principais armas marroquinas, na verdade, são a solidez defensiva e as escapadas nos contra-ataques. — Precisamos tocar a bola mais rápido contra Marrocos, para criarmos chances e acharmos os jogadores entre as linhas de meio e defesa. E, quando perdermos a posse, precisamos seguir compactos e voltar rápido. Temos que avançar e recuar juntos. Senão, caímos fora da Copa — disse Ronald Koeman, técnico da Holanda, ao jornal De Telegraaf. O vencedor deste duelo vai enfrentar o Canadá nas oitavas de final da Copa do Mundo.

MAIS ESPORTES

THAIS FIDELIS RETOMA PAIXÃO PELA GINÁSTICA

Maior medalhista brasileira no Pan-Americano do Rio de Janeiro, atleta havia desistido do esporte após morte do irmão e lesão no tendão de Aquiles: ‘Percebi que aqui é o meu lugar, que tinha de voltar. É o que eu amo, o que faz meus olhos brilharem’

CAROL KNOPOCH
carolk@sp.oglobo.com.br

Integrantes da comissão técnica da seleção brasileira feminina de ginástica celebram não apenas o retorno de Rebeca Andrade às competições, mas também a volta de Thais Fidelis, que ficou afastada do esporte por dois anos e se convenceu de que seu lugar é mesmo no ginásio. Thais havia rompido com a ginástica em 2022. Estava quebrada psicologicamente. Não pensava em retornar, havia desistido. Mas, ao acompanhar uma competição nacional, com ginásio lotado e definição da seleção para os Jogos Olímpicos de Paris-2024, revisou os planos.

Em 2025, a ginasta voltou aos treinamentos e chegou a subir no pódio em três competições. Mas foi na última semana que mostrou que voltou para valer: consagrou-se como a terceira melhor ginasta das Américas ao conquistar a medalha de bronze do individual geral do Pan-Americano de Ginástica Artística, no Rio. — Quando pensei em parar, não pensava em voltar. Na minha cabeça, ali era o



Três medalhas. Thais Fidelis durante apresentação no Pan-Americano de Ginástica Artística no Rio de Janeiro

fim, de tão cansada mentalmente e fisicamente. Não tinha chance de voltar. Mas percebi que aqui é o meu lugar, que tinha de voltar. É o que eu amo, o que faz meus

olhos brilharem. Quando lembro desta cena... Foi emocionante ver o ginásio cheio — explicou. Thais se refere à Arena Carioca 1, no Parque Olímpico, onde há uma

semana conquistou três medalhas no Pan de Ginástica. Foi a maior medalhista do Brasil nesta competição: além do bronze no individual geral,

também foi bronze na trave e prata por equipes. Na atual temporada, também conquistou o ouro no solo e a prata na trave no Troféu Brasil, em Natal.

DRAMA PESSOAL

Thais lembra que dois eventos ocorridos em sequência foram determinantes para a pausa na ginástica. Em 2021, ela perdeu o irmão Dener Rogério após quadro agravado de pneumonia, além de outras complicações. No mês seguinte, a ginasta, que representava o Clube Pinheiros, rompeu o tendão de Aquiles.

— Hoje sei que ele está em um mundo melhor. Tive que ter uma cabeça muito boa, e naquele momento eu não tive. Tudo aconteceu bem perto. Empurrei o ano de 2022 com a barriga, mas não estava mais feliz no ginásio. Não queria mais estar ali, não era prazeroso. Decidi parar porque estava cansada física e mentalmente. Hoje vejo o quanto esta pausa foi importante para mim. Voltei feliz, diferente. Sou outra Thais. Tenho muita gratidão e amor pela ginástica — explica. Nesse período afastada, Thais foi estagiária no proje-

to social de Daiane dos Santos, o Brasileirinho, e “conheceu o lado de lá, o do treinador”. Também cursou a faculdade de educação física e ainda está tentando se formar. Diz que conciliar as duas agendas é complicado, mas “a gente não pode parar de estudar”.

Segundo Francisco Porath, o Chico, técnico da seleção brasileira feminina de ginástica artística, Thais voltou consistente e empolgada. Ele garantiu que a atleta está nos planos para o restante da temporada da seleção: — Gostamos de histórias assim. Porque, quando voltam, voltam melhores, entendendo o motivo pelo qual estão ali. Para o treinador, é mais fácil. Hoje, a Thais quer, está na nossa equipe que está sendo mapeada para o Mundial e vamos acompanhá-la no Campeonato Brasileiro.

Perguntada sobre qual é o objetivo pessoal após o retorno, Thais diz que é chegar aos Jogos de Los Angeles, em 2028. Ela ainda não disputou uma Olimpíada. — É o que eu quero. Tem todo um processo para chegar lá, eu sei. E vou trabalhar para isso — disse.

Em uma corrida cheia de disputas acirradas e pegadas empolgantes, o vencedor do GP da Áustria ontem, no entanto, não se envolveu em nenhuma delas. Com uma pilotagem segura, George Russell, da Mercedes, venceu após largar na pole e mostrou que está de volta à briga pelo Mundial de Pilotos da Fórmula 1. Logo atrás, chegaram Max Verstappen, da Red Bull, e Kimi Antonelli, líder do campeonato e companheiro de Russell. Com a segunda vitória na temporada, Russell soma agora 131 pontos e ultrapassou Lewis Hamilton, da Ferrari, com 125, para reassumir a vice-liderança. Antonelli segue na ponta, com 171 pontos. No Mundial de Construtores, a Mercedes ampliou a vantagem.

— Faz tempo que não venha. Vou comemorar com meu time. A pressão do Max foi muito difícil. Não vejo a hora de beber. Psicologicamente, a vitória é muito importante. Foi vital para me lembrar que posso — disse o inglês, que venceu a etapa de abertura, viu Antonelli emplacar cinco triunfos se-

RUSSELL VENCE GP DA ÁUSTRIA E ESTÁ DE VOLTA AO JOGO NA F1

Verstappen e Antonelli completam o pódio; Bortoleto termina em 11º



Retomada. George Russell, da Mercedes, ergue o troféu do GP da Áustria: segunda vitória do britânico na temporada

MUNDIAL DE PILOTOS

1. Kimi Antonelli (Mercedes)	171	6. Charles Leclerc (Ferrari)	79
2. George Russell (Mercedes)	131	7. Max Verstappen (Red Bull)	73
3. Lewis Hamilton (Ferrari)	125	8. Isack Hadjar (Red Bull)	42
4. Oscar Piastri (McLaren)	80	9. Pierre Gasly (Alpine)	41
5. Lando Norris (McLaren)	79	10. Liam Lawson (Racing Bulls)	30

GP DA ÁUSTRIA

1. George Russell (Mercedes)	1h26min37s979
2. Max Verstappen (Red Bull)	+1s611
3. Kimi Antonelli (Mercedes)	+1s986
4. Oscar Piastri (McLaren)	+21s809
5. Lewis Hamilton (Ferrari)	+26s393

JOÃO FONSECA ESTREIA HOJE EM WIMBLEDON COMO CABEÇA DE CHAVE

João Fonseca abre hoje mais um capítulo da ascensão que o colocou no centro das atenções do tênis brasileiro. Aos 19 anos, o carioca estreia em Wimbledon tentando confirmar que o salto dos últimos meses não foi casual. Depois de alcançar as quartas de final de Roland Garros, melhor resultado de sua carreira em um Grand Slam, ele chega ao terceiro grande torneio da temporada como cabeça de chave número 24 e terá pela frente o espanhol Roberto Bautista Agut, que chegou a ser número 9 do mundo em 2019, mesmo

ano em que foi semifinalista no torneio inglês. O confronto será o terceiro da Quadra 18, cuja programação começa às 7h (de Brasília), com previsão de início por volta das 11h.

A campanha em Paris alterou o tamanho da expectativa em torno de Fonseca. Se, no início do ano, o objetivo era ganhar espaço no circuito profissional e acumular experiência nos grandes torneios, o desempenho em Roland Garros consolidou a sensação de

que o brasileiro já pode competir em alto nível nos principais palcos do calendário.

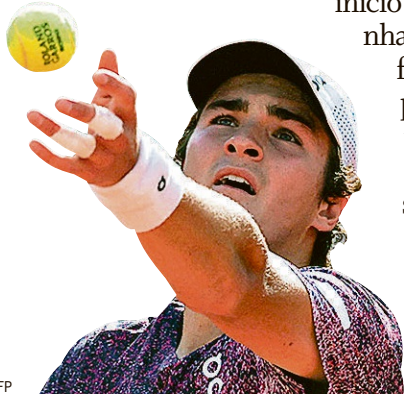
Foi a primeira vez desde Gustavo Kuerten que o país teve um representante nas quartas de final do torneio francês. Para isso, o brasileiro superou Casper Ruud, então número 16 do mundo. O desempenho também lhe garantiu uma novidade em Londres: pela primeira vez, Fonseca inicia um Grand Slam entre os 24 cabeças de chave, condição que reduz o risco de cruzamentos

precoces com os favoritos.

— Primeira rodada difícil contra um jogador experiente, que fez semifinal aqui e joga bem nesta superfície — analisou Fonseca.

Wimbledon é disputado na grama, piso que historicamente exige adaptação rápida e costuma favorecer jogadores mais acostumados a acelerar os pontos. O saque ganha importância, as trocas tendem a ser mais curtas e há menos margem para recuperação durante os games.

Do outro lado estará um adversário experiente. Aos 38 anos, Bautista Agut construiu uma carreira marcada pela regularidade. Embora esteja distante do auge, sem vencer uma partida de chave principal de Grand Slam desde o fim de 2024, o espanhol continua sendo um nome respeitado no circuito e representa um primeiro teste relevante para medir o momento do brasileiro em um contexto diferente daquele encontrado em Roland Garros.



Bola cheia. João Fonseca em Roland Garros

ALAIN JOCARD / AFP

NEWSLETTER ‘QUE JOGO É ESSE?’



Sala de espera. Autoridades do Irã falam com a mídia no hotel da delegação, em Tijuana, no México, após a eliminação da Copa: empate nos acréscimos entre Áustria e Argélia sepultou as esperanças

THALES MACHADO
thales.machado@oglobo.com.br

O jogador Mohammad Mohebi já apertava mãos e distribuía abraços no saguão do hotel da seleção iraniana em Tijuana. Aos 48 minutos do segundo tempo, Riyad Mahrez fizera 3 a 2 para a Argélia sobre a Áustria, resultado que, se resistisse por mais três minutos, classificaria o Irã para a segunda fase da Copa. Mohebi virou-se para os torcedores, felicitou um por um e foi procurar os companheiros para dividir a alegria. Arya Yousefi, sentado diante da televisão, sorria com a serenidade de quem julgava o serviço concluído. Mehdi Torabi e Milad Mohammadi não se permitiram o mesmo alívio: continuaram imóveis, com a preocupação estampada no rosto. Tinham razão. Instantes depois, Sasa Kalajdzic, recém-colocado em campo pela Áustria, empatou: 3 a 3. A festa parou no meio, a sala ficou em silêncio e o Irã foi eliminado da Copa ali mesmo, na impessoalidade de um saguão de um hotel de rede.

As novas regras do Mundial criaram um purgatório particular. Não se tratava apenas de ser eliminado, mas de permanecer durante horas ou dias entre a vida e a morte, hospedado, concentrado, fazendo recuperação

A COPA ACABOU, MAS ESQUECERAM DE AVISAR

O estranho regulamento criou um purgatório em que seleções seguiram concentradas depois do último jogo

muscular, treinando e acompanhando pela televisão partidas disputadas por seleções que talvez nunca se fosse enfrentar. Como oito dos 12 terceiros colocados avançariam, havia equipes para as quais a fase de grupos terminara no campo, mas continuava aberta numa planilha.

Era preciso preparar a próxima viagem sem saber se ela aconteceria, estudar possíveis adversários e conservar o corpo para uma partida eliminatória enquanto se procuravam voos de volta para casa. A Copa havia acabado. Só esqueceram de avisar.

ORECORDE COREANO
Nenhuma seleção permaneceu por tanto tempo nessa sala de espera do Mundial quanto a Coreia do Sul. Depois da derrota por 1 a 0 para a África do Sul, em 24 de junho, os coreanos voltaram à base no Chivas Verde Valle, em Zapopan, no México, e

continuaram trabalhando. Na quinta-feira, foram fotografados correndo no grama, um pouco constrangidos. Naquele momento, havia duas Copas possíveis: uma levaria a Coreia até Boston para enfrentar a Alemanha na segunda-feira; a outra terminaria em Seattle, na quarta, diante do vencedor do Grupo G. A seleção começara a espera como a quarta melhor terceira colocada. Ao fim da quinta-feira, era a sexta. Na sexta, caiu para oitavo, a última vaga, e assim foi dormir uma última noite no purgatório da concentração.

Quando a Bélgica terminou na liderança do Grupo G, Boston desapareceu do roteiro e restou apenas Seattle. No sábado, os jogadores tornaram a vestir o uniforme de treino e correram em Zapopan. Algumas horas depois, os resultados dos últimos grupos eliminaram também o bilhete para Seattle. Foi uma eliminação

em prestações. A Coreia não caiu de uma vez, ao fim de uma partida: perdeu primeiro uma posição, depois outra, depois um possível adversário, uma cidade e, por fim, o direito de continuar. Durante três dias, o planejamento foi reescrito por gols marcados a milhares de quilômetros. Na quinta, a equipe se preparava para enfrentar Alemanha ou Bélgica; na sexta, apenas Bélgica; no sábado, ninguém. O treino daquela manhã havia sido para um jogo que jamais existiria.

Nem todos deixaram o purgatório num voo de volta para casa. O Paraguai terminou sua chave com quatro pontos, depois do empate sem gols com a Austrália, mas ainda precisou aguardar os grupos seguintes. Na manhã posterior à partida, a seleção retomou o trabalho no Spartan Soccer Complex, em San José. Os atletas que não haviam jogado ou permanecido pouco tempo em campo fize-

ram atividades na academia e exercícios com bola; os titulares cumpriram trabalho regenerativo no hotel.

Quando os resultados do Grupo H confirmaram a classificação, o treino ganhou endereço: o Paraguai viajaria para Boston e enfrentaria a Alemanha. O expediente que, para os coreanos, terminou como ensaio para coisa nenhuma tornou-se, para os paraguaios, a primeira preparação para o mata-mata.

O regulamento é estranho não apenas porque exige calculadoras, tabelas paralelas e especialistas capazes de explicar por que um gol entre Áustria e Argélia altera o destino de jogadores sentados num hotel no México. Ele compara campanhas produzidas em grupos diferentes, contra adversários diferentes, e distribui informação de maneira desigual: quem joga no último dia entra em campo conhecendo pontos, saldos, gols e necessidades de quem terminou três dias antes.

A Fifa adotou os 12 grupos de quatro depois de abandonar a ideia original de 16 de três seleções e afirmou que o novo formato reduziria o risco de combinação de resultados, preservaria a integridade esportiva e equilibraria o cansaço. Resolveu a possibilidade de dois times disputarem a última rodada enquanto um

terceiro apenas assistia, mas manteve a simultaneidade somente dentro de cada grupo. Alguns jogaram às cegas; outros já conheciam as contas.

Nenhuma partida expôs melhor essa contradição do que Áustria e Argélia. As duas entraram em campo sabendo que o empate classificaria ambas e eliminaria o Irã, uma circunstância que evocava o Mundial de 1982, quando Alemanha Ocidental e Áustria produziram o resultado conveniente que tirou justamente os argelinos e levou a Fifa a tornar simultânea a última rodada de cada grupo.

Desta vez, não houve a modorra esperada nem indício sério de acordo: foram seis gols, duas viradas e uma troca de classificados nos acréscimos. Mahrez marcou aos 93 minutos e ofereceu ao Irã uma vaga improvável; Kalajdzic empatou aos 96 e a retirou. O jogo foi emocionante demais para ser chamado de combinação, mas o fato de o empate servir aos dois lados era uma criação do formato. O espetáculo salvou o regulamento de sua imagem mais constrangedora; não o absolveu de sua lógica.

UM GOL, LONGE DALI
O Irã acompanhou tudo no Marriott de Tijuana, hotel protegido por barreiras, policiais e integrantes da Guarda Nacional mexicana e transformado, ao longo da Copa, numa espécie de abrigo para a delegação. Torcedores viajaram de Los Angeles, San José e até Miami para apoiar a equipe, e crianças da cidade aguardaram autógrafos na porta. Depois da eliminação, a federação agradeceu formalmente à população mexicana e disse que deixar Tijuana seria difícil.

Foi ali que o purgatório da Copa ganhou uma imagem: jogadores que já haviam encerrado suas partidas, atravessado uma fronteira, treinado, dormido e acordado continuavam sem saber se ainda pertenciam ao Mundial. Até que alguém, em outro estádio e com outra camisa, marcou o gol que enfim os mandou embora.

Coisas dessa Copa.

TEXTO DA
NEWSLETTER
'QUE JOGO É ESSE?'
ASSINE E RECEBA
NO SEU E-MAIL

A geografia particular dos estádios desta Copa do Mundo

Arenas ganham nomes genéricos de cidades globalmente conhecidas, ainda que fiquem localizadas em municípios vizinhos

JOÃO PEDRO FONSECA
jp.fonseca@oglobo.com.br
DALLAS (EUA)

Na era dos *naming rights*, quase toda arena importante acabou batizada por uma marca bilionária. Nos Estados Unidos, a terra do *business*, então... Mas, diante da política da Fifa de esconder qualquer patrocinador que não seja seu, os estádios desta Copa do Mundo ganharam apelidos genéricos vinculados à região onde estão localizados, criando pequenas imprecisões geográficas.

A arena mais impressionante entre as 16 envolvidas no torneio, o moderníssimo SoFi Stadium, por exemplo, virou Estádio de Los Angeles. Ele está localizado, na verdade, em Inglewood, cidade independente que faz parte do con-

dado de L.A. e que se tornou um hub de eventos esportivos e culturais na região metropolitana — atravessando também um processo de gentrificação após historicamente ser moradia de populações de menor poder aquisitivo.

Algo parecido acontece no Texas. Para chegar ao AT&T Stadium, ou melhor, ao Estádio de Dallas, o torcedor precisa deixar a cidade e pegar a rodovia até Arlington. O município faz parte de outro condado, Tarrant, e integra um bloco metropolitano composto também pela própria Dallas e por Fort Worth, que, aliás, dividem o aeroporto internacional da região.

Na Flórida, onde o Hard Rock Stadium se transformou temporariamente em Estádio de Miami, o desti-



Estádio de Dallas. Arena se chama AT&T Stadium e não fica em Dallas, mas na cidade próxima de Arlington

no final é Miami Gardens, cidade pequena ao norte da Miami mais famosa. Já o Gillette Stadium, outro palco icônico da liga americana de futebol americano (NFL), chama-se, durante o Mundial, Estádio de Boston, ainda que sua localiza-

ção exata seja Foxborough, no condado de Norfolk, parte da região metropolitana da maior cidade do estado de Massachusetts.

O que a Fifa faz durante a Copa é repetir o modus operandi de outros eventos, ligas esportivas e até aéro-

portos, que usam o nome de uma cidade globalmente conhecida como referência, ainda que a instalação (ou o evento) fique num município próximo.

Na Costa Oeste americana, um dos escolhidos para receber os jogos foi o Levi's

Stadium. Mas, por ele estar localizado na modesta Santa Clara, a saída foi pegar emprestada a popularidade da vizinha São Francisco. Pronto: até que a bola pare de rolar, é o Estádio da Área da Baía de São Francisco.

O palco da final do torneio, no dia 19, aliás, também foi rebatizado de forma peculiar. O famoso MetLife Stadium, casa dos Giants e dos Jets na NFL, fica em East Rutherford, um pequeno município no estado de Nova Jersey, praticamente integrado à região metropolitana de Nova York. A solução? Incorporar as duas referências e chamá-lo de... Estádio de Nova York Nova Jersey.

No México, duas arenas passaram por adaptações semelhantes: o Estádio Akron virou Estádio de Guadalajara, mesmo ficando em Zapopan, na região metropolitana; já o Estádio BBVA se transformou em Estádio de Monterrey, ainda que o GPS aponte mesmo para Guadalajara.

GUSTAVO CUNHA*
gustavo.cunha@oglobo.com.br

A estreia aguardada há meses já não parece tão urgente. O ingresso do cinema ficou para a semana seguinte. Em casa, a lista de séries televisivas com episódios para pôr em dia só aumenta... Está aí um lance inevitável, a cada quatro anos, para muita gente: enquanto houver bola rolando na Copa do Mundo, o zigue-zague dos dedos pelo controle remoto obedecerá, não tem jeito, à tabela de jogos. Produções de TV e grandes lançamentos de Hollywood têm disputado espaço com uma sequência quase ininterrupta de partidas — aliás, muitas delas acontecem entre seleções que, fora do Mundial, dificilmente mobilizariam tanta atenção. O resultado é uma mudança significativa, apesar de temporária, na geografia do consumo cultural.

A título de exemplo, “Toy Story 5”, a maior aposta do cinema americano para este mês — que estreou nas telonas na última semana —, levou 1,68 milhão de espectadores às salas brasileiras nos primeiros sete dias em cartaz. O número, embora expressivo, representa uma queda de mais ou menos 40% em relação ao desempenho de “Toy Story 4”, lançado em 2019 no mesmo período (mas sem a concorrência de uma Copa, e também antes da pandemia e da redução do público de cinema que veio com ela). Em comparação com o último título da franquia, porém, “Toy Story 5” está sendo exibido em solo nacional em 31% mais salas que o antecessor. O analista de mercado Fabiano Ristow, editor do site Filme B, acredita que o movimento tem relação com o futebol.

— Historicamente, em dia de jogo do Brasil na Copa (como acontece hoje) sabemos que o país para. Diferentemente de eventos como o carnaval, em que ainda há pessoas que buscam refúgio no cinema, na Copa do Mundo é diferente. Ela afeta bastante o mercado, e os exibidores buscam alternativas — diz Ristow.

OSTREAMING QUE ESPERE...

O fenômeno se acentua por causa da cobertura “multimodal” que o evento esportivo passou a absorver em tempos de conexão constante na internet. O episódio de uma série continuará lá, intacto no streaming, amanhã e depois de amanhã e depois... Mas o meme de algum pênalti, a reação inusitada da torcida, o gol aos 48, o nome que ninguém esperava dizer (quem aí conhecia Vozinha, o goleiro cabo-verdiano alçado a estrela?), a fofoca envolvendo alguma “selesposa” (como vêm sendo chamadas as mulheres casadas com os atletas) ou até mesmo um desses neologismos futebolísticos, tudo isso envelhece em poucas horas.

— São muitas subtramas. Vai além da bola rolando — comenta a publicitária paulista Luísa Moura, de 28 anos, que escanteou os seriados, ao menos por ora. — Acho o máximo acompanhar as histórias por trás dos jogos. Nem sempre estou prestando atenção só na partida. Fico vendo os comentários nas redes, as torcidas, as famílias dos jogadores...



COM O MAIOR NÚMERO DE PARTIDAS DA HISTÓRIA, COPA DO MUNDO MUDA HÁBITOS DE CONSUMO NA CULTURA E FAZ PÚBLICO PÔR DE LADO FILMES, SÉRIES... AO MENOS, POR ORA

Para alguns — e, ops, há quem precise deixar quieta esta informação — a Copa ocupa até o expediente. O publicitário Victor Rosa, de 27 anos, trabalha diante de três telas. Em junho, uma delas ganhou função exclusiva: transmitir jogos praticamente o dia inteiro. Ele atendeu à ligação do GLOBO enquanto trabalhava e... acompanhava o confronto entre Equador e Alemanha. No meio da entrevista, chegou a interromper a conversa por alguns segundos, convencido de que tinha visto um pênalti para os alemães. Era alarme falso.

— Estou num hiperfoco total com os jogos. Não esperava que fosse ser assim. Mas, num dia desses, me peguei assistindo a Jordânia e Argélia à 1h da manhã — diverte-se.

Antes do torneio, o rapaz tentava terminar as 12 temporadas de “Two and a half men” e acompanhava “O último mestre do ar”. Tudo segue em suspensão. Ele também deixou para depois a nova temporada de “A casa do dragão” e faz o possível para driblar os spoilers na internet.

QUARENTA JOGOS A MAIS

Não faltam exemplos de quem colocou outros hábitos culturais na reserva. A designer Lizandra Pereira, de São Gonçalo, trocou as maratonas noturnas pelas transmissões esportivas e programas de análise (“Que outra oportunidade eu teria de assistir a um Portugal versus Uzbequistão?”, brinca). O analista de sistemas Edison Santiago, de Curitiba, adiou duas idas ao cinema previstas para junho (pa-

ra “Dia D”, de Steven Spielberg, e “Supergirl”) porque, segundo ele, “os filmes podem esperar”. Já a analista de dados Ana Cibeli Mendes reorganizou a rotina em função da tabela de jogos e deixou a nova temporada de “A casa do dragão”, sua série predileta, para depois da competição.

— Nem é uma decisão difícil — atesta a niteroiense.

Fato é que, pela primeira vez, a Copa reúne 48 seleções, 16 a mais do que nas edições anteriores. Com isso, o número de partidas saltou de 64 para 104. Considerando apenas o tempo regulamentar, quem decidir acompanhar todos os jogos passará mais de seis dias diante da televisão — sem contar programas esportivos, podcasts, redes sociais e a infinidade de conteúdos produzidos em torno do torneio.

— O que me pega não são só os jogos, mas também a vontade de participar da conversa, conferir a cobertura e acompanhar as notícias. Assim, vira algo capaz de consumir todo o dia — reforça o crítico de cinema Guilherme Jacobs, que reconhece que seu perfil no

Letterboxd (rede social em que as pessoas registram os filmes a que assistem) se transformou num “deserto”. — Depois de meio-dia, é futebol atrás de futebol. Perdi coisas que vão de mega-lançamentos como “Mestres do Universo” até títulos aclamados que venho esperando há algum tempo, como “O bolo do presidente”.

A conversa permanente em torno da Copa muda o dia a dia nos lares, a exemplo do casal de servidores públicos Marcelo Cruz e Larissa Gaspar. Fanático por futebol, ele admite que sequer abriu a Netflix desde o início do Mundial e deixou para depois séries como “The Boys”, “Demolidor” e “A casa do dragão”. Larissa acompanha boa parte das partidas, mas, de vez em quando, pede tempo.

— Mesmo jogos mais aleatórios eu acabo assistindo por causa do bolão. Mas chega uma hora em que não aguento mais ver futebol e vou para outro quarto ler um livro ou ver um filme bobinho que o Marcelo não quer ver — conta.

TEATROS A PLENO VAPOR DURANTE JOGOS, NA PÁG. 2

Nem mesmo os poderes de Krypton foram suficientes para desbancar “Toy Story 5” do topo das bilheterias: a avaliação é que animação arrecadaria entre US\$ 70 milhões e US\$ 80 milhões em seu segundo final de semana, elevando sua bilheteria total na América do Norte para quase US\$ 300 milhões. Já “Supergirl”, que arrecadou US\$ 18 milhões nas pré-estreias de quinta-feira e na estreia, no dia seguinte, tinha a estimativa de fechar seu primeiro final de semana com cerca de US\$ 40 milhões nos EUA, abaixo das previsões iniciais de mais de US\$ 50 milhões da DC Studios. No Brasil, a previsão de arrecadação, até ontem, era de R\$ 7,2 milhões. O resultado nos EUA estaria abaixo de outras produções da DC cujas estreias foram consideradas como fracassos, a exemplo de “The Flash” (2023, abrindo com US\$ 55 milhões) e “Adão Negro” (2022, US\$ 67 milhões).

‘OBSESSÃO’ MANTÉM FÔLEGO
No fim de semana anterior, “Toy Story 5” teve a maior estreia doméstica de 2026, com US\$ 160 milhões, e alcançou a melhor marca global da franquia, chegando a US\$ 312 milhões em todo o mundo. Já o longa estrelado por Milly Alcock, orçado em US\$ 170 milhões (abaixo dos US\$ 225 milhões de “Superman”, lançado no ano passado), deve ultrapassar US\$ 80 milhões em sua estreia global em 77 mercados internacionais, segundo avaliações da indústria, “Supergirl” traz Milly Alcock (a Rhaenyra Targaryen de “A casa do dragão”) como a kryptoniana Kara Zor-El, prima do Homem de Aço, que chega à Terra com seu cão, Krypto. Ao contrário do primo Clark Kent (David

PODERES DE ‘SUPERGIRL’ NÃO SALVAM ESTREIA



Voo baixo. Milly Alcock em cena de “Supergirl”: arrecadação de até U\$ 40 milhões nos EUA ficou abaixo do previsto pela a DC Studios para o final de semana de estreia

LONGA ESTRELADO POR MILLY ALCOCK FICA ATRÁS DE ‘TOY STORY 5’ EM SEU PRIMEIRO FINAL DE SEMANA, COM RESULTADO AQUÉM DE OUTRAS PRODUÇÕES DA DC CONSIDERADAS FRACASSOS NA ABERTURA, COMO ‘THE FLASH’ E ‘ADÃO NEGRO’

Corenswet), a personagem —que já havia tido uma breve participação em “Superman” (2025) — tem dificuldades de se adaptar à vida na Terra após a destruição de seu planeta natal. Ela, en-

tão, passa os dias farreando em diversos cantos do universo, principalmente em planetas com o sol vermelho, em que não tem poderes e pode, entre outras coisas, embebedar-se. Dirigido

por Craig Gillespie (“Eu, Tonya”, “Cruella”), com roteiro americana da filha de brasileiros Ana Nogueira, o longa traz outros personagens icônicos da DC, como Lobo, interpretado por Ja-

son Momoa (que já havia vivido o Aquaman no DCU). Outra estreia do fim de semana, “Jackass: Último shot de loucura”, mais recente filme da franquia baseada em pegadinhas e desafios cômicos estrelada por Johnny Knoxville, ficou na terceira posição, com uma arrecadação prevista de US\$ 10 milhões na bilheteria doméstica (o que já serviria para cobrir seu orçamento, no mesmo valor). Longo atrás vem o terror

“Obsessão”, dirigido por Curry Barker, com invejável fôlego em seu sétimo fim de semana, com uma previsão de US\$ 9,4 milhões em ingressos vendidos, aproximando o longa de uma marca total de US\$ 250 milhões. Fechando o Top 5 vem “Dia D”, ficção científica dirigida por Steven Spielberg e estrelada por Emily Blunt e Josh O’Connor, com arrecadação prevista de US\$ 7,8 milhões em seu terceiro final de semana.

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Na última quarta-feira, enquanto o Brasil enfrentava a Escócia e confirmava a vaga no mata-mata da Copa do Mundo —fase que prossegue hoje, às 14h, contra o Japão —, havia gente com os celulares desligados e alheia aos gritos que escapavam das ruas. Em duas salas de teatro no Rio, o terceiro sinal soou no mesmo horário em que a bola rolava no gramado. E, sim, os espetáculos transcorreram de forma normal ao longo dos 90 minutos de partida. Diferentemente dos cinemas —que cerram as portas durante jogos do Brasil (a única exceção é a rede UCI, que afirmou não ter disponibilidade para comentar a escolha ao ser contatada pelo GLOBO) —, alguns palcos seguem em plena atividade. No Teatro Multiplan, no VillageMall, na Barra da Tijuca, a equipe de “Meu filho é

NOS TEATROS, O TERCEIRO SINAL SOA JUNTO COM O APITO (OU NÃO)

um musical”, inspirado na trajetória do ator e humorista Paulo Gustavo, decidiu manter a programação inalterada desde o início da temporada. A estratégia deu certo: segundo a produção, mesmo concorrendo com a seleção brasileira, o espetáculo tem reunido entre 400 e 500 espectadores em dias de jogo —cerca de metade da capacidade da sala. Há descontos especiais para grupos nessas datas, como ocorreu na estreia do país no campeonato, às 19h de uma sexta-feira (na ocasião, houve duas sessões seguidas, com 600 e 400 pagantes, a maior parte deles formada por mulheres com idades acima dos 50 anos).

—Em nenhum momento pensamos em cancelar ou alterar horários em cima da hora, porque acreditamos na força do espetáculo e no compromisso com o nosso público, que se planeja para estar conosco — diz a produtora Renata Borges Pimenta. — Isso mostra que o teatro musical tem um público muito fiel e que há uma demanda reprimida por entretenimento ao vivo que vai além do futebol. Percebemos uma plateia entusiasmada, que muitas vezes escolhe o teatro justamente para celebrar ou estender o clima de festa do dia. E os atores, sabendo de algum gol do Brasil, estão ensaia-

dos a dar, de forma sutil, o placar junto a plateia.

NO FIO DA NAVALHA

Nem sempre, porém, a conta fecha. Na maior parte dos teatros, a coincidência entre sessões e jogos da seleção inspira apreensão — tanto que parte das produções prefere cancelar apresentações ou adaptar a programação em dias de Copa.

Foi o caso de “Elogio da loucura”, que encerrou ontem uma temporada bem-sucedida no CCBB, na capital fluminense. Na última quarta-feira, para evitar o confronto direto com Brasil e Escócia, a produção antecipou o horário da sessão, que terminou pou-

co antes do apito inicial em campo. Ainda assim, a atriz Leona Cavalli cultivou receio de encontrar a plateia vazia.

—Foi um risco manter a peça naquele horário, mas a plateia lotou. Acho que isso mostra que, embora o futebol continue sendo uma paixão nacional, hoje existe uma diversidade maior de interesses. A arte e o esporte sempre se encontraram — diz a atriz, que, terminada a apresentação, correu para a casa da colega Nathalia Timberg, com quem acompanhou a partida junto a mais amigos em comum.

A experiência de Rodrigo Penna não foi bem a mesma. O diretor viu a derradeira sessão da temporada do es-

petáculo “Aurora” —no Teatro Poesira, em Botafogo — coincidir justamente com o horário do duelo entre Brasil e Escócia. Embora boa parte dos ingressos já tivesse sido vendida, mais da metade dos espectadores desistiu de comparecer, deixando vazia a maior parcela das cadeiras na plateia.

—Foi melancólico fechar uma temporada tão bonita desse jeito — reconhece o diretor. —E não deixa de ser simbólico, sabe? Isso mostra que o jogo nunca está ganhando para a cultura, especialmente para o teatro. Mas, tudo bem, sem drama, né? O que importa é que a temporada foi linda. E bola pra frente...

Colaboraram Lucas Salgado, Mariana Rosário e Livia Mendes (estagiária sob supervisão de Gustavo Cunha)

HORÓSCOPO Cláudia Lisboa

ÁRIES (21/3 A 20/4) Elemento: Fogo. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Libra. Regente: Marte. A responsabilidade que você assumiu revelará se existe uma ferida ligada a reconhecimento, cobrança ou medo de falhar. Reavalie o peso que aceitou carregar, com consciência dos seus limites e humanidade.

TOURO (21/4 A 20/5) Elemento: Terra. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Escorpião. Regente: Vênus. Uma convicção perderá a aparência de resposta definitiva e abrirá espaço para uma compreensão mais honesta do que sustenta sua caminhada. Revise o que ainda faz sentido e transforme aprendizado em direção.

GÊMEOS (21/5 A 20/6) Elemento: Ar. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Sagitário. Regente: Mercúrio. Um assunto mal amarrado voltará a pedir clareza, especialmente se envolver questões de confiança ou aquilo que ninguém quis nomear de primeira. Ajuste termos e deixe de adivinhar o que precisa ser dito.

CÂNCER (21/6 A 22/7) Elemento: Água. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Capricórnio. Regente: Lua. Alguém tocará justamente no ponto em que você tenta parecer compreensivo demais quando, por dentro, já sabe que precisa de outra resposta. Escute o incômodo sem gerar defesa nem concessão automáticas.

LEÃO (23/7 A 22/8) Elemento: Fogo. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Aquário. Regente: Sol. O acúmulo de pequenas obrigações mostrará se sua energia foi gasta para manter tudo funcionando sem perguntar se esse modelo ainda vale ou apenas repete desgastes. Refaça o combinado com o cotidiano.

VIRGEM (23/8 A 22/9) Elemento: Terra. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Peixes. Regente: Mercúrio. A vontade de se expressar encontrará uma tensão entre aparecer com verdade e continuar protegendo uma imagem de controle. Evite transformar a alegria em desempenho ou o desejo em problema a resolver.

LIBRA (23/9 A 22/10) Elemento: Ar. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Áries. Regente: Vênus. Uma memória, sensação ou conversa familiar terá nitidez para mostrar o que já pode ser reparado. Evite o papel de quem entende tudo, mas organize a base com gestos firmes, sem silenciar a própria voz.

ESCORPIÃO (23/10 A 21/11) Elemento: Água. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Touro. Regente: Plutão. Respostas pendentes ou conversas interrompidas voltarão com um outro peso. Perceba se há uma dor escondida no modo de se defender. A palavra certa precisa apenas abrir passagem para o entendimento.

SAGITÁRIO (22/11 A 21/12) Elemento: Fogo. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Gêmeos. Regente: Júpiter. Uma escolha mostrará se você está preservando o que sustenta sua vida ou negociando demais para manter a sensação de segurança. Reveja prioridades sem culpa. Tempo, energia e desejo merecem melhor destino.

CAPRICÓRNIO (22/12 A 20/1) Elemento: Terra. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Câncer. Regente: Saturno. A imagem de força que você costuma sustentar ficará mais transparente, revelando tanto a maturidade conquistada quanto a parte cansada de estar sempre firme. Permita-se corrigir a rota ou pedir apoio.

AQUÁRIO (21/1 A 19/2) Elemento: Ar. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Leão. Regente: Urano. Sensações estranhas ou culpas antigas distorcerão o tamanho real de um problema. Recolha-se antes de decidir. O que parece urgência talvez seja apenas um pedido de descanso, revisão ou menos fantasia.

PEIXES (20/2 A 20/3) Elemento: Água. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Virgem. Regente: Netuno. A vontade de pertencer a certos espaços mostrará quais vínculos ajudam a se recompor e quais repetem antigas inseguranças em formato coletivo. Escolha alianças. Estar junto não significa dissolver a voz.

_ **SEG** _ Joaquim Ferreira dos Santos _ **QUA** _ Martha Batalha (quizenal) _ Pedro Pacifico (quizenal) _ **QUI** _ Cora Rónai _ Gustavo Pinheiro (quizenal, página 2) _ Julio Maria (quizenal, página 2)_ **SEX** _ Ruth de Aquino_Nelson Motta (página 2)_ **SÁB** _ José Eduardo Agualusa_Michel Alcoforado (página 2)_ **DOM** _Ingrid Guimarães (quizenal)



JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

segundocaderno@oglobo.com.br

O FUTEBOL É UMA CAIXINHA DE MEMÓRIAS

Eu me lembro que Nilton Santos era o “Enciclopédia”, Pelé, o “Rei”, Gérson, o “Canhotinha de Ouro”, Didi, o “Príncipe Etíope”, Rivellino, a “Patada Atômica”. Hoje, só Neymar, 34 anos, carrega um aposto, sintomaticamente diminutivo — é o “Menino Ney”. Eu me lembro que o primeiro comentarista de arbitragem foi o ex-juiz Mário Vianna, um sujeito-muito-homem, brigão da Urca. Quando um jogador era flagrado em impedimento ele gritava ao microfone da Rádio Globo: “Banheeeeeira! Banheiraaa!!!” Mário Vianna recusar-se-ia a usar uma câmera pregada na bochecha.

Eu me lembro do conto “Abril, no Rio, em 1970”, do Rubem Fonseca, em que um personagem avalia o preparo físico dos jogadores pelo cuspe —o do Gérson saía fininho, cristalino, entre os dentes; já o do Tostão, naquele momento contundido, saía que nem uma bolota de “marchemelo”. Eu tenho reparado as cusparadas mostradas pela TV —são todas assim, meio marchemeladas. Eu me lembro que o primeiro time era meu e o segundo time-teu. Eu me lembro que Mané Garrincha, de pernas tortas, namorava a vedete Angelita Marti-

nez, de pernas fabulosas e cantora da marchinha “Mané que brilhou lá na Suécia/ Mané que nasceu em Pau Grande”. No carnaval, o pessoal do bloco trocava a preposição “em” por outra, o que dava uma dimensão extraordinária aos dotes do grande ponta. Eu me lembro que dias atrás atribuí ao locutor Orlando Batista, da Rádio Mauá, o bordão “não adianta chorar, a nega tá lá dentro”. Errei. É de Celso Garcia, da Rádio Globo. No pós-gol, Orlando Batista gritava “Bota no meio, Malcher”, sendo Malcher o juiz da partida —e sendo, uma expressão ou outra, as duas bem discutíveis aos ouvidos de hoje. Eu me lembro que Maneco, o Saci de Irajá, cracaço do América, morava na Rua da Prosperidade, 95, perto da minha casa, quando, em 1956, endividado, o ídolo do bairro pôs fim à própria vida ingerindo uma porção letal de guaraná com formicida. Irajá chorou de dor e eu também ao ver o féretro saindo da Rua da Prospe-

EU ME LEMBRO DE OTELO, O CAÇADOR, AQUI NO GLOBO, MOSTRANDO COM O SEU PLACAR MORAL, QUE O FUTEBOL IMITA A VIDA — NEM SEMPRE VENCE QUEM JOGA MELHOR

RICARDO FERREIRA
ricardo.ferreira@oglobo.com.br

Goiana de 22 anos, Mari Froes não dá pinta nas rádios brasileiras, mas esgotou ingressos em casas de Amsterdã, Estocolmo e Budapeste recentemente. Na quarta-feira, a cantora se apresentou em Florença, na Itália, a 17ª cidade de uma turnê que percorre a Europa e que ainda não chegou na metade. Desde o início do ano, a voz grave de Mari Froes já passou por cidades como Londres, Manchester, Dublin, Bruxelas, Luxemburgo, Porto e Lisboa. Depois de Florença, ela segue para compromissos em Salerno, Córsega, Roma, Copenhague, Istambul, Madri e Roterdã, entre outros destinos. Até o dia 8 de agosto ela terá percorrido 35 cidades em 17 países. Em Portugal, Mari Froes esteve na escalação do Primavera Sound. No dia 12 de julho, será uma das atrações do North Sea Jazz, em Roterdã, um dos maiores eventos de jazz do mundo que já recebeu nomes como Miles Davis, Herbie Hancock, Prince e Stevie Wonder. Depois, segue para Berne, onde canta no Gurtenfestival, tradicional festival da Suíça. Como se deu esse burburinho lá fora? Dona de voz grave e de personalidade, com repertório ancorado em variações da MPB, Mari Froes começou a carreira cantando covers no YouTube. Muitos desses views gringos, vale dizer. Em 2024, uma versão dela de “Figa de Guiné”, de Nei Lopes e Reginaldo Bessa, viralizou nas redes sociais a partir de um remix do duo francês de música eletrônica Trinix (formado pelos produtores e músicos Josh Chergui e Lois Serre), ultrapassando 72 milhões de visualizações. Atualmente, a dupla exhibe outros remixes dela em seu perfil, como com a canção autoral “Vaitimbora”. Vieram outros hits, até que a cantora começou a investir nas próprias composições. Mari fechou com o selo 777 Music Group em parceria com a Sony Alemanha, o que ajudou a direcioná-la para o mercado internacional. Mari Froes prepara o lançamento seu primeiro álbum de estúdio e planeja uma passagem pelo Brasil no fim do ano, a partir de dezembro.

Em entrevista à Quem, em 2020, você disse que se deu conta de que queria seguir na música quando seu vídeo ‘Girassóis de Van Gogh’, cover do Baco Exu do Blues, viralizou. Por que antes achava, como afirmou, que não era possível? Eu achava que era impossível porque sabia que era algo muito improvável, sabe? Infelizmente ainda é difícil para os artistas conseguirem viver da sua própria arte, e eu pensava “Com tantas pessoas tão talentosas e incríveis, por que logo eu?” Mas, mesmo duvidando disso, continuei a cantar e a gravar meus vídeos, e pra minha surpresa as coisas acabaram se desenrolando naturalmente, e estou aqui hoje em dia desfrutando de tantas coisas incríveis. Esse é um caminho repetido por muitas cantoras da nova geração: se lançar com covers, e aos poucos mostrar um trabalho autoral. Essa trajetória foi planejada por você ou foi acontecendo?

ENTREVISTA MARI FROES

‘É DIFÍCIL VIVER DA SUA ARTE’

CANTORA GOIANA QUE ACHAVA IMPOSSÍVEL GANHAR A VIDA NO PALCO LOTA SHOWS NA EUROPA E VEM AO BRASIL NO FIM DO ANO, APÓS TURNÊ POR 35 CIDADES EM 17 PAÍSES

Trajetória.
Mari Froes começou com covers no YouTube, viralizou com remix feito pelo duo francês Trinix, passou a canções próprias e lançou 1º álbum

Para mim é algo que aconteceu naturalmente. No começo, postava covers de músicas que me inspiravam de alguma forma. Não tinha confiança para gravar minhas próprias músicas ainda, apesar de compor muito. Foi com o apoio dos fãs e com o passar do tempo que comecei a lançar minhas primeiras composições autorais, e desde então esse lado meu foi aflorando cada vez mais. Compor pra mim é tão necessário quanto comer ou respirar, é uma forma de me acalmar e de me manter em paz comigo mesma, e fico muito feliz que o público tenha recebido sempre tão bem esse lado meu. Pode falar um pouco sobre sua infância em Anápolis e sobre seus pais? (Já li que te influenciaram na música.) Como era a Mari criança? Mais tímida ou mais expansiva?

Pensava em música desde cedo? A Mari criança era definitivamente tímida, reservada, mas muito sonhadora e criativa. Minha mãe sempre conta que eu dizia para ela “Mãe, eu vou cantar para o mundo”. Isso muitos anos atrás, em Goiânia, e para mim é surreal como a vida foi se movimentando para isso. Minha mãe gosta muito de MPB, já meu pai adora pós-punk, e eu cresci ouvindo essa mistura de gêneros e fui conhecendo mais do samba e da bossa nova por conta própria. Cantar foi a primeira coisa que eu quis ter como profissão na vida, ainda criança, e é incrível poder viver isso nos dias de hoje. Já adolescente, tinha algum plano B para o caso de não seguir na música? Pensava em fazer alguma faculdade?

Maneco foi meu primeiro luto. Eu me lembro que o craque da partida ganhava uma noite de amor no motel Champion na Avenida Brasil. Eu me lembro que não queria ser o Rubem Braga —eu queria ser o Dida. Eu me lembro de Otelio, o Caçador, aqui no GLOBO, mostrando com o seu Placar Moral, que o futebol imita a vida — nem sempre vence quem joga melhor. Era um filósofo do ludopédio. Eu me lembro que na Copa de 1986, no México, eu fazia parte da equipe do Jornal do Brasil ao lado de monstros sagrados como Oldemário Touguinhó, João Saldanha e Sandro Moreira, o que é evidentemente a linha primeira do meu currículo de jornalista esportivo. Foram todos muito solidários quando passei três dias num quarto de hotel, vítima da Maldição de Montezuma. Eu me lembro que o Doalcey Bueno de Camargo, na Tupi, chamava a marca do pênalti de “marca fatal”, mais ou menos na mesma linha dramática que o austríaco Peter Handke usou ao titular seu livro de “O medo do goleiro na hora do pênalti”. Eu me lembro que Camus foi goleiro e, talvez por isso, autor de “A peste”. Eu me lembro que esse jogo não pode ser um a um.

Como eu imaginava que cantar seria um sonho impossível, estava estudando para me tornar uma diplomata um dia, já que gosto muito de línguas e de relações internacionais. Também já quis ser arquiteta e designer de interiores, são outros assuntos que adoro e sempre gostei de estudar sobre. Felizmente o caminho da música chegou até mim muito cedo, e segui nele com todo o meu coração.

Quais são suas principais influências na música? Jorge Ben Jor, Vinicius de Moraes, Chico Buarque, Tom Jobim, Clara Nunes, Baden Powell, Cesária Évora, João Gilberto, Djavan e muitos mais. A música lusófona me inspira demais, somos abençoados com uma quantidade e qualidade surreal de música em nossa língua, e eu absorvo o máximo possível disso sempre. Olhando seu trabalho no Spotify, desde sua estreia na plataforma, há muitos singles, um EP, e participações em outros projetos. Como foi esse planejamento de lançamentos? Pretende lançar um álbum? Meu primeiro disco se chama “Estrada do Sol” e será lançado no meio desse ano, e estou muito feliz de finalmente lançar esse projeto no qual eu estive trabalhando com tanto carinho há tanto tempo. É um marco pra mim finalmente lançar meu primeiro álbum, principalmente depois de tantos singles e do meu EP “Nebulosa”, e acredito que esse seja o momento ideal para isso, mostrar ao mundo quem eu sou sem filtro e trazer com tudo toda essa linguagem ampla que já estive me acompanhando nesses últimos lançamentos.

Chama atenção a quantidade de datas na Europa que sua turnê contempla. Como se deu essa construção do seu trabalho fora do Brasil? Acredito que algo no meu som sempre atraiu uma quantidade significativa de estrangeiros, desde o começo, nos covers do YouTube. Me lembro que vinha a galera do México, da Colômbia, da Europa, e agora com “Figa de Guiné” e “Vaitimbora” isso se ampliou ainda vez mais. A Europa abraçou bastante a minha arte e a demanda foi aumentando a cada ano. Agora estamos com 42 datas por aqui, e está sendo completamente mágico compartilhar esses momentos com o público daqui.

E para os brasileiros que conhecem pouco o seu som, ou não conhece, como você descreveria seu trabalho? Encaixaria sua música dentro de algum ou alguns gêneros? Para quem não me conhece, acho que eu diria que meu som é uma mescla de tudo. Do antigo com o novo, do moderno com o tradicional, e principalmente um som que, apesar de ter um apelo global, traz com muito orgulho nossas origens brasileiras. Gosto de trazer comigo muito suingue, axé, energia, paixão pela arte e sentimento, sempre. Uma mistura de samba, MPB, world music, bossa nova, pop, chanson francesa, jazz, blues e algumas coisinhas mais que eu amo e quero compartilhar com o mundo.

